

UNESP - Universidade Estadual Paulista

SILVIA REGINA PAES

ESPAÇO DA VIDA, ESPAÇO DA MORTE NA TRAJETÓRIA

CAIÇARA

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação da
UNESP/F.C.L./Araraquara, para a
obtenção do título de Mestre em
Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. SILVIA MARIA SCHMUZIGER DE CARVALHO

Araraquara

1998

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	04
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I: Representações sociais	10
1. O conceito de representações sociais.....	10
2. Representações sociais em alguns autores.....	11
3. Representações sociais e linguagem.....	13
4. Representações sociais e memória.....	15
5. Representações sociais e o mito.....	18
6. Representações sociais e as narrativas.....	20
CAPÍTULO II: O litoral e o caiçara	26
1. Breve histórico da região objeto de estudo.....	26
2. Os caiçaras.....	29
CAPÍTULO III: A terra	33
1. Em terra firme: a roça e a mata.....	33
2. Uma picada e vários acontecimentos: a outra dimensão do caminho.....	35
3. Mulheres e ervas: uma relação estreita.....	40
4. A mata e seus mistérios.....	44
5. Do outro lado da mata.....	48
CAPÍTULO IV: O mangue	53
1. Saindo da terra: pisando na lama.....	53
CAPÍTULO V: O rio	57
1. O rio Juqueriquerê.....	57
2. O rio na memória dos que o viveram quando ele era farto.....	60

3. A representação do rio no imaginário caiçara.....	69
CAPÍTULO VI: O mar.....	73
1. Ainda em terra a caminho do mar : na praia.....	73
2. Já nas águas do mar misterioso mar.....	76
3. “O rei dos peixes”: o mar no imaginário caiçara.....	83
CAPÍTULO VII: No céu: o sinal do tempo.....	87
CAPÍTULO VIII: Outros tempos, outras redes, outros mares.....	92
Considerações finais.....	96
BIBLIOGRAFIA.....	100
ANEXO.....	107
GLOSSÁRIO.....	116
FOTOGRAFIAS	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho iniciou-se com uma preocupação de resgatar a cultura caiçara, ou melhor, uma parte dela, que ainda sobrevive no bairro Porto Novo em Caraguatatuba/SP. Esse bairro passou por uma rápida transformação após a década de 1960, sendo que até então os caiçaras que lá viviam e ainda vivem não haviam entrado num processo grande de transformação sócio-cultural e ambiental. Viviam exclusivamente da natureza e as relações sociais eram com base no compadrio, a família compondo o núcleo econômico e também social principal.

O resgate do que se convencionou chamar de cultura caiçara se deu, nesse trabalho, a partir dos relatos orais feitos pelos caiçaras que ainda vivem nesse bairro. A partir da memória, do ato de lembrar, é que foi possível levantar as representações que os moradores do lugar pesquisado faziam da natureza e qual a relação deles com a mesma.

Sendo assim, me deparei com um problema que a princípio me foi dificultoso, ou seja, o fato de eu ser caiçara e ter vivido nesse mesmo bairro durante 23 anos. Somente saí dele para estudar, em 1988. Foi a partir da ausência, que senti a necessidade desse trabalho. O problema de início parecia ser grande, pois as pessoas que eu iria entrevistar são meus parentes, me viram nascer e cresceram comigo. A questão era: qual o meu posicionamento, enquanto pesquisadora, diante desse fato? Neutralidade? Impossível. Porém resolvi enfrentar o desafio e me posicionar o mais possível enquanto pesquisadora norteada pelas técnicas escolhidas, correndo os mesmos riscos de qualquer pesquisador em campo. Erros e acertos, o uso do bom senso, quando em situações inesperadas, e um longo aprendizado acadêmico me levaram a realizar

esse trabalho. Sendo assim, há um outro lado do problema, ou seja, o fato de eu conhecer o lugar e os moradores. Isso me facilitou o acesso às pessoas e aos locais por onde elas circulam quando estão trabalhando.

Foi uma reconstrução da memória da própria pesquisadora, pois vivi na infância muito do que foi relatado. Minha identidade básica e fundamental enquanto caiçara e ser humano, foi formada e construída nos mesmos espaços sobre os quais aqui escrevo, e conjuntamente com as pessoas entrevistadas. Há muito das águas salgadas ou doces, lama ou terra firme em meu pensamento. Muitas histórias aqui narradas estão incrustadas no meu ser e ajudaram a formar o que eu sou hoje.

Um outro fator também importante para o desenvolvimento desse projeto foi o treinamento que realizei no Centro de Estudos Indígenas “Miguel Menendez” (CEIMAM). Os trabalhos realizados neste Centro focalizaram o mito, a cultura material e a visão de mundo das sociedades indígenas.

Estes trabalhos intensificaram o meu interesse em estudar a relação caiçara x natureza. Porque as leituras que realizei sobre a cultura indígena, e como esta se relacionava com a natureza, fizeram com que eu percebesse as suas semelhanças, em vários aspectos, com a cultura caiçara. Obviamente este fato se deve também à descendência indígena do caiçara. Preservar o conhecimento do índio, do camponês, do caiçara, sobre o meio natural em que vivem, acredito que seja uma maneira de se preservar a própria vida. Não somente a deles, mas a nossa também. Tentar compreender a maneira de ser e estar no mundo do Outro (sua visão da natureza, de si mesmo) poderá contribuir para uma reflexão sobre nós mesmos. Afinal, o caiçara e o camponês compartilham em parte desse pensamento dito ocidental, pois foram gerados, de

certa forma, pelo contato interétnico. Porém não se enquadram na estrutura capitalista dominante: são os “selvagens de dentro” (Laplantine, 1991).

Este trabalho só foi possível porque me cerquei de pessoas valiosíssimas e devido a este fato quero agradecer-lhes.

À Professora Silvia Maria Schmuziger de Carvalho pela orientação em todos os sentidos e além dele.

À Professora Maria Aparecida de Moraes Silva, pelas “dicas” maravilhosas durante o Grupo Temático: “Memória e Identidade”. Elas muito me auxiliaram no transcorrer de minha pesquisa.

Quero agradecer com muito carinho a todos os caiçaras que, ao revelar suas lembranças acabaram me desvendando: à Dona Laura, à Dona Caetana, à Tia Dita, à Tia Orendina (in memória), à Dona Caçula (in memória), à Tia Helena, ao Seu Totonho, Seu Inácio, ao Toca, ao Chandro, Ao Nilton, ao Dazil, ao Seu Pedro, e a muitos outros que estão também inseridos neste trabalho.

Ao Senhor Pedro e Dona Irene (meus pais) pelo apoio e por acreditarem sempre.

À CAPES, pela bolsa cedida durante o curso de Pós-Graduação.

Resumo

Introdução: Este é um trabalho sobre a relação dos caiçaras com a natureza. Analisamos as representações sociais que os caiçaras elaboraram e ainda elaboram dos espaços naturais (rio, mar, mata e mangue) por eles habitados.

Metodologia: As representações sobre a natureza foram pesquisadas a partir de

um estudo de memória que se preocupou em resgatar os contos e mitos relacionados ao meio natural. Os relatos orais nos proporcionaram o levantamento do que foi ser caiçara antigamente, o conhecimento que o mesmo tinha em relação a natureza e o que ainda resta desse saber. **Conclusão:** apesar das transformações sócio-cultural-ambientais ocorridas após as décadas de 60 e 70, há ainda uma identidade caiçara reconhecida pelos mais jovens que continuam a navegar pelos rios e mares. Mesmo com todas essas mudanças, os moradores ainda se reconhecem enquanto caiçaras.

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho sobre a relação dos caiçaras com a natureza. Analisamos as representações sociais que os caiçaras fazem dos espaços naturais por eles habitados, e também sua relação com animais e plantas que fazem parte desses cenários, tais como: peixes, aves, bichos e plantas. Os espaços aqui estudados são: a terra (a roça e a mata); o mangue, o rio e o mar.

A população por nós estudada, nesta pesquisa, está localizada no bairro Porto Novo, em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo.

Conversamos com homens e mulheres que sempre moraram nesse bairro. Entrevistamos pescadores que gostam mais de pescar no rio e outros que preferem o mar; há os que somente preferem caçar; há ainda os que se locomovem por todos esses espaços. Mas todos os conhecem muito bem, pois neles vivem.

Recolhemos histórias, lendas, “lorotas” ou “causos”, como eles mesmos dizem, relacionados aos espaços estudados e também às espécies naturais que habitam esses espaços.

Iniciamos o primeiro capítulo com a questão metodológica, isto é, analisamos o tratamento dado às representações sociais em diversos autores, e cruzamos esses dados com as diversas ramificações, tais como: linguagem, memória, mito, narrativa. Compreendemos ser as representações sociais um aspecto da sociedade muito importante para um melhor entendimento da visão de mundo do social que se pretende estudar. Faz-se necessária, portanto, a análise das representações sociais para assim conhecermos como o grupo atua e pensa

o meio no qual está inserido.

O segundo capítulo descreve, de maneira panorâmica, a região litorânea e as transformações ocorridas na mesma, fazendo ainda uma apresentação dos caiçaras e as representações feitas sobre eles por alguns autores.

Nos capítulos seguintes são analisados o conhecimento prático e o simbólico dos caiçaras sobre os espaços (a terra, o mangue, o rio, o mar e o céu) dos quais retiram seu sustento. Iniciamos esses capítulos pelo espaço da Terra. A seqüência segue uma simples imagem da água que cai da Serra (alto) e do céu ou brota do chão, vem serpenteando até a planície, vira rio que deságua no mar. Essa circularidade da natureza: é “sempre o mesmo ritual”, como disse um jovem caiçara. É o ciclo da própria vida. Vivia-se outrora a sazonalidade da própria natureza, em um tempo aqui analisado, a partir do ato de lembrar. Por isso procuramos reconstruir, através da memória, as representações que os caiçaras faziam da natureza, quando esta compunha o cenário principal do bairro aqui estudado. Através das histórias narradas por eles, observamos um pouco da relação homem-natureza.

A reconstrução do passado é uma forma de avaliar o que é ser caiçara hoje, pois ele ainda se autodenomina “caiçara”. O que é viver nos mesmos espaços, num processo de transformação ocorrido após as décadas de 1960 e 1970? O que ainda lhes resta da natureza, fazendo com que ajam com o mesmo respeito e parcimônia como o faziam “de primeiro”?

Transformações ocorreram tanto nos espaços, como na maneira de se pensar os mesmos. Porém há de se observar o que permanece ainda. Há ainda a herança passada pelos mais velhos. Estes ainda estão em cena. A geração que hoje de 30 e 40 anos ainda repete os ensinamentos aos mais novos e estes pretendem repassar as informações aprendidas aos futuros filhos. Com isso, há ainda uma consciência do que é ser caiçara. E ele está circulando, ainda com canoas, barcos e com uma mente composta de idéias novas e tradicionais.

Portanto, “outros tempos, outras redes, outros mares” mostram a dificuldades de ser caiçara atualmente. Contudo ainda se é.

Capítulo I

Representações sociais

1 - O conceito de representações sociais

Trabalhar com a categoria das representações sociais de uma sociedade ou cultura é um compromisso bastante difícil, pois estamos lidando com idéias ou imagens mentais que determinada população tem sobre a realidade, ou sobre si mesma. Estaremos penetrando em outro lado, num mundo paralelo, mas que também é análogo ao real. Caracteriza-se como uma outra maneira de interpretação da realidade, ou mesmo de captá-la.

José Guilherme Cantor Magnani (1988) afirma que o conceito de representações sociais é vulgarmente interpretado como uma espécie de imagem mental da realidade, o que não deixa de ser; porém as análises devem, obviamente, ir muito além desta simples constatação.

Porém, como instrumento de análise, as representações sociais são muito mais complexas e envolvem diversos elementos que, por si só, já requerem maiores cuidados. Tais elementos serão posteriormente discutidos.

O conceito de representações sociais está sendo discutido por várias disciplinas, principalmente a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia. O precursor dessa discussão foi Durkheim. Durkheim denominava as representações sociais de “representações coletivas”. Na Psicologia Social a expressão foi introduzida principalmente por Serge Moscovici (in Sandra Jovchelovitch, 1994) como representações sociais. As representações sociais são aí entendidas como sendo “*o domínio das operações simbólicas, o espaço das construções humanas sobre o real*” (Sandra Jovchelovitch, 1994: 64).

As representações sociais são criações dos homens que vivem em sociedade. Elas estão recheadas de símbolos, metáforas significantes que nos auxiliaram na tentativa de interpretação de uma cultura que se convencionou chamar de caixara.

As representações sociais mostram a preocupação do homem em pensar o mundo em que vive. Ou mesmo, estabelecem uma relação de diálogo

com o outro, desencadeando o processo de compreensão/explicação no dizer de Edgar Morin. Parece-nos que é nesse processo que as representações sociais se formam e se organizam.

Quando estamos, neste trabalho, escrevendo sobre representações sociais, temos que levar em consideração outros elementos que interagem, circulam ou mesmo estão em sintonia com elas, ou seja, o conceito de memória, de linguagem, as categorias de tempo e espaço.

A memória coletiva ou social e as representações sociais se tornam visíveis a partir da linguagem falada, primeiramente, e depois por outras maneiras (desenho, escrita, etc.) e também em um determinado tempo e espaço.

Enfim, as representações

simulam o real, são um modelo de reconhecimento e de conhecimento por analogia e são inerentes a toda a atividade cognitiva e a todo pensamento (Morin, 1991).

2 - Representações sociais em alguns autores

As representações sociais (RS) foram de certa forma uma preocupação para alguns pensadores clássicos da Sociologia e da Antropologia. Seja para tratar da questão religiosa como em Durkheim, ou da questão mitológica como em Malinowski.

Durkheim utiliza o conceito de representações coletivas também como criação mental: *“uma categoria do pensamento que expressa a realidade”* (Minayo, 1994). As RS são constituídas de elementos simbólicos. Em especial, nas *Formas elementares da vida religiosa*, Durkheim analisa as representações coletivas como possuidoras de símbolos que contêm a realidade. Porém, adverte que é necessário *“saber atingir a realidade que ele (símbolo) figura e que lhe dá sua verdadeira significação”* (Durkheim, 1983).

O fato social para Durkheim é oriundo da representação social e é, portanto, uma construção social. Assim como o fato social é exterior ao indivíduo, as representações coletivas também exercem o poder de coerção. Enfim, para Durkheim

...as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber (1983).

Em Max Weber, segundo Minayo (1994), as representações sociais estão inseridas no conceito de idéias, espírito, concepções, mentalidade e ainda na noção de “visão de mundo”. Para essa mesma autora (idem), Weber conceitua representações sociais como sendo *“uma conduta cotidiana dos indivíduos ... carregada de significação cultural.”*

Minayo (ibid.) também analisa o conceito de representações sociais em Marx. Segundo ela, esse conceito está explícito e inserido no de consciência, correspondendo a idéias e pensamentos, que são discutidos por Marx e Engels na obra *“A Ideologia Alemã”*. Nela, os dois autores assinalam que

...o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material (1986:53).

A consciência para Marx é determinada pelo modo de produção da vida material e essa idéia está expressa na famosa: *“não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.”* (Marx/Engels, 1986:52)

Porém, este determinismo em Marx, segundo Minayo (ibid.), é relativo, pois numa relação dialética há um lógico retorno: *“as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias.”* O próprio Marx e Engels observam esse movimento.

As representações também são analisadas como sendo as idéias de senso comum e que estão ligadas ao cotidiano de uma sociedade, conforme Schutz e Gramsci, citados por Minayo (1994:95-101). Para o primeiro, no senso comum (existência cotidiana) estão as estruturas significantes de um grupo; para o segundo, o senso comum é formado pelas *“condições reais de vida da população.”*

Em Lukács, representação social é interpretada, ainda por Minayo (ibid., p. 102), como sendo visão de mundo, isto é, *“como um conjunto de aspirações, de sentimentos e idéias que reúnem os membros de um grupo...”*

Geertz também utiliza-se do conceito de “visão de mundo”, como

quadro que elabora (uma determinada cultura) das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesma, da sociedade... (Geertz, 1989:103-04).

Outros autores, contemporâneos, trabalham com a questão da representação social. Porém, esses se utilizam dos clássicos da Sociologia e da Antropologia para fundamentarem suas hipóteses.

Gilbert Durand ao tratar das questões de imaginação e simbologia afirma que: “o símbolo é uma representação que demonstra um sentido secreto, como a “epifania de um mistério” (1988:15).

Edgar Morin afirma que:

o conhecimento e o reconhecimento por analogia são inerentes a toda atividade cognitiva e a todo pensamento... o fim da atividade cognitiva é ‘simular’ o real percebido construindo um analogon mental (representação) e simular o real concebido elaborando um analogon ideal (teoria) (1991:132).

3 - Representações sociais e linguagem

Uma das maneiras das representações sociais serem expressa é através da linguagem, esta, como fator de conhecimento e de interação social.

A linguagem nas sociedades modernas é a “*única importante fonte de representações coletivas*” (Robert M. Farr, 1994:41). A fala é a expressão da linguagem e, portanto, da representação. Inferimos o ato de nos comunicarmos como um fator gerador e formador das representações sociais. Através do diálogo, ou mesmo do discurso estamos exercitando o ato de pensar. Estamos formando as representações sobre o real.

Para Bourdieu

a língua não pode ser apreendida fora da palavra (...) posto que a aprendizagem da língua se faz pela palavra e que a palavra está na origem das inovações e das transformações da língua (1983:51).

Mais adiante ainda, referindo-se à relação da língua com a palavra, ele, Bourdieu, afirma que “*a palavra também é um produto da língua*” (1983:52).

Através da língua e da palavra, se estabelece o processo de

comunicação entre as pessoas de uma sociedade. Da interação a partir do diálogo, do discurso, processa-se a “*comunicação para o conhecimento*” (Bourdieu, 1993).

É no espaço público, onde se dá a interação entre os sujeitos, que as representações sociais se formam. Há, portanto, uma circulação de conhecimento para o estabelecimento de identidade de uma comunidade ou sociedade.

Ainda em Bourdieu “(...) *o universo social é um sistema de trocas simbólicas e a ação social um ato de comunicação*” (ibid p. 51).

Sandra Jovchelovitch analisa o espaço público como sendo o espaço onde sujeitos em convívio com outros constroem uma visão de si próprios e do mundo, ou seja, onde desenvolvem as representações sociais. Afirma que

os processos que engendram as representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura (Jovchelovitch, 1994:79).

Gilbert Durand explica que a consciência tem duas maneiras de representar o mundo: a direta e a indireta. Na primeira, a

coisa parece estar presente na mente...”; na segunda “por qualquer razão, o objeto não pode se apresentar à sensibilidade em carne e osso (Durand, 1988:11).

Durand cita Paul Ricouer, pois este admite que o símbolo possui três dimensões concretas, que são o mundo das representações diretas (visíveis), sejam elas: a cósmica (mundo visível); a onírica (lembranças, gestos, etc.) e a poética (linguagem concreta). A outra dimensão não concreta, do invisível e indizível do símbolo faz parte das representações indiretas que possuem também sua lógica.

Um recurso da linguagem, em especial da fala, é o emprego da expressão para fazer uma comunicação indireta; é chamada de metáfora: “*isto é aquilo.*” Como um poema que, segundo Rubem Alves, “*acontece no campo do indizível, um esforço infinito para dizer o que não pode ser dito*” (1988:17).

As representações sociais devem manifestar-se de várias formas para serem compreendidas. Segundo Rubem Alves, uma das nossas ousadias é “*fazer com que as imagens (mentais) sejam arrancadas do seu silêncio para serem compartilhadas na fala*” (1988:18).

Diante da importância da linguagem falada para captar as representações sociais, a questão da subjetividade fica transparente e percebemos o quanto é importante “*captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível*” (Queiroz, 1988:15) para melhor compreendermos a realidade com a qual trabalhamos. Através dos relatos orais, segundo a autora acima citada, isto é possível.

4 - Representações sociais e memória

Estes dois conceitos, RS e memória, embora pareçam distintos, ou mesmo separados, não o são, pois fazem parte de um todo que é o imaginário. Ambos foram construídos a partir da observação, da experiência dos sujeitos que constroem o social. Portanto, fazem parte da produção cultural, que permite a uma sociedade resistir no tempo.

No dizer de Renato da Silva Queiroz com referência ao conceito de Maurice Halbwachs: a memória coletiva

nos remete ao fascinante domínio das representações, igualmente coletivas, por meio das quais as sociedades humanas concebem o tempo, dimensionam o espaço e definem a alteridade (Silva Queiroz, 1995).

A “memória coletiva” como cultura, reconstrói a identidade de uma sociedade e faz transcender no tempo a história construída de uma comunidade. Ela traz os sujeitos à realidade a qual eles e seus ancestrais construíram.

As representações sociais ou coletivas perpetuam-se ao longo de gerações a partir da memória coletiva que transmite o saber às gerações futuras. É a “memória-saber” (Doula, 1995) de que os sujeitos mais velhos de uma sociedade são guardiões.

Para Walter Benjamim

a lembrança institui a corrente da tradição que transmite o acontecido de geração em geração. Ela é a musa da épica em sentido lato... (1983:56).

Esses ensinamentos ou conhecimentos transmitidos ao longo de gerações parecem formar

sistemas de disposições duráveis, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ (...) coletivamente orquestradas (Borudieu,

1983).

Estou me referindo aqui ao conceito de habitus de Bourdieu (1983), pois, esse conceito parece encaixar-se perfeitamente nos conceitos de memória e representação social, não somente enquanto conceito, mas também fazendo parte do processo formador da cultura e da identidade de um grupo.

Na Odisséia de Homero, a memória também é um símbolo de civilização que separa a cultura da barbárie. Somente Ulisses,

afinal o herói que tudo sabe, parece ter entendido que a memória era a garantia de sua humanidade e o seu salvo-conduto para o retorno a Ítaca (Doula, 1995:75).

As representações sociais são elaborações mentais ou idéias sobre a realidade que um grupo, cultura ou sociedade tem sobre o real. Assim, também se processa a memória coletiva que apreende, elabora e retém o conhecimento acumulado de uma sociedade.

Ambas (RS e memória coletiva) estão em simbiose, isto é, a memória é também

imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 1994:55).

Henri Bergson (apud Bosi, 1994:43) opõe memória e representação. Esta está ligada à percepção imediata do real e a memória está voltada ao passado, às forças mais profundas e obscuras. Ecléa Bosi afirma que a memória “interfere” no processo ‘atual’ das representações. As representações imediatas do real não se transformarão em memória ao longo do tempo? Isso possivelmente ocorrerá, se raciocinarmos como Bergson.

Sandra Jovchelovitch (1994:76), citando Kaës, afirma que a hipótese desse autor é que a *“representação é um trabalho de lembrança daquilo que está ausente e um trabalho de ligação”*, a ligação entre passado e presente.

Ambas (RS e memória coletiva) estão em simbiose, isto é, a memória é também

imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994:55).

A esse conceito de memória está também ligado o de resistência, pois Pollak (1992) liga ambos. E Ecléa Bosi (1994) refere-se também à memória coletiva como uma forma de resistência e reconstrução do passado.

Segundo Martin Bauer (1994:229) as representações sociais são realizações culturais de uma comunidade e têm por função resistir às mudanças ameaçadoras e destruidoras dessa. São como um 'sistema imunológico' cultural.

Assim como a memória coletiva, as representações sociais, como produção cultural, têm como objetivo resistir à destruição, guardiãs e filtro daquilo que é necessário para o conhecimento e permanência da sociedade.

Enfim, a memória e as representações sociais de uma sociedade, parecem entrelaçar-se e intercambiar-se num sistema em que a fala as tornam visíveis, mas às vezes não as tornam compreensíveis, isto é, as palavras por elas (RS e memória) utilizadas não permitem uma compreensão imediata. Isso ocorre muito com os mitos, pois as metáforas neles contidas são na maioria das vezes indecifráveis. Ambas (memória e representação) são ingredientes do conhecimento sobre a realidade. É uma forma de lapidação do real, uma reconstrução e ao mesmo tempo uma construção.

5 - Representações sociais e mito

O mito é também outra maneira de representar a realidade. Outra maneira de interpretação, porém de forma fantástica, poética, cheia de metáforas. Ele parece estar mais presente em sociedades mais simples, embora também se encontre nas sociedades complexas, pois os pensadores da Escola de Frankfurt observaram esse fato muito bem. Eliade faz uma constatação importante quanto à nossa sociedade, no sentido da dessacralização da mesma:

o homem moderno é livre para menosprezar as mitologias e as teologias; isso não o impedirá de continuar a se alimentar dos mitos decadentes e das imagens degradadas (Eliade, 1991:15).

Para Edgar Morin o espírito humano possui um duplo pensamento: simbólico/mitológico/mágico e racional/lógico/empírico. Ambos não são dicotômicos, mas complementares. Um está contido no outro:

o mythos constitui o discurso da compreensão subjectiva, singular e concreta de um espírito que adere ao mundo e o sente a partir do interior (Morin, 1991:149).

Ernest Cassirer define o homem como um animal simbólico. Assim também pensa Mircea Eliade *“o pensamento simbólico é consubstancial ao ser humano.”*

Eliade complementa, acentuando que

as imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique, eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: por a nú as mais secretas modalidades do ser.” Para esse mesmo autor toda a existência está repleta de símbolos e o “homem mais ‘realista’ vive de imagens...(.....)

O mito como representação faz parte de um mesmo processo, ou seja, o da construção, ou reconstrução do conhecimento, da elaboração do pensamento de uma comunidade sobre as coisas, sobre o meio em que vive, seja ele natural ou social.

Morin chama atenção para o fato do nosso espírito passar, sem se dar conta, do pensamento empírico/racional ao pensamento simbólico/mítico, combinando os em um mesmo discurso:

de certo que nem tudo é só mito e nem tudo é real. Mas parece que o mito co-tece não só o tecido daquilo a que chamamos real (Morin,1991:164).

A cosmologia para Durand (1988) é o domínio do pensamento poético, é expressão do sujeito humano no mundo. Este autor escreve que não há oposição entre o devaneio e a realidade sensível mas, citando Fernand Verhesen, o que se pode entender por cumplicidade:

(...) entre o eu que sonha e o mundo que se oferece, há uma secreta convivência em uma região plena, de uma plenitude com pouca densidade (Verhesen, apud Durand,1988:69).

O mito, assim como um poema *“não é o que as suas palavras significam”* (Alves, 1988). A compreensão do mesmo *“não nasce de fora”* (idem). Mas é necessário penetrar em um outro mundo, o do desconhecido, do indizível e invisível, num mundo que não se mostra tão facilmente.

No plano das representações sociais estão os mitos. Estes são transmitidos através da fala como uma maneira de rememorar acontecimentos anteriores, dos ancestrais de uma comunidade. Num tempo e espaço onde tudo começou. No tempo de antigamente. Também fala da construção da identidade grupal e como esta deve continuar a se reproduzir. Transmite (o mito) regras que conduzem os sujeitos na construção de si e de sua cultura.

Esses dois componentes (RS e mito) da realidade de uma sociedade fazem parte daquilo que chamamos de tradição. Esta funciona como o fio condutor que vai interligando as gerações, num processo de convívio mútuo e realizações comuns, entre os sujeitos que constroem uma sociedade, e a sedimentam com bases muito sólidas. Fazendo muitas vezes com que o “desencantamento do mundo” ou mesmo a perda da aura não seja total. Isso pelo menos em grupos que até hoje possuem (mesmo de maneira precária) suas características culturais, sua identidade. Seja o índio, o camponês ou o caiçara. Os dois últimos (camponês e caiçara) fazem parte da própria contradição da modernidade e da pós-modernidade. Esses ainda contam seus mitos e muitas vezes acreditam nos mesmos. Nesses grupos sociais, o movimento entre o mito e a razão acontece com mais frequência e a imposição de um sobre o outro inexistente. Circulam numa interação construtiva.

6 - As representações sociais e as narrativas

Através das falas dos mais velhos, das histórias contadas por eles, é que podemos resgatar o que ainda é ser caiçara num mundo em transformação. Nesse mundo desencantado, pós-aurático e pós tudo, ser velho representa uma doença que precisa ser sanada, extirpada do seio da sociedade.

Peloso escreve:

...uma velha que pede esmola pode ser um testemunho precioso para ouvidos que sabem escutar” (1996:196). Na mesma linha de raciocínio Colombres (1995:123) afirma “... cada viejo que muere es una biblioteca que arde (1995:123).

Estaremos resgatando aqui a fala dos sujeitos velhos que construíram uma identidade a qual atualmente podemos chamar de caiçara. E hoje rememoram através de suas lembranças o que foi ser caiçara nos tempos de

antigamente e o que ainda permanece dessa identidade nos jovens que, pelos mesmos espaços, ainda andam, se atolam, remam e navegam.

O tempo de antigamente é definido muito bem por uma velha caiçara de 98 anos que o divide em dois períodos: o primeiro século e o segundo século. Um era governado, segundo ela, por rei; e os animais falavam nessa época. O outro era governado por Deus, é no qual nós estamos agora. O primeiro século é o XIX e o segundo é o atual.

Tempo em que havia muita fartura, seja de peixes, animais, plantas. Tempo em que os animais falavam e se acreditava em assombração, em lobisomem e outros seres fantásticos que habitavam imaginariamente os mesmos espaços dos próprios caiçaras.

Houve um tempo também em que não havia dinheiro; trocavam-se por mercadorias (valor de uso). Trocavam-se, por exemplo, peixe por rapadura. Um tempo em que a noite era sagrada, não se podia trabalhar, pois isso era considerado um ato de desrespeito. A noite era reservada ao descanso. Nas noites, as assombrações estavam à espreita para assustar algum descuidado que por ventura ousasse perambular pelas picadas e ruelas.

Tempo em que contar histórias fazia com que a imaginação fluísse como um pássaro a sobrevoar livremente os recôncavos da criatividade, fazendo com que contar e ouvir os causos representasse um ato de aprendizagem e de ludicidade. As regras de condutas e normas estabelecidas pela comunidade também eram transmitidas através dessas histórias, assim como os conselhos que os mais velhos gostavam, e se sentiam na obrigação, de dar.

Segundo Walter Benjamin o conselho inserido nas narrativas e *“...entretido na matéria da vida vivida, é sabedoria”* (1983:59). Os conselhos eram transmitidos pelos narradores, cuja fala representava um dos tesouros da sociedade tradicional. Se “no princípio era o verbo”, ainda o ato de falar constitui, por esse Brasil afora, uma das ferramentas principais do ato de aprender.

Contar histórias era uma prática constante para os caiçaras, seja durante o trabalho, seja ao escurecer, antes de se deitar. Como uma forma de divertimento, ouvir histórias era um exercício constante de memorização, um exercício de se sentir pertencendo ao universo, à natureza, à sociedade que se formou.

Uma velha caiçara analisa muito bem a questão entre trabalho e divertimento, pois ela *vivia “debulhando milho e feijão e contando história. Rezava e contava história e assim nós ia aprendendo.”*

O ato de aprender dava-se dessas duas formas distintas e entrelaçadas, isto é, através do trabalho e também, conjuntamente, através do ouvir histórias, causos ou lendas. Num sentido mais amplo de aprendizagem esta se dava a partir da experiência da vida vivida em sua cotidianidade, em seu estado concreto, bruto; como também em seu estado imaginário, subjetivo, do qual fazem parte os sonhos, as histórias e as representações.

É grande a importância das histórias tradicionais, para analisar um período em que havia certa preocupação em se reafirmar a identidade de um grupo e mostrar-se enquanto alteridade que pensa diferentemente o estar no mundo. Antes, essas histórias eram narradas como se fossem verdadeiras, referindo-se a seres sobrenaturais “conhecidos” por algum membro da comunidade. Hoje, parece estar ocorrendo por parte dos mais velhos uma certa negação em relação a esses causos. Uma velha moradora do bairro Porto Novo define que *“toda história é lenda ... tudo as coisa é lorota.”*²

Parece haver certa vergonha das histórias de antes, por parte dos moradores mais antigos. Isso é óbvio no contexto atual, pois há muito preconceito por parte dos moradores das cidades. Sem falar que este tipo de pensamento faz parte do pensamento ocidental que é discriminatório. Ao desqualificar o outro e classificá-lo como atrasado, determina-se que o pensamento caiçara não tem importância no contexto atual, de pleno avanço econômico e cultural da humanidade racional e tecnocrática.

Para Schmidt as narrativas são lembranças daquilo que vale a pena, salvando do esquecimento aquilo que for real e verdadeiro. O autor acrescenta:

...o que se acumula e se sedimenta em torno das narrativas tradicionais, enquanto maneiras próprias de pensar a realidade e os tempos, agregam-se ao patrimônio intelectual e afetivo da comunidade (Schmidt, 1995:97).

Numa sociedade em que, apesar da escrita estar se generalizando, a

² Para ela lorota significa bobera. Algo que não se deve levar a sério. Durante a pesquisa essa mesma senhora parece duvidar da importância dessas histórias e não entendia porque a pesquisadora queria que falasse sobre isso.

fala ainda tem papel mais importante que a escrita, pois esta geralmente não registra a essência de um povo, o narrador constitui um patrimônio valioso na construção e permanência do ser cultural e de sua identidade.

A relação do narrador com a vida da comunidade é importante na medida em que se pressupõe um grau de experiência vivida por ele que, no ato da fala, é transmitida dando mais veracidade à história. Em Benjamin

a experiência caiu na cota... a experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores (1983:56).

Não se trata aqui de uma experiência meramente individual, pela qual o narrador passa, mas da experiência coletiva que constrói um todo que chamamos de cultura. Ao narrar uma história, esta estará impregnada da vivência coletiva do sujeito que narra.

Pois é a experiência coletiva vivida no entrelaçamento diário das relações sociais que permite a sobrevivência de um todo que vive num processo constante de transformação, e ainda insiste em sobreviver e se firmar como maneiras diferenciadas de ser e estar no mundo apesar, muitas vezes, de uma aparente perda de suas raízes .

Ainda é a Benjamin que recorremos para realçar a importância do narrador e suas qualidades. É

...comum a todos os narradores a despreocupação com que sobem e descem os degraus de sua experiência, como se se tratasse de uma escada. Uma escada que alcança o interior da terra e se perde nas nuvens é a imagem de uma experiência coletiva para a qual mesmo o choque mais profundo de todo o indivíduo, a morte, não representa impedimento ou barreira (Benjamin, 1983:69).

Vários fatores estão inseridos no ato de narrar ou contar uma história. No ato mesmo de construir uma literatura capaz de preencher o espaço da criação, da arte que é apanágio de todos os povos, de todos os sujeitos que vivem em sociedade e pensam sobre ela, sobre o estar no mundo para compreendê-lo.

Peloso ao se referir a literatura popular (no caso, literatura de cordel), afirma que

...a expressão artística popular tende sempre a fazer da lenda um

momento de reflexão mais geral sobre as razões mesma do seu viver, uma exigência de esclarecimento mesmo, nas suas motivações profundas (Peloso, 1996:123).

Memória, imaginação e desejo estão em constante interação no ato da criação literária. E são elementos chaves que elaboram a criação, criação que faz com que sociedades sobrevivam devido à sua originalidade.

Adélia Bezerra de Meneses ao traçar um percurso analisado por Freud sobre fantasia/lembração resume da seguinte maneira esse fato:

cria-se uma ligação entre memória e imaginação com o desejo, então há que se aceitar uma ligação da memória e desejo: aí está o cerne, o problema fulcral das relações entre memória e literatura (Meneses, s/d:17).

Segundo Eliade,

...a sabedoria popular muitas vezes exprimiu a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e a riqueza da sua vida interior... 'imaginação' está ligada a imago, 'representação', 'imitação', a imitor 'imitar, reproduzir (1991:16).

Assim podemos observar os diversos caminhos que percorremos ao escutarmos uma história, ao sermos seduzidos pelo contador de histórias que, como Sherazade, nos envolve e nos entretém num contínuo de imagens que se entrelaçam e que dão sentido ao espaço que ocupamos no mundo.

As observações feitas por Schmidt, as quais concordamos, em relação às histórias contadas a ela por moradoras da comunidade de Cachoeira do Guilherme, na Estação Ecológica Juréia-Itatins/SP, levou-a à seguinte conclusão:

...Como parte da memória coletiva do grupo, as histórias são, a um só tempo, resultado do trabalho de recolhimento e de transmissão da experiência social e oportunidade para a retomada dos modos próprios de ser e de pensar da comunidade diante de um mundo anterior e mais amplo (Schmidt, 1993:99).

Capítulo II

O litoral e o caiçara

1 - Breve histórico da região objeto de estudo:

Os faróis do trator mais pareciam os olhos de Boitatá. As crianças, que nunca tinham visto coisa igual, se encolheram junto à saia das mães, que também olhavam o monstro assustadas. Sob o impacto da pesada máquina, troncos de jequitibás, perobas e massarandubas centenárias iam tombando um a um. Em poucas horas acontecia o que pareceu o prenúncio do fim do mundo para os caiçaras. A ocupação secular de gerações não destruíra o que o loteamento ou a estrada conseguiram em poucas horas... (Priscila Siqueira, 1984:13).

Assim como todos os recantos desse país passaram por drásticas transformações em nome do “progresso” que rasgou cada canto de Norte a Sul, de Leste a Oeste, também todo o litoral paulista não poderia ficar fora desse acontecimento. O progresso rasgou física e culturalmente, a terra e o homem denominado caiçara, camponês, indígena.

Esse fato tomou dimensões insustentáveis. “O Estado de São Paulo” de 17 de setembro de 1978 anunciava:

A Rio/Santos avança. E dezenas de família recuam, embrenhando-se cada vez mais no interior do sertão agreste. É o fim do Império Caiçara.

Priscila Siqueira descreve muito bem as transformações ocorridas na região, levando ao “genocídio dos caiçaras”. A mesma autora, escreve que *“para os caiçaras, a desdita começou com a construção da ‘estrada (BR 101), que valorizou as terras e atizou a ganância dos homens”* (Siqueira, 1984:27).

Surgiram a partir daí os “grileiros” e os especuladores imobiliários, o turismo e a pesca industrial. E o governo passou a fazer propaganda na TV e rádio, comunicando a importância da construção dessa autopista para o progresso e desenvolvimento da região.

Com a vinda dos “grileiros” e dos especuladores imobiliários, os caiçaras se viram sem suas terras. Tiveram que vendê-las por preços irrisórios, ou pior, foram sendo expulsos para a cidade. Aqueles que permaneceram próximos à

praia ficaram trabalhando como caseiros nas casas de turistas. As mulheres dos pescadores passaram a trabalhar como domésticas nessas casas de veraneio.

O turismo industrial levou milhares de pessoas desesperadas às praias, ocasionando a poluição, inchaço no comércio, preços altos, etc. Para as pessoas de nível econômico elevado, surgiram residenciais à beira mar, as praias particulares, proibindo-se nas mesmas, a entrada de moradores locais, a não ser como empregados. Por outro lado, foram construídos, pelo governo do Estado, os terminais rodoviários para os assim chamados “farofeiros” (turistas com poder aquisitivo baixo), expulsando os jovens caiçaras das praias nos fins de semana. Estes terminais (que recebem, da população local a denominação depreciativa de “farofódromos”) somente são construídos em praia onde residem os moradores mais carentes, onde não existe predomínio da classe média alta, como é o caso do bairro Porto Novo em Caraguatatuba/SP, local de nossas pesquisas, onde está instalado um desses terminais.

A pesca industrial, com todo seu maquinário moderno, foi introduzida em contraposição à pesca artesanal. O “saber fazer” profissional do pescador experiente foi sendo, aos poucos, substituído por aparelhos eletrônicos (Diegues, 1983:97).

Surgiram com isso grandes barcos pesqueiros que utilizavam os caiçaras como empregados. Alguns tornaram-se pescadores embarcados, ou seja, passaram a trabalhar nesses pesqueiros, dias e até meses fora de casa, para receber salário mínimo. Outros caiçaras se tornaram caseiros, servidores públicos municipais, pedreiros, etc.

Ecléa Bosi analisa como

a expansão do modo de produção capitalista absorve as sociedades pré-capitalistas, que transformam seus recursos naturais e humanos em mercadoria. Os que viviam relações tradicionais são aproveitados como mão de obra (1987:24).

Já na década de 40, Gioconda Mussolini, ao estudar os caiçaras do litoral paulista, observara que a

organização da pesca em plano capitalista teve como consequência a quebra da organização dos grupos locais e a perda dos elementos de cultura de ‘folk’ (Mussolini, 1980:239).

Antonio Carlos Sant'Ánna Diegues, ao estudar as transformações ocorridas na pesca, esta como setor da divisão social da produção no litoral brasileiro e em especial no litoral paulista, também analisa estes

processos pelos quais o produtor direto foi sendo gradativamente separado das condições naturais da produção, tornando-se um proletário do mar (Diegues, 1983).

Surgiram também, na década de 70, grandes empresas de pesca, como a Confrio (Companhia Nacional de Frigorífico), as salgas que empregavam moradores locais, mulheres e crianças, para descascarem camarões, etc. Eram camarões congelados que chegavam a enrugam os dedos dos que os manuseavam. Pagava-se uma ínfima quantia pelo trabalho realizado.

Bem antes do período aqui abordado (décadas de 60 e 70), houve em Caraguatatuba, por volta de 1927 a instalação de uma empresa britânica, fato histórico que marcou a economia local. “The Lancashire General Investments Company”, com sede em Londres, foi instalada na Fazenda São Sebastião, e passou a ser conhecida como “Fazenda dos Ingleses”, pois era totalmente administrada por ingleses. O objetivo primeiro dessa empresa era produzir e exportar para o mercado inglês grapefruits, laranja “Valência”, e banana nanica de primeira. Foram empregados nessa fazenda moradores do próprio litoral e também de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em vinte anos, a fazenda já possuía 500.000 pés de laranja e cerca de 3.000.000 de bananeiras. A “Fazenda dos Ingleses” passou por período de ascensão e decadência que levou a seu fechamento, em 1967, juntamente com a catástrofe, neste mesmo ano ocorrida em Caraguatatuba. Foi uma terrível inundação, com queda de barreiras, causando transtornos e prejuízos incalculáveis.

Em diversos relatos colhidos em nossa pesquisa, os caiçaras do Porto Novo, contam dos trabalhos realizados por eles nessa empresa: colher banana, laranja; cortar cana; trabalhar de lambiqueiro (para fazer aguardente), de empilhador de banana, etc. No bairro que pesquisamos, a empresa tinha um porto onde era feito o carregamento dos produtos que iam ser embarcados nos “chatões”, que os levavam para São Sebastião ou Santos, para serem exportados.

Contudo, assim como houve a catástrofe natural que foi arrasadora, iniciou-se também, no mesmo período, a catástrofe cultural, cujas seqüelas ainda

insistem em se manifestar. A catástrofe, metaforicamente falando, foi mais avassaladora, pois inseriu na mente dos que dominam, a importância da destruição do outro, que é diferente: pensa diferente, age diferente em relação ao mundo e principalmente em relação a natureza.

2 - Os caiçaras

Os sujeitos aos quais, ao longo desse trabalho, iremos nos referir, são chamados de caiçaras.

Segundo a antropóloga Kilza Setti, caiçaras são aqueles que nasceram e sempre ocuparam o litoral paulista. Para uma velha caiçara do bairro Porto Novo, local de nossa pesquisa de campo, ser caiçara¹ “*é quem é criado e nascido aqui no litoral*”.

Mas, o caiçara foi e ainda é representado no imaginário ocidental como “o preguiçoso”. Como aquele que não tem tino para os negócios. No Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, caiçara significa “*vagabundo, malandro, desbriado*; s. 2 gên. (Aurélio, Bras., São Paulo e Estado do Rio de Janeiro) *caipira asselvajado*.”

Para compreendermos melhor o caiçara faz-se necessário voltarmos a atenção para as representações que o mesmo faz da natureza. Este é o objetivo principal de nossa pesquisa. Tentaremos compreender os espaços pelos quais circulam homens, mulheres, velhos e crianças, tais como o mangue, a mata, o rio e o mar. Os seres sobrenaturais que habitavam ou ainda habitam, no imaginário caiçara, esses espaços, nos forneceram também elementos para melhor compreendermos as representações que essa comunidade faz da natureza como um todo.

Ao falarmos de pescadores artesanais estaremos nos referindo àqueles que se utilizam de instrumentos simples para a pesca e também pescam em espaços restritos, dedicando-se geralmente à pesca costeira. Possuem um conhecimento da natureza que advém da experiência, da observação e do aprendizado transmitido pelos mais velhos. Uma herança muito acentuada que os caiçaras trazem consigo é a indígena. Este fato nós verificamos no que diz

¹ Segundo Diegues (1988:06), caiçara é também uma técnica usada para atrair o pescado nas lagoas Mundaú e Manguaba (Alagoas).

respeito à pesca, ao conhecimento de plantas e instrumentos de pesca, à alimentação, etc. Além da indígena, possui também o caiçara ascendência portuguesa (européia - francesa, espanhola) e negra.

As mulheres caiçaras serão aqui analisadas do ponto de vista de seu conhecimento sobre a natureza (plantas, etc), nos mesmos espaços por onde circulam também os homens. Em alguns desses espaços há uma presença maior de mulheres e em outros quase não há presença feminina.

Os relatos dos mais velhos nos serviram como argumento e parâmetro para melhor entendermos as representações antes e após as décadas de 60 e 70. Estas décadas foram as das grandes transformações econômicas, sociais e culturais. Época de um grande processo de *“desencantamento do mundo”* e mudança no *“habitus”*.

Uma das características dos caiçaras é a maneira não predatória de se relacionarem com a natureza, um complexo conhecimento do mar, da mata, do rio, do mangue. Isto envolve um longo aprendizado, e um processo de socialização desde a infância. Verificamos que ainda existem em alguns jovens caiçaras a persistência das tradições dos mais velhos, como estes vivenciavam esses espaços.

Para melhor compreendermos o processo de mudança pelo qual passaram os moradores do litoral, faz-se necessário também nos remetermos aos anos anteriores às décadas de 60/70 para sabermos como os caiçaras viviam antigamente.

Alguns estudiosos voltaram, de alguma maneira a sua atenção aos moradores do litoral paulista, nas décadas de 1940 e 1950 entre outros: Maria Conceição Vicente de Carvalho, A. Paulino Almeida, Gioconda Mussolini. Estes descrevem as características dos caiçaras: alimentação, casa, pesca, etc.

Ao falarmos de pescadores artesanais estaremos nos referindo àqueles que se utilizam de instrumentos simples para a pesca e também pescam em espaços restritos, dedicando-se geralmente à pesca costeira. Possuem um conhecimento da natureza que advém da experiência, da observação e do aprendizado transmitido pelos mais velhos. Uma herança muito acentuada que os caiçaras trazem consigo é a indígena. Este fato nós verificamos no que diz respeito à pesca, ao conhecimento de plantas e instrumentos de pesca, à alimentação, etc.

Além da indígena, possui também o caiçara ascendência portuguesa (européia - francesa, espanhola) e negra.

Quanto às representações sobre o caiçara eram as mais variadas: visto como preguiçoso, esperto e com os sentidos muito apurados, herança indígena; é possuidor de memória auditiva muito desenvolvida. Diziam ainda que os habitantes praianos possuíam uma tristeza doentia e que estes eram *“pouco afeitos à religião”*; que a morte era encarada pelos pescadores como fato natural. Afirmavam que o “praiano” era um homem que *“toca todos os instrumentos”*, faz a própria canoa, faz a casa, cerâmica, cestaria, esteira de perí, violas, violinos, etc.

A organização social dos caiçaras, antes da grande invasão turística foi com base familiar. Essa organização foi o fator principal no processo de preservação do ecossistema. O pescador artesanal pescava para si e sua família, esta também como base da relação econômica.

Trataremos aqui dos caiçaras que ficaram no Bairro Porto Novo que está localizado a 9km. do Centro de Caraguatatuba/São Paulo. Esses são os “ficantes” como quer Brandão (s/d:65), *“aqueles que vivem a história de sua vida em um mesmo lugar entre os mesmos cenários e personagens...”*

Capítulo III

A Terra

1 - Em terra firme: A roça e a mata

Este capítulo mostrará os espaços nos quais os caiçaras, do bairro que pesquisamos, construíram, no “tempo de antigamente”, sua identidade. Hoje, de maneira precária, ainda tentam usufruir desses espaços, porém mais reduzidos, de forma ainda parcimoniosa.

A roça era um lugar que ficava próximo à casa, feita no quintal, ou próximo da mata. Cortava-se um trecho da mata: derrubavam-se, queimavam-se, capinavam-se e plantavam-se, no processo de coivara, que é o sistema indígena de plantar.

Predominantemente um espaço feminino, a roça era também um lugar no qual os homens “ajudavam” no primeiro momento (ou seja, para derrubar uma parte da mata, colocar fogo) e as mulheres capinavam e plantavam. Os principais produtos plantados eram: feijão, arroz, mandioca, milho, batata, etc.

Nas lembranças das mulheres entrevistadas, trabalhar na roça era muito duro, pesado. Além disso, cuidavam da fabricação da farinha de mandioca. Para essas mulheres não somente este trabalho era penoso, mas também todos os trabalhos que realizavam antigamente, pois se queixam das dificuldades para a sua execução, do fato de trabalharem muito, e não terem como se divertir. Tinham que fazer tudo, e era um serviço pesado. Uma das entrevistadas assim expressou-se: *“o estudo nosso era o trabalho.”*

O tempo de hoje é, nas falas das mulheres, um tempo bem melhor, pois há várias vantagens, como por exemplo: água encanada, fogão a gás, luz elétrica.

Apesar de constatarem o muito que realizavam, ainda há, por parte das mulheres, uma assimilação do discurso masculino, ou seja,

os homens que trabalhavam, a mulher ficava mais em casa: costurava, lavava, passava e cuidava dos filhos.²

² Esta fala pertence a uma senhora de 98 anos que foi entrevistada.

O trabalho doméstico não era visto como significativo, em relação ao do homem que trabalhava fora e trazia o produto de seu trabalho para casa. Era o mantenedor ou provedor do lar. E o produto de seu trabalho gerava renda. Estava, portanto, inserido no processo econômico da sociedade vigente.

O período sobre o qual estamos falando aqui, quando os caiçaras faziam suas roças na mata ou mesmo nos fundos de suas casas, vai até as décadas de 60 e 70. Na memória dos caiçaras do bairro Porto Novo esta foi uma época de muita fartura. Existia a mata e muitos animais, eles tinham muito espaço para organizar sua roça e assim poder plantar. A roça também era um lugar onde a família trabalhava.

Em relação ao trabalho, para as mulheres antigamente era mais sacrificado, porém quando os caiçaras falam das relações entre as pessoas (relações sociais), o tempo de antes era bem melhor, pois havia mais respeito um pelo outro. Eles eram mais unidos, portanto faziam parte do que denominamos comunidade. Tempo em que os espaços eram demarcados em comum e havia uma troca dos bens neles existentes.

As trocas eram realizadas com pessoas que desciam a serra com tropas para efetuarem o escambo de seus produtos pelos dos caiçaras, ou seja, trocava-se rapadura por peixe (valor de uso) e assim as relações comerciais se davam. A tainha outrora serviu como moeda corrente para os caiçaras obterem outros produtos. Os moradores do Porto Novo iam levar lenha seca e outros produtos para trocar na Ilhabela, ou mesmo vender.

Outras trocas que permitiam maior coesão do grupo eram realizadas entre os parentes e compadres. Repartir ou mesmo dividir com os seus o produto de seu trabalho, era uma atitude rotineira e uma ação de reciprocidade necessária, pois ser mesquinho era altamente recriminado por todos. Um dia dava-se peixe ou outra coisa, em outro se recebia.

E assim o essencial nessas relações de trocas eram as relações sociais que fortaleciam os vínculos com a comunidade. Como quer Mauss,

no fundo, são misturas. Misturam-se as almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (1974, vol. II:71).

2 - Uma picada e vários acontecimentos: a outra dimensão do caminho

...O caminho nosso aqui era apenas um trilho ... quando, na época de maio, o capim, esse tá de capim gordura, fechava, tampava o caminho, ficava só aquele vermelhidão da flô do capim. Aí, agente saía, o caminho era má assombrado. Antigamente tinha assombração...

Hoje o que é uma avenida era “de primeiro” simplesmente uma picada, povoada de seres encantados que viviam assustando o pessoal que por ela transitava. Seres que registram simbolicamente um certo tipo de pensamento em que a natureza compunha o cenário principal. “Ciência do concreto”, “pensamento selvagem”, pensamento analógico, enfim uma certa maneira de estar no mundo e de interpretar a realidade em que se lança mão dos vários recursos da experiência, dos ensinamentos dos mais velhos, da imaginação para se construir a própria identidade.

Momento fugidio de um tempo em que as famílias que hoje ainda moram nesse bairro possuíam uma extensão grande de terra (posse); plantavam, criavam animais tais como: galinha, porco, pato, etc;

Os terrenos onde hoje ainda vivem não possuíam muros. Havia cercas de madeira ou cercas vivas, mas sempre com uma abertura nas laterais, que servia de via de comunicação entre as casas. Geralmente eram todos parentes. Atualmente todos os terrenos estão murados e as relações entre parentes estão se individualizando cada vez mais. As posses foram sendo repartidas entre os filhos e assim, depois, vendidas, chegando ao ponto em que algumas famílias ficaram sem um pedaço de terra para morar, plantar ou criar animais e aves.

No bairro Porto Novo, especialmente ao longo do rio Juqueriquerê, moram os caiçaras com os quais trabalhamos. Eles moram em uma faixa de terra que está localizada entre o rio e o mar. Outrora, até a década de 70, essa faixa era composta de mata atlântica onde iam caçar, coletar lenha seca e frutos. Hoje porém essa parte de mata foi devastada; nesse lugar foram construídos prédios para um conjunto de aproximadamente 60 colônias de férias, e também um terminal turístico rodoviário, rotulado de “farofódromo”, destinado a pessoas de baixa renda, vindas da capital.

À beira rio, ao longo do que foi uma picada, e hoje é uma avenida, havia muitas assombrações, segundo os moradores que até hoje lá residem, que “sinalizavam” os transeuntes os abusos cometidos para quem se arriscasse a sair a noite. Segundo os moradores havia nessa picada uma árvore denominada de cauná (uma espécie de palmeira)³. Esta era mal assombrada. Pois os que passavam à noite por essa árvore, escutavam som de batidas de machado na mesma. Dizem eles se tratar de um escravo que vivia assombrando as pessoas que por ali passavam.

...antigamente era isso aí. Agora, a turma falava que aí no tá de cauná, tinha um coquero, o irmão de Benício sempre via, tava uma pessoa, conforme ele batia co machado, ele fazia assim: “ham...ham...”. Parece que tava batendo e tava cansado de tanto malhá o machado. E ele fazia: ham...! O Benício: ‘...Eta, o home tás cansado, tá que não acaba de cortá esse coquero’. Ele abusava... Que era no tempo dos escravos, né. Que era no tempo dos escravos que existia coisa, assombrção...

Esse caminho, povoado de mato e de seres encantados era representado pelos caiçaras como um espaço ao mesmo tempo de trânsito e fechado, onde a possibilidade para o inesperado poderia surpreender os desavisados. Aquele que abusasse ou mesmo fizesse “poco caso” do sobrenatural, saindo principalmente a noite, toparia com sombras que se tornavam gigantes à medida em que se caminhava. E assim, tomava-se cuidado, pois para um morador “...*contá com quem você não conhece, é duro, né?*” Rezar parecia ser o único antídoto para neutralizar a ação desses seres mágicos, e também para acalmar o pavor do desconhecido.

As aparições das assombrações pareciam ser um jogo da luz do luar com as árvores e o matagal existentes na época. Pois, não tendo luz elétrica na rua, os moradores apenas enxergavam o caminho com a luz natural da lua. E que, obviamente, com o movimento da terra, as sombras produzidas pelo luar variavam. E esse acontecimento parecia aguçar a imaginação do caiçara. O temor das saídas à noite produzia um efeito alarmante no imaginário caiçara, e as saídas eram tidas como perigosas.

A ausência de sons humanos desses lugares, durante a noite, era profunda, arrebatadora. Sons de animais e do vento misturavam-se produzindo

3 Outra entrevistada fala que a árvore chamava-se gracuí. Segundo Câmara Cascudo (1971:60), “toda palmeira isolada é residência de fantasmas. Amarra-se no tronco uma fita vermelha, e a visagem muda-se.

vozes e outros sons não identificáveis causando assim muito medo. De suas casas ouviam-se sons, e os pais alertavam seus filhos para o perigo existente lá fora. E com isso a audição se tornou um dos sentidos mais sensíveis dos caiçaras, assim também como a dos índios e camponeses. Ouvidos atentos espreitando o perigo e também auxiliando na caça, na pesca, enfim na orientação das atividades diárias.

Do ponto de vista racional, pode parecer que as assombrações não tenham significado. Porém, ao entendê-las do prisma da subjetividade, elas são um elemento importante para a construção das representações caiçaras sobre a natureza. Ou seja, esses entes fantásticos surgem justamente para alertar as pessoas para que não cometam abusos que possam prejudicá-las, prejudicar a comunidade e também a natureza. Parecia ser importante acreditar em assombrações para se manter um certo equilíbrio entre natureza e cultura. Assim, o medo e o temor às aparições estavam ligados ao respeito e mesmo à conservação do meio natural.

A noite parecia ser o momento ideal para esses encantados penetrarem no mundo humano. Esse período era reservado ao descanso. Não se podia sair à noite e nem trabalhar:

...quando a gente trabalha de noite que, que a gente não deve trabalhá muito de noite. Que quando agente trabalha de noite aparece... Quando agente saía de noite, tarde. Nós não andava de noite. Passô 8 hora, tava em casa, com medo da assombrção. Porque tinha mesmo... Hoje não tem mais assombrção porque tem muito movimento. Antigamente não tinha movimento.

Segundo Carlos Corrêa Teixeira

...nos lugares onde se mantêm discretas as condições ambientais, o imaginário de seus habitantes concebe os encantados como estando mais integrados ao seu próprio mundo, enquanto em outros lugares, onde se fazem sentir os efeitos da devastação, eles são relegados para regiões mais distantes (Galvão, cit., p. 73)... o desmatamento não apenas adulterava a natureza, mas também ameaçava destruir as crenças que aprendera⁴ a cultivar. Sem a mata, cujo espaço é recoberto pela simbologia dos seres que a habitam, era como se ele visse desmoronar a existência do seu mundo mítico (s/d:150/1).

A mesma velha caiçara conta assim um caso ocorrido com um rapaz que costumava sair de noite:

4 O autor cita a fala de um seringueiro que diz: ‘Aí some, né?’ Em relação as suas crenças e o desmatamento.

...Uma mãe que tinha só um filho. O marido morreu e o menino saía toda a noite. Aí ela foi disse assim: ' Ó, filho não saia toda noite, fique ca mamãe. Fique ca mamãe, não saia toda noite.' Quando foi um dia, o menino saiu. O menino saiu, quando o menino chegô tava uma moça no portão. E a moça foi disse assim: 'Agora que você vem chegando? Você amanhã, você vai na rua tanto.' E deu o nome da rua, deu o nome do cemitério, entende? Não sabia que era cemitério, pensando que era a rua dela. 'Que eu quero falá muito com você.' Aí quando foi notro dia diz que ele foi... ele foi ... foi procurá a rua e o cemitério. Chegô lá. O que era? Era o cemitério. E a moça, era ela que veio fazê penitência pra ele não saí mais de noite. Aí, nunca mais saiu. Havia diz que muita assombração, muita coisa. Dizem que é mentira, mas acho que não. Aqui mesmo tinha. Não sei se ainda tem. Ali no caminho tinha um gracuí.⁵

A noite, como que sagrada, desvendava os mistérios de um terceiro espaço habitado pelo sobrenatural. Num entrelaçamento do espaço natural com o social e com o sobrenatural, o imaginário caiçara construía sua visão de mundo, interpretava a realidade na qual estava inserido.

Uma outra velha caiçara disse que

...agora não acontece mais nada. Agora até as arma (almas) têm medo...Foi devido a muita claridade. Porque as coisa rui não gosta de claro não.

Durante o dia o trabalho, a noite o descanso e o momento para contar os causos, lendas e mitos. Histórias, cujos personagens, na maioria das vezes, fazem parte da comunidade. O narrador, geralmente, vivenciou alguma situação fantástica que se torna motivo das narrativas, ou mesmo alguém conhecido seu é o protagonista do enredo.

Ao lembrarem dessa época há um misto de idealização desse passado, conjuntamente com a negação do mesmo. Para as mulheres era sacrificado e pesado o trabalho na roça e também todos os outros que elas realizavam (em casa, com os filhos, os cuidados domésticos). Para os homens foi um tempo melhor pois, trabalhando basicamente com a pesca e a caça, havia na época uma certa abundância de peixes e animais e eles se consideravam livres para executar essas atividades. Hoje, com a proibição de caça e pesca, se vêem limitados. Também não há mais abundância de peixes e animais, tornados cada vez mais escassos.

Um caiçara de 61 anos conta

⁵ Trata-se de uma árvore. Em outros relatos a árvore é denominada de cauná (espécie de palmeira).

... nós antigamente nós tinha liberdade... Pra quando nós chegava perto da caça, ia caçá. Quando chegava a época da pescaria, ia pescá...

A mulher, ao perder o espaço no qual plantava se vê dependente do homem (Ellen Woortmann, 1992). O homem ainda tem o espaço, porém esse já não oferece os mesmos recursos que antes o tornava independente do capital. Hoje os homens se tornaram proletários do mar (Diegues, 1983). Ambos, homem e mulher, expropriados de seus espaços, são expelidos para um cenário urbano no qual não se reconhecem e nem se encaixam.

3 - Mulheres e ervas: uma relação estreita.

Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo e a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural. (Cândido, 1964:138 in Diegues, 1994:81)

Nos relatos de todas as mulheres há o conhecimento delas sobre as propriedades curativas de diversas ervas cultivadas ou não que serviam como medicamento para o tratamento de várias doenças. Segundo elas, antigamente não havia médicos; somente se tratavam com remédios caseiros, com benzimentos para males que não conseguiam explicar, ou mesmo para alguns tipos de enfermidades causadas pelo: quebranto, mau olhado, etc.

Porém na comunidade apenas algumas mulheres eram conhecidas como benzedeadas. O saber dessas mulheres era “um dom de Deus”, pois não são todas que o têm: “...*tudo é por Deus... o que nós merecemo, Deus nos dá...*”⁶

Uma senhora disse ter sido taxada de feiticeira, juntamente com sua amiga, porque utilizavam ervas para tratar de crianças. Elas não são, de fato, benzedeadas, mas apenas usam ervas para o tratamento de algumas doenças.

Outra velha caiçara, esta sim benzedeadas, relatou que atualmente sua nora a chama de “macumbeira” por realizar os benzimentos com ervas⁷. As

6 Fala de Dona Caetana, uma caiçara de 98 anos.

7 Esta senhora, benze de cobreiro, de isipela, de espinha de peixe na garganta.

benzedeiros dominam um outro espaço que é o do invisível cujas forças parecem exercer uma certa influência nos homens. A benzedeira, portanto, serve como uma espécie de intermediária entre este mundo e o outro, o do sobrenatural.

Sônia Maluf ao fazer sua pesquisa sobre bruxaria na Lagoa da Conceição em Santa Catarina, analisa as narrativas de bruxa e a relação desta com a benzedeira. E observa:

...a bruxa é o poder nefasto, a causa dos infortúnios e mal-estares; a benzedeira é o poder benéfico, capaz de curar e proteger. Representa o oposto do que é a bruxa. Enquanto esta ...possui características anti-sociais, desordenadora das normas e dos modelos de comportamento, a benzedeira, ao contrário, é definida socialmente pelos laços de solidariedade que estabelece com os outros membros da comunidade... (1993:121).

Outra benzedeira do bairro Porto Novo muito conhecida pelos seus benzimentos de “cobreiro”⁸ e para “cortar o medo”⁹, foi outrora muito requisitada para realizar seus feitos. Era também madrinha de várias crianças, isto devido ao reconhecimento que a mesma possuía na comunidade.

Essa benzedeira transmitiu assim uma narrativa de bruxa:

Olha, vô contá uma história. Sabe, tinha uma mulhé que, ela tinha ganhado um filhinho, né. Aí ...isso é vovó que contava pra nós. Aí, ela ganhô um filho. Aí, ela falô assim: ‘Comadre’, a partera veio partejô o parto, tudo, né. Falô assim: ‘Olha comadre vô dizer uma coisa. Eu vô partejá o parto, mas só que eu vô dizê: a Senhora tem que vê uma tesora pá pô a tesora embaxo do travessero. Abri a tesora, dexá em cruís, embaxo do travessero, proque aqui tem muitas bruxa. E a bruxa gosta de chupá o imbigo da criança.’ ‘Ah, comadre que nada, isso daí é bobage, isso daí é lenda.’ ‘Não, não é lenda não. A Senhora pode repará, quando chegá meia noite vai vim.’ Aí, quando chegô meia noite, né. Que a poco ela olhô no telhado aquela fitinha vinha descendo. Aí, ela falô... É que a bruxa, ela virô numa fita. ‘Comadre veja só. Eu, não falei pra Senhora? A Senhora veja onde essa fita vai descê.’ Aí, veio aquela fitinha, aquela fitinha veio. Quando chegô que, ia caí em cima da barriga, mas tava a tesora ali. Aí, ela levantô o travessero, pegô a tesora: pan! Cortô a fita no meio. Quando chegô otro dia, a mulhé tava lá cortada. inha um talho no braço.

Ainda é Sônia Maluf (1993:123) que nos dá a referência em suas análises das narrativas sobre bruxas ao afirmar que as bruxas, nessas histórias, aparecem como sempre no domínio do espaço masculino e marginalmente nos espaços femininos. E a benzedeira, ao contrário, domina o saber e os

⁸ Esta senhora explicou que o cobreiro surge dos bichos, tais como: aranha, cobra e sapo.

⁹ “Cortar medo” significa fazer a criança andar, quando esta demora muito para se desenvolver.

instrumentos pertencentes às mulheres, conjuntamente com as curas, os partos e benzeduras em geral que estão relacionados ao espaço da mulher.

Em relação às ervas e como reconhecê-las, uma benzedeira afirma que “já é sabido” quando uma planta é boa para remédio ou não. “De primeiro” somente conheciam e utilizavam ervas para curarem males que de certa forma eram controlados pelas benzedadeiras e, em caso mais simples, por todas as mulheres. Nos quintais havia canteiros de ervas e também iam à mata para coletar plantas que consideravam boas para remédios.

Embora estejamos aqui tratando apenas de mulheres benzedadeiras, aparecem também, em muitos relatos, homens que benziam e se utilizavam de ervas para a cura.

Para as mulheres que acreditam em benzimentos e curas com ervas “...*agente fazendo as coisa com fé, tudo é bom ... a fé que vale.*”

Para os caiçaras a natureza dava o tom à vida que se mesclava, formando uma simbiose entre o homem e a natureza, cujos elementos naturais sustentavam a saúde, davam o alimento, os instrumentos, e ainda sinalizavam simbolicamente os destinos deles. Uma velha caiçara analisa assim a bastante idade que tem:

... você sabe quem encontra duas cobras juntas, dura muito? Eu encontrei duas cobras junta grudada, fazendo os filhinho deles ... dizem que isso aí é sorte.¹⁰

O conhecimento das plantas e ervas necessárias para o cuidado com a saúde é de maneira geral domínio da mulher. Esta também, enquanto benzedeira, além do saber que tinha em relação às ervas, dominava ou neutralizava as forças sobrenaturais que por ventura se abatessem sobre alguém.

Os relatos orais e os contos não somente narram o trabalho feminino e qual a posição da mulher na comunidade, mas também questionam e mesmo desafiam essa posição mostrando outras possibilidades de acesso à mulher, outros espaços a conquistar ou mesmo penetrar, ainda que proibidos. Em um outro conto de bruxas, narrado por uma velha caiçara, poderemos observar a mulher ocupam espaços masculinos, a sugerir a divisão sexual do trabalho. A

¹⁰ Neste ano de 1998, esta Senhora completará 99 anos

história narra a aventura de 7 mulheres¹¹ que se apoderam dos instrumentos masculinos (canoa, remo, etc) e saem mar a fora. A Senhora narra assim:

Ela (a bruxa) tem o dia dela marcado. Parece que é sexta-feira. No dia dela marcado que foram viajar. Então, e o homem dormia nessa canoa de voga. Quando foi umas horas, diz que o homem viu 7 mulher. Sete mulher embaixo, na canoa. Disse: 'Vamo embora! Vamo embora! Vamo embora!' E o home diz que, tremendo. Ficou escondidinho, não sabia, né! Aí diz que elas remaram, remaram, remaram; chegaram. Quando elas chegaram na terra que elas iam fazê, fazê a penitência dela, aí diz que o homem foi. Quando elas foi fazê a penitência dela, diz que o home foi e sartô depressa e chegô numa árvore. Chegô, cortô um galho de árvore. Cortô um galho de árvore e disse: 'Quero vê a terra onde elas estão.' E foi pro lugá que ele estava. Diz que andô rezando... Quando elas vieram, aí diz que chegaram. Quando o galo cantô, ela tava na terra dela. E o home .. quando foi outro dia, aí o homem foi vê a árvore que era, era oliveira.

Na outra história, aparece uma bruxa ocupando o espaço feminino, demonstrando a existência de rivalidade entre as mulheres¹² da comunidade. E também mostrando a bruxa como má e a parteira ou benzedeira, no caso, como boa. Como aquela que conhece os sinais maléficos que a outra mulher (a bruxa) pode aplicar à comunidade. A história acima mostra a posição da mulher na comunidade em contraposição ao homem.

O espaço da terra como sendo basicamente de domínio feminino em suas diversas atividades, mostra-nos também um outro espaço sobre o qual as mulheres também têm um certo domínio, qual seja, o simbólico, ou o do sobrenatural, do fantástico. As histórias narradas por muitas mulheres caiçaras demonstram esse outro saber que não é privilégio da maioria das mulheres e nem território somente delas, pois determinados homens também possuem o prestígio de serem bons curandeiros. Aparecem nas narrativas homens que são procurados para curarem mordida de cobra e outros males que um simples conhecimento sobre as ervas não é capaz de curar.

Enfim, o espaço de terra firme era um campo aberto para as mulheres explorarem as plantas e ervas em seu exercício cotidiano na manutenção da saúde das pessoas da comunidade. Seja na mata próxima de casa, no quintal ou na roça.

11 Segundo a tradição caiçara, uma mulher que tem 7 filhas, a última é bruxa. E 7 filhos, o último é lobisom.

12 Observação feita por Maria Célia Coimbra durante o exame de qualificação do presente trabalho.

4 - A mata e seus mistérios

A mata é um espaço onde os caiçaras praticam¹³ a caça e a coleta, um lugar que servia como fonte de alimento para o sustento da comunidade. Caçavam animais como porco do mato, anta, gambá, etc; pássaros como o macuco e jacu; coletavam frutas, tais como coco indaiá, bocaparí, ingá, coco brejaúva, e lenha seca para utilizar nos fogões feitos de barro. A atividade de coleta era reservada às mulheres e crianças, enquanto que os homens realizavam a caça.

Para os caiçaras a mata, assim como o mar, é um espaço que é necessário conhecer para poder nele penetrar, senão os riscos de se perder e até mesmo morrer se tornam grandes:

...tem que conhecê, se num conhecê se perde no mato. Aí, fica desorientado, não sabe pra onde vai. Cê pensa que tá saindo, vai entrando mais pro fundo...Então tem que pegá rumo do sol..." Ainda dizem que pode se direcionar na mata "pelo lombo do morro. Pela vertente que fala, pela vertente..."

São conhecedores (os caiçaras) de diversas espécies de animais, aves, árvores frutíferas ou não (vide anexo). E também conhecem os costumes de diversos animais e aves: o que comem, tipo de canto, rastros, época de procriação, etc. Possuem um conhecimento minucioso da mata.

Gioconda Mussolini descreve assim o caiçara e sua acentuada intimidade com o ambiente natural em que vive:

Conhece o homem muito bem as propriedades das plantas ao seu redor - para remédios, para construções, para canoas, para jangadas - bem como os fenômenos naturais presos à terra e ao mar e que os norteia no sistema de vida anfíbia que leva, dividindo suas atividades entre a pesca e agricultura de pequeno vulto, com poucos excedentes para troca ou para venda: os ventos, os 'movimentos' das águas, os hábitos dos peixes, seu periodismo, a época e a lua adequadas para pôr abaixo uma árvore ou lançar à terra uma semente ou u'a muda ou colher o que plantou (Mussolini,1980:226).

Há determinadas espécies de animais que eles não matam pois, segundo eles, parecem com pessoas. Um caçador disse que *"...bugio mesmo agente come, mono a pessoa come. Mas, já não é bom matá ele. O bicho parece gente..."* Para esse caiçara, os animais que tem características humanas tais

13 Praticavam a caça e coleta mais intensamente, hoje o fazem esporadicamente.

como o macaco, o bugio, o mono e a preguiça, não devem ser caçados.

Uma velha caiçara conta um “causo” de umas crianças que viraram macaco:

...Quando Deus andou pelo mundo...Os fariseu passô seguindo Jesus. Os fariseu falô: ‘Que andava um home pegando umas crianças pra levá.’ Esse homem tinha filho. Aí, esse home, foi e disse: ‘Mulé, prenda as criança que aí diz que anda um home pegando as criança pra levá.’ Mandou a mulé prendê, né. Aí diz que prenderam as criança. Parece que dois ou três. Quando Nosso Senhor passou, aí demoro poco. Nosso Senhor passô, as criança tavam presa. Aí, quando Nosso Senhor passô que as criança já estavam presa... ‘será que esse home já passô.’ ‘Ah, vamo sortá as criança.’ Quando foram sortá as criança, as criança tavam tudo macaco.

Após esse conto essa Senhora acrescenta:

Você não vê que macaco é esperto? É por isso, macaco é esperto que nem gente. ...O bicho é que nem nós memo. Tinha mãe. Eles tinham mãe como nós memo...

E ainda um outro caiçara que costuma ir à mata afirma: “... *você vai caçá, o bicho preguiça, ele põe a mão na frente e começa a chorá, soltá lágrima.*” Ele refere-se ao mesmo fato, citando o exemplo do tamanduá.

Nos relatos dos moradores, pescadores e caçadores, havia uma maior preocupação com o meio natural no qual eles atuavam. Hoje persiste em alguns essa preocupação. Para eles o “não abuso” em relação ao mar e à mata é um valor essencial, para não serem castigados. Não pegar peixes e nem animais pequenos para não acabar com as espécies; não ir à mata ou ao mar em época de reprodução: “...*nunca se vai no mato na época de agosto a fevereiro, não se vai no mato. Porque é época que o bicho tá criando...*”

Havia, em escala maior, e ainda há, uma certa preocupação com a manutenção dos recursos naturais. Ir à mata ou ao mar na época certa faz com que a natureza se reponha, que os animais, peixes e aves se reproduzam e criem para, assim, o ciclo da vida se renovar.

A preocupação com a quantidade de animais a serem caçados também faz parte, até hoje, do modo de atuar no meio natural no qual o caiçara está inserido. O quanto vai ser caçado está relacionado ao número de pessoas que se tem para alimentar, no caso, sempre é a família:

...se mata os bicho grande, mata um só. Aquele já dá pro cê...Cê vai e encontra um bando de porco do mato, se você está sozinha no mato, vai matá três, quatro porco, pra quê? Você não aguenta carregá. Dexá o bicho estragando? Então, mata um. Só o que dá pra gente comê. Aquele que dá pra levá pra casa. Tem gente que é muito ganancioso demais.

Para os caiçaras mais antigos, hoje não se respeitam mais os ciclos da natureza, a época certa para realizar as atividades de caça, pesca e coleta. Um antigo morador do bairro reclama que

devia respeitá um poco, quando tá a época, digamos...é que nem um fruto, quando tá maduro agente tem que aproveitá que tá na época da coleta, porque é época dele, da gente se alimentá. Nós devemo dá respeito. Porque esse pessoal que tá vindo agora, eles não respeitam. Eles querem é devorá, querem acabá com tudo que tem. Eles querem tirá o último...¹⁴

Numa comunidade em que os espaços naturais são importantes, nada mais lógico que se tenha preocupação em preservá-lo. Esta atitude parcimoniosa em relação aos recursos naturais está explícita tanto na fala, a partir desses relatos, quanto está implícita nos contos, lendas e mitos de bichos e entidades fantásticas que habitam simbolicamente os mesmos espaços por onde circulam os caiçaras. Encantados que moram ou mesmo dividem os lugares por onde circulam os moradores do bairro em questão.

A mata é vista como lugar seguro, em oposição ao mar, que é tido como imprevisível. Para um caçador “...o mato é mais gostoso que a água. No mato é mais segurança.”

Porém, não é pelo fato de a mata ser mais segura que haja, por parte dos caiçaras, uma falta de respeito e mesmo uma falta de cautela ao penetrar na mesma. Pois, assim como o mar, a mata exige maiores cuidados e também é vista como sendo misteriosa e habitada por seres encantados. Seres que protegem os animais e plantas. São considerados, no imaginário caiçara, como donos ou guardiões do espaço que habitam. E de certa forma regulam a conduta dos que penetram na mata com intuito de caçar, impondo-lhes limites em sua ação sobre a natureza.

Para um caçador “no mato tem coisa, é que agente não vê. A pessoa

14 Este mesmo senhor diz a respeito desse tipo de ato: “...É que nem japonês. Japonês vai pescá, ele sai, ele só sai dali se ele vê se saiu o último. Enquanto dali tá pegando, tá bom. Quando, otro dia que vem, matô um: ‘Ah, tá rui, tá fraco, não tem mais.’ Por que? Ele quis pegá tudo num dia só. Então!”

abusando ele acha.” E narra assim uma história acontecida com ele e seu pai:

Mas, eu não vi nada. Única coisa que eu vi, caçando, sabe o que é? Nessa época, meu pai era vivo. Nós dois caçando. Nós tinha seis cachorro. Nós fomo caçá...Era uma quinta feira santa. Eu e meu pai fomo. Aqui na picada do falecido baiano, um terreno que ele tinha, um bananal. Cortamo picada no meio do bananal. Correu o bicho. Fomo lá, agente pegando, empacotô co bicho, fomo lá e era uma tocha de fogo deste tamanho(expressão gestual) aqui óh! Aí, chegamo perto a tocha sumiu... Dái nós peguemo entramo um lado pro otro: ‘aqui talvez que corre o bicho, né.’ Nós se perdeu num pedacinho de mato... eu andava direto ali. Se perdemo, varemo a noite intera cortando em facão. Nós ia até a bera da estrada, parece que tinha um troço que virava nossa cabeça. Vortava pra trás de novo. Então chegamo perto da otra estrada e vortava pra trás de novo, não conseguia passá. Quando saimo era 5 h. da manhã co dia clareando. Isso foi a última vez que sei que eu vi, foi isso aí. Não tinha jeito de se perdê. Não sei o que que era. Não dá para se entendê que, o pedaço de mato era muito pequeno pra gente se perdê. Não tinha um arquere de terra. Pra quem anda 10, 20 km. de mato... Meu pai falô : ‘vô vendê a espingarda, não vô caçá mais.

Essa relação do caiçara com a natureza, encoberta por uma névoa de mistério faz parte da maneira deles pensarem o meio natural, e também informa a conduta deles em relação a esse meio. São relatados vários acontecimentos em que o caçador, geralmente, deixa seu ofício por causa dos mistérios que os envolvem.

Conta ainda esse mesmo caçador um episódio de um conhecido seu que, após surrar sua mãe, pegou a espingarda e foi caçar, sem ouvir as advertências da mãe. Chegando ao mato, o sujeito caiu numa “pirambeira”, quebrou as duas pernas e ficou dois dias perdido no mato. Esse caçador que contou o ocorrido foi quem o achou no mato e o retirou de lá.

Essas narrativas são importantes, pois nos mostram uma outra dimensão do pensamento caiçara, não somente aquela do conhecimento concreto da natureza, mas também o conhecimento simbólico, mítico, formando assim as representações sobre o mundo, sobre o estar no mundo.

5 - Do outro lado da mata...

Através das histórias de seres fantásticos que povoam a mata, no pensamento simbólico caiçara, penetraremos nas armadilhas de um pensamento que tece e entretece os fios das representações sobre o mundo. Fios que tecem o real e o imaginário interligando ambos para compor o todo que é o mundo caiçara.

E que não parece ser diferente nas outras comunidades ditas camponesas ou mesmo de pescadores do Norte, Nordeste ou Sul do país.

As histórias que serão aqui reproduzidas dizem respeito à relação caiçara-natureza. Narram o aparecimento de entes encantados, meio humano, meio animal, que aparecem nos espaços no qual os caiçaras vivem, para alertar os homens contra os abusos cometidos em relação a natureza. Pois esses seres punem os que cometem alguma infração no local no qual habitam. Estamos nos referindo aqui ao espaço invisível, a um outro espaço que controla e regula a vida dos caiçaras, o espaço do imaginário, do mítico e do simbólico, que se revela e se insinua a partir de metáforas e jogos de palavras que, para um “bom entendedor: meia palavra basta”; ou seja, para um conhecedor da natureza, para aqueles que vivem e experienciam a natureza e fazem dela sua aliada na construção de uma identidade

Um desses seres encantados é o que os caiçaras denominam de “Capitão do Mato” ou ainda “caipora”¹⁵. Estes seres são considerados donos dos animais e também da mata. Uma velha caiçara moradora do Porto Novo narra assim uma história de um desses seres míticos:

Era um home que a mulhé dele tava esperando criança né. Aí, quando foi um dia ela pediu pro marido: ‘Marido, vai cortá um parmito (palmito) pra mim.’ Aí, o marido foi no mato. Não achou parmito. Ela disse: ‘Não achô. Eu, então eu vô.’ Aí, foi lá no mato cortô aquela porção de parmito, amarrô, conforme ela amarrô o pé de parmito, chegô o manda-chuva, né. Aí, falô pra ela assim: ‘Oh, mulhé: ou vivê ou morrê! Ou você vai morá comigo, ou você vai morrê.’ Ela perferiu morá com ele. Era o capóro, né. Aí, ela foi morá com ele. Chegô lá no mato, ele trazia toda caça crua pra ela. Ela tinha que comê pra não morrê de fome. Aí, comia aquela carne e ficava. Aí, quando foi um dia, ela fez um voto pra Nossa Senhora Aparecida que fizesse ela saí do mato que ela ia comprí uma promessa. Aí, ela saiu. Ela pegô, não sei que jeito, formô um rio, né. Aí, ela pegô uma canoa e travessô. Conforme ela ia atravessando, o capora, o macho, saiu...: ‘vem mulhé, tenha dó do nosso filho. Tenha dó dessa criança.’ A mulhé dava aquela investida pro lado dele, ele dava aquela baita risada. Ela vai embora. Quando ela dava investida pro lado dele, ele dava aquela buta risada. Aí, ela foi embora. Aí, o que ele fez? Ele pegô na criança: ‘Aí, mulhé, nem pra mim, nem pra você.’ Lascô a criança no meio e jogô no rio.

15 Para Câmara Cascudo (1971:78) “Na Mitologia Brasileira não existe uma égide defensora dos vegetais. Com algum exame, verifica-se que os deuses das matas brasilianas são todos protetores de aves, peixes, mamíferos: Curupia, Anhangá, Caapora, que é a femina Caipora no Nordeste, Saci-Pererê, no Brasil austral, e qualquer outro bicho *visagento*, vale dizer, fantástico... A tradição oral não guarda episódios de castigos aos madeiros e sim aos caçadores...”

Antes do início dessa história essa mesma Senhora disse: “*Não é história, é caso mesmo.*” Sugerindo que o fato narrado aconteceu de verdade. A história contada nos fala da aliança entre o homem e a natureza, nos fala também da ida da mulher ao espaço masculino e isso a fez se ligar à entidade “dona da mata” para que essa não a matasse. Mostra também o rompimento do pacto da mulher com o encantado. Rompimento do pacto do homem com o meio natural, isto acarretando infortúnio, como a perda do filho. A história acima contada parece ser a de um desligamento ou mesmo de uma negação do homem em relação a natureza. Uma quebra de contrato entre natureza e cultura.

Ainda sobre o “guarda do mato” uma moradora disse que

isso (o guarda do mato) já veio desde o começo da vida... já vem de antigamente... pra respeitá o mato né. Ele aparece pra gente que gosta de entrá no mato, cortá, queimá, né. Queimá lenha, cortá madeira. Antigamente tinha tudo isso. Agora, eu acho que não tem mais nada disso... Pode sê pra essas mata virge, né. Pode tê, né.

Hoje, com a retirada da mata desaparecem também as entidades fantásticas que povoavam o imaginário dos caiçaras. Esses espaços eram um bem comum onde os únicos donos, do ponto de vista simbólico, eram seres encantados que preservavam os recursos naturais, fazendo com que se cumprissem as regras naturais dos ciclos de renovação da natureza.

Em outra história¹⁶, o “pora” que é também denominado dono da mata, aparece a um caçador que foi ao mato caçar. Este caçador não estava conseguindo encontrar nenhum animal. Porém, de repente apareceu em sua frente o “pora” para ajudá-lo, indicando o lugar certo para caçar:

O vovô uma vez falô que foi caçá. Aí, aquilo não tinha caça. Olha que vovô batalhô, coisa pra lá, pra cá. Caça, não tinha nenhuma caça. E vovô falô: ‘Meu Deus, acho que vô sem nenhuma caça pra casa.’ Aí, qui a poco que ele olhô assim, vinha aquele home tudo cheio de folha, tudo aquele galho. Aí, vovô: “Mas, galho! Mas, como aquele galho tá andando? Aquele pé de árvore tá andando?” Aí, vovô falô: ‘Meu Deus do céu, não achei uma caça! Que eu queria matá uma caça e não achei uma caça, vem um pé de árvore andando.’ Aí, que ele olhô vinha. ‘Lá vem uma árvore andando. Peralá, acho que até vô dá um tiro nessa árvore.’ Aí. ele pegô, disse assim: ‘O que é isso aí?’ Ele (o pora) falô: ‘Cê não conhece quem sô? Sabe quem sô? Eu sô o pora. Qué que tê ajude?’ Aí, vovô: ‘Ajudá, como? ‘Cê passa aqui, vai ali naquele morro que tem um macaco, cê vai matá.’ Aí, vovô: ‘Mas, vô dá um tiro?’ ‘Não me dê um tiro! Vá lá.’ Aí, o vovô foi e tinha memo. Aí, matô. Falô (o avô): ‘Belinha, sabe quem me ajudô pra mim achá essa caça? E matei esse tatu

¹⁶ Esta história nos foi contada por uma Senhora caiçara de 65 anos.

também? Foi uma árvore. Ele falô que era o pora.

Nessa história o caçador é ajudado pela entidade “dono da mata”. É a natureza que doa ao homem o seu produto, desde que o mesmo respeite algumas regras de procedimento ao caçar, no caso da história, não utilizar a espingarda. Quanto mais nos recuamos no tempo, a partir das lembranças aqui rememoradas, há uma relação mais estreita do homem com a natureza. Pois, essa história nos conta da ajuda que o ser fantástico (pora), dono da mata, dá ao caçador. Em uma outra história, que será posteriormente contada, aparece a entidade “dona da mata” punindo o caçador que abusou, pegou mais que o necessário, o que nos parece ser o indicador de uma certa relação de separação entre o homem e o meio natural. Não mais uma relação estreita, de simbiose, mas de desligamento.

Uma senhora caiçara¹⁷ afirma que o “capitão do mato” já foi visto por um de seus filhos¹⁸ e o descreve assim: *“Era tudo verde. É que nem piriquito verde.. Ele não dexa matá. Põe o assobio na boca. Ele assobia bem alto. E os bicho vinha, os bicho aparecia, mas não para matá.”* Esta mesma senhora fala do caipora que foi visto por sua mãe no riacho próximo a sua casa. O caipora *“tinha cabelo que caía no chão. Ele é bicho.”* Esses relatos nos contam de um tempo em que a experiência concreta da vida vivida no cotidiano da mata, do rio, do mar, era o alicerce para a construção de um pensamento que se preocupava em questionar o mundo no qual se vivia. Havia uma preocupação em explicar acontecimentos estranhos vistos e ouvidos que, de repente, ecoavam dos espaços por onde os caiçaras circulavam.

Há outra história também do “capitão do mato”, contada por um caçador caiçara, que mostra o aparecimento dessa entidade para um caçador que pegou muitos animais. Essa história transmite a consciência do controle e limite para a caça. O “capitão do mato” simboliza essa necessidade:

...Um home ... cê vê, o cara que tava caçando sozinho... Iso pra mim é lenda também. Matô, sozinho, matô cinco porco. Não podia: vai com um não podia carregá. E não podia carregá mais de um. Aí, ele ficou pensando: ‘E agora o que que eu vô fazê?’ Ele não podia pegá um porque tinha quatro morto. Aí, essa hora chegô, diz que chegô um home

17 Falecida recentemente.

18 O filho mais velho tem aproximadamente 40 anos.

perto dele e falô: 'Esse aí você carrega e os otro vão embora.' Pegô uma vara pra batê no porco. O porco levantando e saíram tudos ele. Ele também diz que nunca mais vortô no mato. Esse aí é fogo. Muita gente conta isso aí.

Esse mesmo caçador acrescenta a respeito do “capitão do mato”:

É o rei disso tudo. Toma conta dos bicho, mas tudo tem o capitão, né... Porque cê vê, o pessoal passô no mato, la onde ele passô essa pessoa se perde. Se ele, o capitão, passá por cima do rastro dele, se perde. Vira a cabeça da pessoa.

O interessante é notar o que este caçador caiçara, em uma fala anterior, disse em relação aos cuidados da quantidade de animais a ser caçada, denominando as pessoas de “gananciosas” por elas pegarem mais do que necessitam. Em seu discurso há a reprodução da própria atitude do “capitão do mato” que pune o caçador que pega mais animais do que consegue carregar. Parece ser essa história uma representação social do pensamento caiçara e de sua atitude diante da natureza. Atitude essa de respeito e de parcimônia para com o meio natural, assimilado inconscientemente no discurso e também em sua ação prática durante a caça e a pesca. O que a história conta é um entretecer das relações entre o homem e a natureza.

Para esse caçador a preferência está em caçar, mais do que em pescar. Pois, como foi dito anteriormente, a mata oferece para ele mais segurança. Ele acrescenta ainda os cuidados que algumas pessoas têm, ao entrar na mata: *“tem gente que pra entrá no mato se benze, tem otra que quer fazê pedido pro capitão do mato.”* Se para os caiçaras, no plano da realidade concreta, a mata é um bem comum, para esse mesmo caiçara, no plano simbólico, do imaginário, a mata possui um dono que cuida dela e dos animais e portanto é necessário pedir permissão para entrar num espaço que não é seu.

Capítulo IV

O mangue

1 - Saindo da terra: Pisando na lama

O mangue era também um espaço por onde os caiçaras do bairro Porto Novo penetravam para coletar produtos, seja para o artesanato ou para a própria alimentação.

Para comer iam, principalmente, pegar caranguejo guaiamu e ostra. A coleta desta era bem mais freqüente antes da década de 60. Porém a coleta do guaiamu até hoje constitui uma prática.

Em tempos anteriores às décadas de 60 e 70, os moradores do bairro aqui estudado iam ao mangue também para pegar lenha para vender; cortavam guanxuma¹⁹ para extrair a entrecasca para fazer cordão com o qual trançavam as suas esteiras. Estas eram feitas de um outro vegetal também extraído da área de manguezal, espécie de junco que deixavam para secar e depois confeccionavam as esteiras que serviam como camas. Hoje essa coleta se destina ao artesanato para a venda.

Além de ser (o mangue) um espaço do qual o homem podia extrair coisas úteis para viabilizar sua existência, era também espaço que servia como criadouro para várias espécies de peixes, aves e outros animais que por ventura nele vivessem. Os peixes migratórios como a tainha, o robalo, o mero e o bagre medela dele se aproveitavam para criar seus filhotes, como um espaço de proteção.

Devido à morfologia de uma espécie vegetal cujas raízes caem de cima para baixo e enterra-se no chão como se fossem gaiolas naturais, os peixes que entravam debaixo dessa árvore ninguém mais conseguia pegar, pois as raízes servem de esconderijo. O mangue formava sombra também no rio e esta, segundo os pescadores, servia como proteção e camuflagem para o mero que surpreendia suas vítimas dando botes na água próximo às sombras. A tranqüilidade que o mangue oferecia é uma das condições preferidas dos peixes e

¹⁹ Nome dado pelos caiçaras a um vegetal típico de mangue

de outras espécies que ali vivem, como os pássaros (garça branca e cinza, socó, saracura, Martim pescador, colhereiro e outros). Até uma espécie de cachorro do mangue foi citado: uma espécie que come caranguejo e vive no mangue.

Por ser formado de lama, o mangue é rico em nutrientes que mantém a reprodução de pequenos crustáceos (camarão de água doce por exemplo) e estes servem de fonte de alimento para os pássaros que ali vivem a pescar.

Para Clara Pantoja Ferreira,

os manguezais apresentam grande produtividade biológica e alto teor em matéria orgânica, são habitados e freqüentados por um considerável número de peixes, moluscos e crustáceos que aí encontram condições ideais de desova e reprodução, sendo considerados muito importantes do ponto de vista ecológico por sua contribuição na cadeia alimentar. Dessa forma, são responsáveis pelo equilíbrio físico-químico-biológico da região costeira. A ação antrópica indiscriminada ocasionará a quebra desse equilíbrio, podendo resultar na sua destruição (1990:115).

Os instrumentos que os caiçaras utilizam para capturar caranguejos por vezes não são eficientes do ponto de vista da preservação, pois danificam o habitat do caranguejo. Por exemplo, o ato de pegá-lo na toca, destruindo a mesma com enxada. Esta prática destrói a toca. Sendo assim a técnica mais eficiente de pegar caranguejo ainda é com as mãos e com ratoeiras de madeira.²⁰

Portanto o mangue é um local conscientemente visto pelos caiçaras como extremamente importante para a sobrevivência de várias espécies da fauna marinha ou do rio. Ele foi mais explorado em uma época em que os turistas eram poucos, em que não havia muitas casas construídas às margens do rio Juqueriquerê. Hoje as áreas que contêm mangue estão praticamente destruídas, pois os terrenos comprados por turistas foram aterrados, justamente nesta área de manguezal, para eles terem acesso ao rio. Foram construídas marinas para alojar as grandes lanchas de turistas de fins de semana ou de feriados; lanchas estas que fazem muito barulho espantando os peixes, tanto do pescador como dos pássaros que viviam e ainda vivem às margens do rio a pescar. Além disso, há os esgotos das casas que passaram a ser jogados no rio, atravessando o mangue.

Um pescador antigo do bairro aqui pesquisado, narra a importância do mangue e dos peixes que nele viviam:

²⁰ No nordeste as ratoeiras são feitas de lata e as dos caiçaras do litoral norte paulista, especificamente os moradores do bairro estudado por nós as fazem de madeira.

...antigamente aqui, você pegava uma tainha pra se alimentá. Aí você via o peixe na bera assim do mangue, assim na sombra, na guanchuma. Você olhava assim, he! nove, dez você via ali: robalo, tainha. Pegava galho daquele, sacudia... duas, treis! Pra que mais? Vá hoje! Nunca, nem aranha trais. É então, porque não tem onde o peixe se escondê... Destruiu tudo, não tem mais nada. Porque aí criava o peixe. O peixe ficava ali. Onde é o Jorginho, ali? A marina ali, era um cotovelo ali. Ali era bom pra tainha. Vai vê agora! Não tem onde bicho se escondê. O peixe gosta de sombra, lugá mais quieto. Mas, agora o barulho, então. Não gosta de barulho a tainha. Tá na sombra o peixe. O peixe mais sabido que eu acho, aqui mesmo, é a tainha...Ah! Ela percebe você! Só na sombra ela percebe você. Então, você vai aqui. É que, você não vê quando vai...Ela já viu, que tempo ela viu você...

O mangue é uma área intermediária entre a terra firme e a água do rio; uma área para a desova, para reprodução, um espaço para a criação do filhote ao adulto, pois só assim ele estará apto a alçar nados maiores para outros rios e outros mares. É justamente o local onde terra e água se encontram formando um terceiro espaço denominado brejo ou mangue. Um espaço aparentemente feio e nojento, talvez por isso se queira justificar tamanha destruição. Para cada casa construída ao longo do rio Juqueriquerê, há uma parte aterrada de mangue.

Mulheres iam ao mangue para colher a matéria-prima para a confecção de esteiras: a taboa, a guanxuma para extrair a embira para o cordão que era amarrado nos bilros com os quais trançavam a taboa para formar a esteira que era confeccionada em um tear de madeira.

As crianças penetravam no mangue principalmente para capturar caranguejo. Corria-se para o mangue em época de trovoada, pois os caranguejos ficam alvoroçados, correndo de um lado para o outro. Justamente nesse momento pegavam-se muito deles.

Um jovem pescador conta a época de criança quando ia mais constantemente ao mangue:

... Porque antes, quando roncava trovoada, a gente ia lá, os caranguejo ficava mais de seis, um grudado no otro. Até agora, ninguém sabe o por que que eles, quando chegava a época que roncava trovoada, agente ia lá e catava um grudado no otro. Porque isso aí era uma coisa que acontecia. Acontece, a gente não consegue explicar..." Outro pescador arrisca a explicar dizendo que os caranguejos ficam assim devido ao medo que eles têm do barulho, porque "...roncô trovoada dá um eco na terra.

A maneira de se pegar caranguejo ainda continua a mesma para

alguns caiçaras do bairro Porto Novo, pois eles praticam a captura, principalmente do caranguejo guaiamu. Um dos entrevistados conta assim sua técnica de captura:

...Eu costumava enfiá a mão no buraco do caranguejo cabeludo. Agora, do guaimú, eu ainda pego até hoje com ratoeira. Que não, não vai danificá a toca. Na época de criá, ele já querem tê a toca pronta para criá. Porque na toca fica o macho e a fêmea. Se você arrancá, o macho sempre fica na frente, a fêmea fica abaixo. Tanto é, você vai enfiá a mão, a vez, num buraco, ele tá cheio de filhotinho. Entende?! Tanto é que aquela ovinha dela...cada ovinha daquela é cheio de filhotinho. Então, se você arrancá aquilo lá, não vai conseguí sobrevivê. E se você danifica a toca... se ele mudá, ele morre. Morre porque a toca já tá no jeito lá. E se ele mudá, fazê tudo de novo, já vai passá a época dela criá e não tem mais jeito. Por isso que tá acabando tudo...

Para os caiçaras a época do acasalamento e da reprodução de qualquer espécie seja do mangue, do rio, do mar ou da mata segue sempre um mesmo ritual dirigido pela natureza: *“...É sempre esse mesmo ritual. Sempre a mesma coisa.”*

Capítulo V

O rio

1 - O Rio Juqueriquerê²¹

O rio Juqueriquerê, ao qual iremos nos referir nesse trabalho, compõe um cenário conjuntamente com peixes, pássaros, animais e pessoas, ajudando, de certo modo, a formar a identidade caiçara.

Juqueriquerê significa, segundo os moradores de lá a “planta que dorme”, por ter uma quantidade grande de uma espécie de planta que, ao encostarmos nela, parece murchar.

Esse rio nasce na Serra do Mar e vem deslizando e serpenteando na planície até se encontrar com o mar. A distância aproximada do bairro Rio Claro, onde se forma o rio Juqueriquerê, até o mar, ao longo do bairro Porto Novo, é de 8.055m.(Olavo A. Hummel, 1919:10). Com uma profundidade de aproximadamente 4 a 5 m, e com largura de mais ou menos 30 a 40m.

No entretecer das águas do rio e do mar, ambas se unem, se misturam e se transformam num ponto chamado Boca da Barra. Esta serve como entrada e saída de pescado, de madeiras caídas da Serra, após uma chuva forte ou mesmo um desbarrancamento do rio. A maré vazando leva para o mar tudo o que o rio não pode abrigar. Quando a maré enche, entram no rio pescados à procura de alimento, atrás de outros peixes, e também a procura de um abrigo para desovar. Águas que mudam de cor e sabor num vai e vem de marés cheias e vazantes. A cor muda devido às chuvas que, ao caírem na Serra, trazem para o rio o barro. O sabor varia de acordo com a entrada de água do mar no rio, quando a maré enche, tornando a água do rio salobra.

Segundo relatório de João P. Cardoso (p.55) o rio não foi somente um lugar para a pesca; também foi outrora um espaço bastante importante para a construção da cultura caiçara, em especial para a população que vive no bairro Porto Novo em Caraguatatuba. Sobre as águas do rio Juqueriquerê adultos e crianças construíam as relações sociais: para as crianças o brincar de nadar com

21 Segundo Sampaio (1978:364), Juquiriquerê significa planta dorminhoca ou sensitiva.

jangadas construídas de troncos de bananeiras; o aprendizado na arte da pesca acontecia às margens e nas águas do rio Juqueriquerê.

Para as mulheres, as águas desse mesmo rio eram importantes para lavar roupas e louças, para trocas de informações com comadres e vizinhas, para “consertar” peixes e ainda pescar.

Os homens pescavam com a pesca do facho, com linha, e ainda pescavam com tarrafa.

O espaço, portanto, é uma categoria base para se entender e conhecer os caiçaras de Caraguatatuba, em particular os que moram no bairro Porto Novo, às margens do rio acima citado.

Diegues realça

a importância do espaço é, portanto fundamental para a construção de um sentimento forte de pertencer... cada um leva em si mesmo uma certa representação da toposfera, do espaço onde se insere (1996:126).

Segundo relatório de João P. Cardoso²²

...a barra do rio Juqueryquerê com pouco mais de 50 metros de largura, de regular profundidade e oferecendo boas condições de navegabilidade até a junção com o rio Claro, seu afluente da margem direita, o qual é o maior de todos... Depois de receber o rio Claro, o rio Juqueryquerê toma o nome de Camburú, o qual conserva até a barra do rio Verde e desta para cima é conhecido pela denominação de Pardo. Assim pode-se dizer que o Juqueryquerê é formado pelo Camburú e pelo rio Claro e o Camburú origina-se da reunião do rio Verde com o rio Pardo.

Sendo assim, o rio Juqueriquerê é um dos espaços que analisamos, como tendo importância grande na comunidade caiçara.

Para Godelier, a forma de utilização do espaço se vincula ‘ao sistema de representações que os indivíduos e grupos, membros de uma determinada sociedade, formulam sobre o seu meio, pois é a partir dessas representações que os indivíduos atuam sobre o seu meio’ (Godelier, apud Diegues, 1995:21).

O espaço também é um indicador da identidade cultural de uma sociedade. Digamos que serve como ponto de referência para identificar uma sociedade.

Estaremos ao longo desse capítulo, discutindo e analisando o

²² Chefe da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo qu realizou uma “Exploração do Rio Juqueryquerê em 1906.

conhecimento prático que os caiçaras têm do rio Juqueriquerê. Além disso nos ateremos também ao conhecimento simbólico que caracteriza as representações, essas como importantes para conhecermos o modo de pensar de um grupo e também como uma forma desse grupo estabelecer uma relação com o outro. Aqui no caso o outro é a natureza.

Para compreendermos as representações que o caiçara faz do rio faz-se necessário nos atermos ao conhecimento das espécies que habitam o rio, o mar, o mangue e a mata; a época certa para caçar e pescar; o movimento das marés e o tempo.

O rio é visto por muitos pescadores como um lugar tranqüilo, fora de perigo, em contraposição ao mar. Este como o espaço da imprevisibilidade, do perigo.

Todo o conhecimento dos caiçaras é construído a partir da experiência vivida cotidianamente e também adquirido no contato com os mais velhos. Estes, vistos como guardiões da cultura, como membros fundamentais que retêm na memória a importância da continuidade e os elementos que caracterizam uma época e uma sociedade.

Enfim, remaremos por águas aparentemente tranqüilas e claras do conhecimento prático dos caiçaras sobre o rio e também nas tumultuadas que povoam seu imaginário. Estas serão aqui trabalhadas através dos contos de peixes, animais e seres que habitam esses espaços no imaginário caiçara.

Para Maldonado,

...a representação de espaço é uma expressão fundamental da organização social, fornecendo referenciais que propiciam a ocorrência de outros comportamentos. Sendo o homem um ser que interpreta e compreende constantemente a si mesmo e aos outros na interação social, servem-lhe o tempo e o espaço como pré-concepções para pensar a natureza, o mundo que constituirá no seu confronto com ela e as relações em que entrará com outros indivíduos nesse mesmo processo. E é nos modos como se movimentam, se articulam e se situam em termos espaciais e temporais, que os homens se distanciam e se aproximam, pertencem ou se excluem, construindo as organizações sociais em que vivem (1994:36).

2 - O rio na memória dos que o viveram quando ele era farto

Os moradores que ainda vivem às margens do Juqueriquerê, o

recordam como sendo farto de peixe e possuindo uma água tão clara que, segundo um velho morador, dava até para enxergar uma agulha no fundo d'água. Nele várias espécies de peixes que o buscavam para desovar ou mesmo para ir atrás de outros peixes, tais como a tainha, o mero e também o golfinho. Esse rio suscitava o imaginário dos caiçaras, pois abrigava seres donos dos peixes que estavam sempre à espreita para quem ousasse abusar. Era também um lugar que merecia muito respeito.

Através dos contos recolhidos podemos perceber que esses seres orientavam, de certa forma, a conduta e regulavam a maneira dos caiçaras manipularem o espaço fazendo com que um certo equilíbrio ocorresse no meio natural. Causando temor ao surgir nas águas do rio, os seres mágicos indicavam a importância de não se abusar.

O conhecimento das condições físicas e simbólicas orientava a comunidade quanto a melhor forma de atuar sobre a natureza, pois por conhecerem muito bem o espaço no qual estão inseridos, os caiçaras criam não só um outro conhecimento, como também uma forma de interpretar o mundo.

Maldonado cita Mauss:

'uma organização moral, jurídica e religiosa é necessária junto com o meio natural para que o homem possa viver em sociedade' (Maldonado, 1994:36).

O conhecimento do meio natural portanto, leva à construção das representações e essas orientam por sua vez as relações sociais e mesmo as relações com a natureza. Esse processo não acontece por etapas, mas simultaneamente e numa relação de simbiose. Há um entrelaçamento entre o conhecimento prático, vivido e experimentado com o conhecimento simbólico.

O rio Juqueriquerê era visto, na memória dos caiçaras como um rio "de primeiro" muito "farto de peixe". Era uma época (antigamente) em que não havia luz elétrica (até mais ou menos meados da década de 70); havia somente mato: "era um matagal só". As margens do rio eram cobertas pela vegetação típica de mangue. A rua que está ao lado do rio era formada apenas por uma picada. Era uma época, segundo os moradores caiçaras, em que se topava com assombração e não com ladrão como é hoje.

Este rio, além da sua importância sócio-cultural, também foi outrora

um ponto economicamente estratégico. Isto é, serviu de escoadouro de produtos tropicais para ingleses (Garrido, 1988).

Cornélio Schmidt²³ em seu relatório de 1919, observa: “Três barras ou bocas principais tem o Estado, entre os seus limites Norte e Sul, no oceano: Juquery-querê, Santos e do Ribeira...”

Ao longo do rio Juqueriquerê foram sendo construídos pequenos portos ou cais que identificavam os moradores que viviam ali em frente, por exemplo, “lá no porto do Benício”, ou “no cais do Inácio”. Esses pequenos portos serviam ao desembarque/ancoradouro para suas canoas e barcos. Servindo esses pequenos cais como um ponto para a pesca do dia-a-dia, para a “mistura” que complementava as refeições, para as brincadeiras das crianças, para as atividades de homens e mulheres e também como referência de ponto de pesca ou de localização de cardumes de peixes.

A canoa como o principal meio de transporte existente outrora, deslizava nas águas do rio cheia de lenha, levando produtos da roça para outras comunidades caiçaras, principalmente aquelas que moravam em ilhas. Servia também para levar as crianças às escolas, para visitas a parentes e também como um instrumento das mulheres na coleta da taboa no mangue, para a fabricação da esteira e ainda para pegar água rio acima. Pois quando a maré enchia a água do mar entrava por uma extensão maior que a habitual no rio, fazendo com que suas águas ficassem salobras.

Os peixes existentes e mais cobiçados, seja pela quantidade ou pelo tamanho, eram a tainha e o mero. A tainha era responsável por uma mobilização maior de pessoas para a sua captura. Era a pesca mais socializada, pois participavam dela homens, mulheres e crianças. É justamente nessa pesca que se percebe maior presença feminina, em que reunir esforços para uma maior captura parece ser a regra geral.

Era uma verdadeira festa e alegria quando chegava o mês de junho.²⁴ Havia até festas agradecendo a fartura de peixe a São Pedro, protetor dos pescadores. Havia também os encontros para fazer tainha assada na brasa. Esse prato, assim como peixe com banana verde, conhecido como “azul marinho”, são

23 In Exploração do Rio Juqueryquerê, Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo, 2a. ed., 1919.

24 Nesse mês a tainha é encontrada em quantidade e qualidade boas para o comércio e consumo.

os pratos típicos da região do litoral norte de São Paulo.

Com a chegada de tainha à Boca da Barra, muitas pessoas ficavam espiando a entrada dela para assim capturá-la. Todos os sentidos pareciam estar em alerta e empenhados nessa façanha, procurando ouvir de suas casas o barulho da tainha no rio, pois ela saltava, produzindo o som característico de sua presença.

Para um pescador *“...de primero tinha muita fartura, muita fartura de peixe, não precisava nem rede pra pegá peixe antigamente.”* Segundo outro pescador a tainha entrava no rio *dizendo “tô aqui hoje”*. Porém *“hoje ela vem escondidinha. Ela não dá demonstração. Tem que procurá ela mesmo.”*

Havia a pesca com o facho ou também chamada pesca com fisga²⁵, que era uma prática comum no rio Juqueriquerê antigamente; e não somente nesse rio, pois José Veríssimo (1970: 83) a descreve também como uma prática comum na Amazônia.²⁶

Alguns pescadores entrevistados narraram com a mesma imagem a pesca da tainha no rio: *“parecia sê uma cidade de tanto farol, de tanto nego fachiando. E contudo que fachiava, nunca fartô peixe no rio.”*

Este relato nos demonstra a crítica que os pescadores fazem quanto à proibição, por parte do Governo, da pesca com fisga. A alegação se baseava, segundo os pescadores, na afirmação de que era uma pesca que “judiava” do peixe. Afirmam ainda que essa proibição abriu espaço para outros tipos de pesca que causaram mais danos e escassez do pescado no rio.

Eram diversas as técnicas de captura da tainha: com uma puçá-coca (espécie de rede cônica), de “bate-galho” ou “bate jangada”, ou ainda “bate-bunda” que, se caracteriza em sacudir ou bater nos galhos que ficam à margem do rio e bater com as nádegas no assento da canoa para assim fazer com que a tainha pulasse dentro da canoa.

Pescava-se com vara (linha e anzol), com covo (armadilha). E ainda, após à proibição da pesca com fisga, introduziram a pesca com tarrafa.

Outra pesca que é lembrada com um certo prazer é a do mero. Este é uma espécie de peixe grande de aproximadamente 150 a 180 k. Segundo os

25 Constituída de uma luz de carboreto ou a vela mesmo que ficava na proa da canoa para iluminar o rio e atrair a tainha para que essa ficasse meio tonta para assim ser fisgada.

26 *“pescam também à noite, com fachos, servindo de armas a frecha, zagaia e, sobretudo, a fisga.”*

pescadores, ele entrava no rio atrás das tainhas para comê-las. Alguns pescadores são lembrados como tendo tido a sorte de pegar um mero. Este vivia à sombra de árvores à beira do rio, esperando para dar o bote nas tainhas. O mero podia virar até uma canoa. Em algumas falas, descrevem o lugar onde o mero se esconde como sendo mal assombrado, pois o pescador que por lá passar pode sofrer algum acidente. Diziam até que o mero era capaz de comer pessoas. Hoje o mero não entra mais no rio porque este se encontra mais raso, pois devido à dragagem, o rio foi se enchendo de terra.

O rio era uma espaço mais democrático, pois nele as mulheres pescavam, principalmente na época da captura da tainha. Iam elas sozinhas ou com seus maridos pescar com puçá-coca. Nas narrativas das mulheres, o rio também era um espaço comum delas, fato confirmado pelos homens. Estes também falam que as mulheres eram uma presença constante nesse rio.

Algumas mulheres ainda lembram de quando iam pescar com seus maridos e pais. Eles as convidavam porque não tinham companhia. Elas iam para remar enquanto eles jogavam as redes. Havia mulheres, porém que se tornaram constantes companheiras de seus pais e maridos na pesca no rio. Uma antiga moradora do bairro afirma que sua irmã era muito corajosa, pois era a única que saía para pescar com seu pai. E narra assim a coragem da irmã:

Enedina, assim, ela fazia o serviço, ia pescá com papai. Ela ia, caçá camarão, tudo assim. Ela fazia mais esse serviço. Mas, eu não. E na roça é a mesma coisa. Ela gostava também de plantar. Eu não. Eu já ficava só pra cozinhá. Só me tiravam pra cozinhá...E ela como era mais forte... Eu fui muito sacrificada do bronquite. Não podia fazer certos serviços...

Lúcia H. de Oliveira Cunha (1987: 67) define o rio como o “espaço da igualdade” e o mar como “espaço da diferenciação”. Essa autora se refere ao rio, em alguns momentos, servindo de mediação entre terra e mar.

As mulheres lavavam roupa e louça nesse rio, iam buscar água para beber e fazer comida; consertavam peixes. Saíam com canoas para pegar taboa para fazer esteiras para a família e para o comércio. Era um lugar de encontros para o bate-papo, para as brincadeiras, para o trabalho e despedidas dos que saíam para pescar. Enfim, lugar onde as relações sociais aconteciam, lugar para a construção de intensas representações sociais.

As crianças exercitavam a sua sociabilidade, brincando às margens e nas águas do rio Juqueriquerê. Brincava-se de nadar, pegava-se lagosta e pitu (espécie de camarão de água doce), com laço de capim, com lata de óleo ou mesmo com a mão. Pescava-se com linha e com anzol. Tomava-se banho.

Há época de total efervescência de peixes no rio e de pessoas que nele navegam. Há porém, época em que

o rio fica em silêncio (mês de setembro em diante- principalmente no verão)... você vai no rio e não pega nada... a única época que o peixe não cresce, num sobe, num desce também... o rio fica em silêncio porque não tem peixe no rio. Ninguém pesca também. E tem muito barulho de lancha também. É uma época muito barulhenta. Que é verão, os turista vem tudo, então não pega nada.

Esta época é também um período em que os peixes estão se reproduzindo. E as atividades de pesca também são realizadas pelos pequenos pescadores ou pescadores artesanais, levando em conta as condições naturais: condições atmosféricas (ventos, chuvas, etc) e época certa.

Silêncio no rio para o acasalamento ou a reprodução dos pescados, ou ainda silêncio devido a presença dos homens-turistas que, num afã de diversão saem em alta velocidade com suas lanchas sem nenhuma preocupação com o espaço e com aqueles que lá vivem.

O rio Juqueriquerê abrigava em suas águas várias espécies de peixes. Segundo os relatos havia, até aproximadamente 20 anos atrás, as seguintes espécies: robalo, tainha, bagre (medela, gunguito, cangatã, urutú e branco), carapeva, jundiá, piaba, cará, amborê, lagosta (pitu, camarãozinho e cutipaca- crustáceo), siri (crustáceo), caranha, carapicú, mero, traíra, mandí, cará-bandeira, paratí, guaçú, bambinho, rabo-preto, tanhota, (havia 5 espécies da família da tainha), linguado, mandí-chorão, lambarí, tilápia (não típica do lugar), chincharro, cangauá, cascudo. Entrava nesse rio até boto²⁷ atrás da tainha.

Fica bastante claro, nos relatos, o conhecimento que os caiçaras têm das espécies de peixes e os costumes dos mesmos. Identificam fêmea e macho, seja pelo formato, ou listas ao longo do corpo e também pela presença de ovas.

Alguns peixes possuem características humanas, tais como: esperteza, lerdeza, sabedoria, etc.

²⁷ mesma coisa que golfinho para os caiçaras do Porto Novo.

Algumas espécies são encontradas em alguns lugares dentro do espaço maior que é o rio; esses lugares podemos chamar de territórios. Estes, como “*locus* das representações e do imaginário das sociedades tradicionais” (Diegues, 1996) eram marcados ao longo do rio Juqueriquerê, recebiam nomes e eram denominados de “lanço”: lanço do limoeiro, paranga, fernandez, ostra, etc. Esses territórios eram tidos como lugares de localização de peixes e abundância dos mesmos. Mesmo sendo um lugar que poderia ser usufruído por todos, era de quem chegasse primeiro. Outros pontos também serviam de referência ao pescador para indicar a localização de peixes, tais como:

“lá no cais dos ingleses”, “pra cá ou pra lá da ponte”, “lá na boca da barra”, e “no pé de jaqueira”, etc.

Alguns pescadores não revelavam os pontos de localização de peixes, atitude identificada por Simone Maldonado (1994) como “segredo”. Esta autora trabalhou com a questão da territorialidade e do segredo no tocante ao espaço marinho.

O rio não é somente um espaço de exploração de recursos naturais, mas também um espaço que suscita a imaginação, enquanto construtora do conhecimento sobre o mundo, sobre a realidade na qual os caiçaras estão inseridos. O rio era um campo aberto para o imaginário, para se pensar na existência das coisas e deles próprios. O que havia era uma simbiose entre as representações simbólicas, expressas através dos contos fantásticos, e a realidade ali exposta e explorada.

Conjuntamente com os peixes reais que viviam nos rios, havia também, no imaginário caiçara, peixes encantados e seres mágicos que habitavam as águas do rio Juqueriquerê.

Diegues afirma que

a forma como o homem apreende a realidade está relacionada ou refletida na própria dualidade e ‘unidade’ em que é composto o homem. As duas formas de apreensão da realidade, ou seja, a empírica, técnica e racional (conhecimento sobre a natureza) e a simbólica, mitológica e mágica (1994:48).

O rio era representado também como um ser sobrenatural, como

regulador das atividades dos caiçaras: um lugar temido, de certa forma, por aqueles que abusassem dele ou mesmo o desrespeitassem.

Para os caiçaras é necessário respeitar a natureza, pois ela é coisa de Deus.

Surge nos contos dos mais velhos um ser protetor dos peixes e dono do rio chamado “pora”, um menino negro que toma conta do rio, e quem abusar pode ser pego por ele.

Surgiu também nos relatos a figura de um “linguado de ouro”, que foi pego pela mãe de uma das pessoas entrevistadas. Esse linguado era encantado, mas perdia o encanto ao entrar em contato com o sangue humano.

Também para a pesca, a noite era tida como sagrada. As pessoas tinham que descansar, e o pescador que era teimoso e saía para pescar, podia muitas vezes topor com alguma assombração.

A presença desses seres denotam a preocupação com o abuso, uma preocupação que caracteriza o “pensamento selvagem”. Reflete-se na condenação de se pescar no rio em época não propícia, por exemplo, quando as espécies estão se reproduzindo, ou por ser dia santo; pegar peixes ainda pequenos e também pegar uma quantidade muito grande de pescado.

Segundo uma moradora do bairro, nas águas do rio Juqueriquerê, na noite de São João, iam ver suas imagens refletidas. Se acaso não as vissem, no próximo ano, nessa mesma data, ou antes, a pessoa morreria. Esse ritual teria que se realizar antes que a raposa (gambá) urinasse na água, pois senão não teria efeito.²⁸

Câmara Cascudo escreve ao se referir ao folclore da água;

a face das águas límpidas expõe o futuro. Quem não se vê refletido n'água numa noite de São João, sucumbirá antes da outra festa (1971:116).

O rio Juqueriquerê era um lugar que merecia bastante atenção por parte dos moradores, pois dele tiravam também o sustento para as necessidades mais imediatas, como por exemplo, pescar alguns “peixinhos” como mistura para o almoço ou jantar; como provedor de água para o banho, para cozinhar e beber.

²⁸ O pai de uma entrevistada não viu sua imagem refletida na água e veio a falecer no dia 15 de junho do ano após sua consulta.

A partir desses elementos, podemos compreender o respeito ao rio como uma maneira de garantir a própria sobrevivência. E as representações, a partir desses contos, como uma forma de reforçar a necessidade de se preservar a natureza.

Havia, antigamente, um certo receio do rio, pois constantemente morriam pessoas afogadas em suas águas. No dizer de uma moradora “*se você facilitar pode morrer. Tem que respeitar o rio.*”

A partir da observação da maré do rio, se estava seca ou vazia, cheia; se as águas estavam limpas ou sujas, era possível saber se se podia pescar ou não. Servia também como um indicador das saídas de barco na Boca da Barra. Quando a maré estava subindo em direção à serra, era porque estava enchendo; quando descia em direção ao mar era porque ela estava vazando.²⁹

A Capitania dos Portos entregava aos pescadores a “tábua das marés” para indicar a entrada e saída de barcos na Boca da Barra. E a própria observação dos movimentos das marés, pelos caiçaras, no rio indicava se havia a possibilidade da entrada ou saída das embarcações.

A “The Lancashire General Investments Company”, com sede em Londres, iniciou suas atividades em Caraguatatuba em 1927, com o objetivo de produzir e exportar grapefruits, laranjas valência e banana nanica de primeira qualidade para o mercado inglês. Devido a localização do rio Juqueriquerê ele se tornou importante para o escoadouro de frutas para a já referida companhia inglesa. Passavam pelas águas do rio chatões (embarcação de carga) carregados de frutas que iam para Santos e de lá para o exterior. Ao longo dos 40 anos em que a companhia esteve em funcionamento, diversificou muito suas atividades. Não somente os caiçaras do litoral foram recrutados para trabalhar nessa empresa, mas também moradores das cidades vizinhas, de Minas Gerais e até nordestinos.

3 - A representação do rio no imaginário caiçara

Iremos ao longo deste terceiro item abordar as representações que os caiçaras, moradores do bairro Porto Novo fazem do rio Juqueriquerê. A partir

²⁹ Este fato, os caiçaras observam todos os dias quando estão em frente ao rio.

dos contos e lendas recolhidos durante a pesquisa de campo, analisaremos o significado do rio e as representações sobre ele construídas.

No imaginário caiçara, do bairro Porto Novo, o rio Juqueriquerê era habitado pelo “pora”, que é retratado por eles como um menino negro que vive no rio para guardar os peixes e o próprio rio. Esse ser encantado parece representar, no imaginário caiçara, uma espécie de sinal para aqueles que gostavam de abusar das águas do rio e mesmo super explorá-lo. As mães contavam a história da aparição do “pora” como uma forma de manter seus filhos afastados do rio, com medo de eles serem levados pela entidade (o pora).

Segundo uma moradora, sua mãe diz ter visto o pora várias vezes. Que ele aparecia e desaparecia nas águas abruptamente. E que ela chegou a ver também. Assim conta a aparição do pora no rio: “É, ela (a mãe) via. Mas, uma vez eu ainda me lembro, ainda me lembro que eu vi ele surgir. Nós tava no porto, aí surgiu, eu disse: ‘mamãe, olha um preto!’. Ela disse assim: ‘Olha, aquele é o pora.’ E tinha sido memo... Ele mostra a cara... a cabeça assim e mergulha depressa.”

Atualmente, ao narrar essa história a mesma moradora diz:

...mas, depois não vi mais. Não sei se acabô, ou tá por aí memo, né. Eu acho que ainda tá por aí. Diz que era guarda do rio. Assim como tem guarda do mato, tem também do rio.

Sua irmã conta que o pora era metade gente e metade peixe, vivia aparecendo no rio e chamando as pessoas para o acompanhar, “pra cai” na água. Ele aparecia com a maré cheia.

Outro ser encantado que aparece nas histórias de antigamente do rio é o “linguado de ouro”.

Uma outra caiçara conta que sua mãe chegou a pegar um:

o linguado apareceu, mamãe catô ele na cuia, né. Ele, ó! Si mandô! Daqui a poco ele surgiu otra veis. Aí, já mamãe se cutucasse o dedo qualquer coisa, né, pingasse o sangue nele, no linguado. Aí ele desincantava.

O linguado figura em outras histórias contadas pelos caiçaras. Ele aparece como tendo a forma achatada e a boca torta por ter remedado Nosso Senhor:

Nosso Senhô quando passô com São Pedro numa praia, estava o linguado. Então, Nosso Senhô disse para São Pedro: 'Pedro, a maré tá enchendo ou tá vazando?'...Aí o linguado remedô o Nosso Senhô. Ele ficô que nem uma táboa. Aí ficô ca boca torta e ficô que nem uma táboa. Esse é um peixe que não tem gosto.

Querendo tudo explicar, ou pelo menos alguns fatos que julga interessantes, o pensamento dito popular mescla acontecimentos religiosos com elementos da experiência concreta junto à natureza. Isto é, a via religiosa acaba bastando como explicação de um fenômeno curioso que é a forma do linguado. O interessante é que os santos percorrem os mesmos espaços percorridos pelos caiçaras.³⁰

As histórias parecem cumprir um papel de ligação³¹ entre o passado e o presente em uma sociedade em transformação. Esse papel de ligação não acontece somente em uma comunidade que vive em isolamento como quer Schmidt, mas está presente em todas as sociedades tradicionais. Ligação, não somente entre o passado e o presente, mas também entre homem e natureza.

O pora é símbolo de um espaço que é visto pelos homens como sendo de ninguém e ao mesmo tempo comum a todos, pois no plano simbólico, no imaginário caiçara, o rio não é um espaço sem dono; é ao contrário um espaço que possui um ser (metade homem, metade peixe) que o administra e que regula as atividades que nela exercem os homens. Este ser fantástico estabelece o limite para o homem atuar nesse espaço, fazendo com que o mesmo não abuse dos recursos que lhe são oferecidos. O rio, como sendo de dono tanto humano, quanto peixe: sendo tanto dos homens, quanto dos peixes...

As histórias acima relatadas demonstram que há uma possibilidade de aliança, uma espécie de "casamento", entre o mundo humano e o mundo natural. Se há essa possibilidade no plano simbólico, no plano prático esse fato é decodificado como o não abuso, o respeito para com o outro do qual se depende. No caso, o outro é a natureza como um todo. No espaço do rio significa pescar em épocas certas, pegar uma certa quantidade, e não pegar peixes pequenos. Esta é a possibilidade da coexistência entre o homem e o meio natural, sem que seja preciso destruir. Que não deixa de ser uma maneira lógica e racional de convivência, sem imposição do homem sobre a natureza. Essa é uma das

30 Este fato também foi observado por Schmidt (1995:99).

31 idem, p. 97.

características das sociedades tradicionais, seja ela camponesa, indígena ou caiçara. Seja ela da África ou do Brasil.

Os caiçaras vêem o rio como um espaço tranquilo como uma casa, pois, diante de um perigo, como os ventos fortes, não perecerão ante a imprevisibilidade do tempo. O contrário aconteceria se eles estivessem no mar. O imprevisível pode ocorrer no espaço simbólico do rio, ou seja, em um espaço onde seres mágicos podem estar punindo o homem que abusa e infringe as regras estabelecidas entre ele e esses seres imaginários. Para aqueles que se arriscam num mar que as vezes se revolta, o rio, assim como a terra, representa segurança. Um abrigo seguro nos momentos tumultuosos.

O medo que essas histórias nos davam quando as ouvíamos em criança nos impedia de ir a determinados lugares, principalmente aqueles que figuravam nas histórias. Esses “causos”, quando contados à noite, causavam terror. Eram narrados como se fossem acontecimentos verdadeiros, pois muitos viveram essas narrativas. Muitos presenciaram e conheceram alguém que tinha vivenciado os eventos por eles contados.

Uma antiga moradora do bairro disse que sua mãe contava muitas histórias e que

algumas eu me lembro, mas não é todas que eu me lembro não. Ela contava adepois mandava a gente pegá... a gente era medrosa, mandava pegá água pra ela bebê. Ninguém queria pegá. Quando chegava ca água, era metade. Aí eu digo: ‘agora, não vô buscá mais que tá escuro.

Essas histórias narradas pelos caiçaras mais antigos pertencem à memória coletiva dos habitantes do bairro onde pesquisamos. Elas nos indicam o tempo de antigamente (“de primeiro”), a relação do homem e seu meio natural. Mostram também a identidade caiçara. O que era ser caiçara “de primeiro” em que o espaço era basicamente explorado apenas pelos moradores locais; onde a natureza misteriosa era o cenário dominante. Misteriosa, não por falta de conhecimento da mesma, mas por respeito e pelo fato do caiçara qualificá-la como um outro ser, análogo ao humano e que por isso deve ser preservado. Essas histórias narram um tempo e um espaço onde homens/peixes, homens/animais, homens/plantas viviam em um entrelaçamentos do nós que ocupamos os mesmos espaços e por isso temos que conviver da melhor maneira possível. Uma simbiose de experiências passadas de geração em geração e narradas a partir dos mitos,

lendas, "lorotas", etc.

Capítulo VI

O mar

1 - Ainda em terra a caminho do mar: na praia

Perdi a esperança
De vê quem adoro
Na praia sentada
Lagrimente choro...

Escrevi nas branca areia
Sodade (saudade) do meu amô
O passarinho vai e vorta
Com seu pézinho apagô.
(D. Caetana - 98 anos).

A praia³² ainda é como um espaço de terra firme, porém já faz parte do mar. É um lugar onde encostam sujeiras ou mesmo sobras que o mar rejeita. Encostam na areia da praia restos de conchas mortas, restos de madeiras, restos de lixos residenciais ou não, também alguma pessoa morta que por ventura esteja no mar a boiar. Aparecem peixes mortos que servem de alimento para os urubus que também compõem o cenário da praia juntamente com garças e outros pássaros.

Espaço da morte, espaço que contém vida e mantém vidas. Não somente de pássaros, mas também das pessoas que vivem próximas à praia. Outrora a praia era usada pelos caiçaras somente para pegar berbigão³³, sururu, camarão e siri.

Para pegar essas espécies de moluscos reuniam-se principalmente mulheres e crianças. Era um espaço predominantemente feminino, onde se ia pela manhã, antes do almoço, pois dependia-se da coleta, principalmente do berbigão, para a mistura que completava as refeições.

O berbigão, às vezes o camarão, eram e ainda são os petiscos preferidos e o que havia em maior quantidade era o berbigão. Ele aparecia principalmente no verão; com o calor ele aparecia aflorando na terra, abrindo um burquinho ou olhinho, como os caiçaras denominam a saliência feita na terra pelos berbigões.

³² Praia do Romance e Flecheira que estão localizadas no bairro Porto Novo, local de nossas pesquisas.

³³ Os caiçaras chamam de bibigão ou marisco.

Metia-se o dedo ou outro objeto na terra para extraí-los. Também se os pegava com as mãos, dentro da água.

Pegava-se muito berbigão. Este servia muitas vezes como mistura que completava ou mesmo substituía o peixe que o pescador não trazia para casa. Mas vendia-se muito também, principalmente para os japoneses que também apareciam na praia para pegar marisco. Enchiam-se balaios e sacolas de berbigão.

Esse período sobre o qual nos referimos, vai de 1940 até aproximadamente meados da década de 1970. A partir daí, a prática de coleta dos berbigões caiu, pois esse molusco começou a desaparecer da praia.

Um dos entrevistados atribuiu o sumiço do berbigão ao derramamento de óleo ocorrido várias vezes nas décadas de 70 e 80, dos navios petroleiros da Petrobrás, em São Sebastião/SP. Chegavam a atingir as praias vizinhas a essa cidade, como por exemplo aquelas nas quais fizemos nossas pesquisas.

Um pescador narra assim o acontecido:

quanto prato da mesa ela (a Petrobrás) não tirô. Matô tudo. Então, cabô tudo. Quer dizer que, faz boniteza em boa parte, tristeza pro otro. Porque produção de marisco, não sai mais daí não.³⁴

Como local de trabalho, a praia é um espaço de observação do mar: ver os barcos ao longe a pescar, ver se o mar estava bravo ou não. A praia também era lugar propício para aguçar o imaginário criativo do caiçara.

Nas areias da praia apareciam também, no imaginário caiçara, o lobisomem. Este geralmente seria um dos membros da comunidade, mais especificamente um compadre. Vivia se enrolando na areia da praia. Em noite de lua cheia saltava da canoa de algum compadre e se afastava para se transformar em cachorro. Ele é identificado como o sétimo filho de uma família somente de filhos homens.

As características apontadas para se identificar um lobisomem na comunidade eram: pés rachados, cor amarela, muito pálido, inchado³⁵. Vivia

34 Porém, neste ano de 1997, está acontecendo algo interessante, deixando os antigos moradores do bairro contentes: os berbigões estão de volta. Após um longo período de ausência, eles voltam em quantidade e tamanho grande para a alegria dos moradores.

35 Balofô no dizer dos caiçaras.

comendo sujeira, cabeça de peixe e peixe podre das praias. Aparecia também comendo fezes nos galinheiros.

O encanto do homem lobisomem poderia ser quebrado somente com sal e se acaso perdesse sangue.

Uma moradora conta assim a história de um lobisomem conhecido seu:

O lobisome tinha aí na praia. Quando era sexta-feira ele passava. Tinha uma mulhé chamada D. Mariana, quando ela via os cachorro latí e passá, ela dizia: 'Olha, amanhã vá buscá sal, heim!' ...E no otro dia vinha buscá sal na casa dela. Aí, quando foi no otro dia, foi memo o tá de João Gegê veio pedí sal logo cedo. Aí, ela disse: 'Aquele que é o lobisome.' E era memo.

A praia até por volta da década de 70 era lugar de trabalho, local de onde se retirava o sustento. Os moradores do bairro Porto Novo não utilizavam a praia como espaço para o lazer, mas sim como complemento de várias outras atividades realizadas por eles para sustentar a família. Como mais um espaço possível de ser explorado em determinada época do ano (verão).

Entre uma maré vazia e outra cheia agachava-se na areia da praia e "catava-se" berbigão. Mulheres e crianças, de olhos e dedos fixos no chão, iam furando a terra para extrair o alimento do dia. Agachados na terra ou na água, enchiam balaios e sacolas.

As notícias corriam pelo bairro quando havia locais de maior incidência de marisco. Corria-se para a praia à procura de marisco, um mais ágil que o outro enchia seus recipientes. Pareciam uns pássaros a pinicar a terra com seus dedos ágeis.

2 - Já nas águas do mar, misterioso mar

O mar é outro espaço que os caiçaras buscam a procura de alimento para si e sua família e também para o comércio. Esse mesmo mar povoa o imaginário dos que dele dependem e o conhecem bem, com seres sobrenaturais que servem como protetores dos pescados.

Os caiçaras do bairro Porto Novo percorrem esse espaço ao longo da costa litorânea, indo pescar o mais longe até as ilhas vizinhas a São Sebastião

e Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo. Quando trabalham embarcados, vencem distâncias mais longas, pois os barcos, por serem maiores, propiciam mais segurança. Há também a divisão do trabalho entre os tripulantes nessas embarcações³⁶.

Os pescadores que navegam pela costa litorânea entre Caraguatatuba e São Sebastião são considerados, por eles próprios, pequenos pescadores ou pescadores artesanais. Eles possuem um conhecimento do mar, que lhes foi passado por antepassados e também por um constante aprendizado prático no seu dia-a-dia de homens que, ao enfrentarem a fúria de um mar bravo, sabem qual a melhor forma de compreender quando é momento de não abusar, de não sair para pescar. O não abusar consiste em compreender e decodificar os sinais que a natureza emite. Ou seja, as mudanças de vento, o ciclo das marés; o deslocamento, a cor e a forma das nuvens; o movimento dos pássaros; o cheiro do mar. Enfim, captar os diferentes sinais emitidos da natureza para assim navegar com mais tranquilidade.

Os peixes também dão sinal de sua presença, seja pelo movimento que produzem na água, seja por saltarem, ou ainda pela luz que emitem chamada “incêndio ou ardentia”. Esse fenômeno é visível à noite e é produzido somente por alguns peixes, como por exemplo: o bonito, a pescada, a corvina, a sardinha, etc.

Em constante interação, rio e mar se misturam num vai e vem de marés cheias e vazantes, em que peixes e homens entram e saem num trânsito que respeita o ciclo da vida. Também aí, o ciclo ou circularidade da reprodução é visto pelos pescadores como um ritual que deve ser respeitado. Existe para eles a época certa para pescar. Pois, quem foge a essas regras, abusando, destruindo o meio natural no qual vive, pode sofrer punição da própria natureza. Assim disse um pescador:

... E de hoje em diante, assim como nós estamos que queremos fazê coisa que não deve fazê. A natureza, ela, sabe que a natureza se revorta!

Antigamente os caiçaras viviam mais intensamente a sazonalidade da pesca. Hoje, mais moderadamente, sobrevivem ainda fazendo da pesca um meio de subsistir às intempéries do “progresso” que se tornou avassalador,

36 O processo de proletarização do pescador artesanal já foi muito bem analisado por Antonio Carlos Sant’Anna Diegues em : “Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar” (1983).

principalmente após as décadas de 60 e 70. Ao que consta em diversos trabalhos sobre pesca artesanal, esse fato não somente aconteceu no litoral norte de São Paulo, mas em todo o Brasil, de norte a sul e de leste a oeste.

A catástrofe³⁷ natural que se abateu sobre Caraguatatuba em 1967 já prenunciava metaforicamente outras catástrofes: a social e a cultural. Uma onda de “progresso” assolou o Brasil de ponta-a-ponta e também desestruturou diversas comunidades, tanto de camponeses, quanto de indígenas e de caiçaras. Uma grande tempestade arrastou o “anjo da história³⁸”.

Uma velha benzedeira narra assim o fenômeno ocorrido em 67:

...a pessoa diz uma coisa, uma coisa outra... Ó, eu não sei ler, não tenho leitura nenhuma, não conheço nem...o meu nome eu conheço, ...Mas, não sei assim. Quando foi um dia, foi adepois da enchente, eu ví uma luz, um clarão, aqui nesse lado, numa praca. Eu não sei lê e eu li aquela leitura: ‘Isso ainda não é o fim é o começo.

Para os caiçaras, é necessário conhecer o mar e respeitá-lo. O conhecimento vem da prática, da experiência e da sabedoria dos mais velhos. A esposa de um pescador, ao se referir a seu marido e ao conhecimento do mesmo sobre pesca, afirma que: *“ele conhecia, ele já era prático.”* É uma sabedoria que o pescador experiente tem. Na fala de todos os pescadores há a questão do não abuso. Ou seja, não abusar do mar, conhecê-lo para poder nele navegar e pescar. Eles também têm consciência de que o conhecimento que possuem “é uma ciência memo”, no dizer de um pescador. Para eles significa sabedoria e conhecimento.

Para os pescadores se direcionarem no mar é necessário estarem atentos e com todos os sentidos em alerta, tendo a mente como a mantenedora do conhecimento que os guia. Há também o fator sorte que surge como justificativa para o não explicado, para o imaginário. Maldonado, ao se referir ao fator sorte na pesca afirma:

na pescaria, a noção de sorte, que é apanágio dos bons pescadores e sobretudo uma qualidade pessoal dos mestres, se expressa em fenômenos que ocorrem nas tensões específicas do seu meio social, no cruzamento de outras noções como a cooperação e a competição,

37 Em março de 1967 caiu sobre Caraguatatuba uma chuva intensa que, em poucas horas, transformou-se em uma catástrofe. Devido a esse fato foi decretado calamidade pública (Garrido, 1988:113).

38 Nos referimos ao conceito de História feita por Walter Benjamin (1985). Este autor utilizou um quadro de Paul Klee chamado “Angelus Novus” para sintetizar os fatos históricos da época que estava vivendo.

refletindo-se na estabilidade das tripulações e no resultado da pesca. Nessa medida ela é mais do que um dom espontâneo que beneficie alguns pescadores, propiciando-lhe sempre localizar bons roteiros e pontos de pesca... (1994:163).

Os caiçaras possuem um bom conhecimento do espaço do mar, fazendo assim com que usufruam da melhor maneira possível os recursos nele existentes. O conhecimento dos peixes e suas espécies, costumes dos mesmos, época de pesca, melhor rede e malha, isca; sobre o tempo: vento, movimento das nuvens, relâmpagos e trovoadas, as marés, o canto dos pássaros, cheiro no mar e o barulho do mesmo. Todos esses fatores determinam o movimento dos pescadores. Para eles a natureza manda, dá sinal de localização do cardume e informa sobre o tempo, se é próprio ou não para a saída de um barco para a pesca.

Aqueles que não obedecem os sinais dados pela natureza, perecem, sendo a morte no mar considerada uma sina para o pescador e também um castigo por não dar atenção ao sinal de mudança de tempo. Porém, há os que entendem (a morte no mar) como resultado de erro, “ratada”, ou ainda “barbeiragem” como chamam.

Acredita-se que o pescador, ao cair no mar após uma tempestade, é levado pelas águas e comido pelos peixes. Principalmente se o corpo nunca for encontrado. Esse fato parece servir como uma espécie de consolo para os que ficam vivos. Come-se o peixe quando se está vivo e se é comido por ele quando se está morto. Trocas simbólicas com a natureza. Devolução do que sempre se retirou dela.

Maldonado escreve que:

conhecimento tradicional do meio, do comportamento das espécies, que se encontra a minimização do risco pressuposto na pesca e no mercado de pescado... (1986:31).

Para um pescador entrevistado

pra pescá precisa conhecê. Então, morre (sobre pescador que morre no mar)... não conhecendo vai embora memo. Por isso que eu digo: ‘a pessoa tem que conhecê muito o má (mar).’ O má é um lugá muito bom pra pessoa se divertí, ganhá o pão, mas também não pode abusá dele não. Porque uma hora ele tá tão manso, tá tão amigo que, uma hora ele dá uma viravorta, ...as onda cresce parece que, quando uma pessoa fala

mais, mais as onda fica arvorçada, cresce e se transforma violento memo..

Portanto, o respeito pelo espaço no qual se retira o alimento também é um dos sentimentos que fazem parte da relação caiçara/mar. Esta relação muitas vezes se torna hostil para aqueles que dependem do meio natural para sobreviver.

Uma fala interessante de um pescador foi:

por isso que a gente tem que respeitá tudo...Porque hoje em dia não é por a gente tê a liberdade de subí nele (mar) que não possa respeitá... tem que respeitá o que não é da gente... Porque ele dá o alimento. Mas,a pessoa também precisa sabê recebê aquele alimento que ele tira dali.

Além do conhecimento físico e biológico (ventos, marés e cardumes de peixes) para melhor explorar o mar e garantir uma boa pesca e um tempo agradável, é necessário garantir e pedir ajuda aos protetores da natureza, tais como: Yemanjá, Nossa Senhora do Capulá, São Pedro e também a benzimentos com fumo de rolo (de corda) e farinha para acalmar os ventos se porventura resolvam aparecer.³⁹

Reza o pescador que saiu para pescar, reza a mulher que ficou em casa. As rezas são para a imprevisibilidade do tempo, uma virada dos ventos tornarão o mar bravo, podendo surpreender um pescador desprevenido.

Uma velha senhora relata que:

...a gente quando vai pescá, a gente reza. Eu sabia uma porção de oração quando entrava no má (mar). 'Ó virgem da Conceição. Ó virgem tão singulá... a sua coroa... do que as onda do má...' Agente rezava, o má abaixava.

O conhecimento do homem parece não significar nada diante da fúria de um mar revolto. Assim é necessário outra força para neutralizar os efeitos do inesperado. Sendo a natureza uma obra de Deus, no dizer dos caiçaras, como uma vida independente do homem, é necessário, portanto, amenizar a ira com cuidados importantes nos trabalhos de pesca. Seja uma reza ou benzimento, seja na transmissão dos conhecimentos sobre o meio ambiente, seja também através

³⁹ Esses entes religiosos foram citados pelos próprios pescadores.

de contos e lendas nos quais aparecem seres encantados que protegem o espaço. Narram-se histórias em que aparece o caiçara tendo uma espécie de relação de troca, ou mesmo de aliança com a natureza, como forma de manter o equilíbrio, mesmo no plano simbólico, entre o homem e a natureza.

Diegues afirma que *“ao longo do litoral brasileiro existem muitas crenças e valores culturais que têm função de conservação...”* (1988:06).

Os mitos, as lendas ou contos transmitem normas de conduta que parecem ser praticadas onde são narradas. Essas lendas nos mostram de maneira clara, às vezes metaforicamente, as representações que os caiçaras têm da natureza, o modo característico de pensar de uma comunidade que depende basicamente dos recursos naturais.

Para Godelier

...a percepção de um meio não consta unicamente de representações mais ou menos objetivas e exatas das compulsões do funcionamento dos sistemas técnico-econômicos, mas que está igualmente composta de juízos de valores (positivos, negativos ou neutros) e de crenças fantasmáticas. Um meio tem sempre dimensões imaginárias. Em alguns casos é o lugar da existência dos mortos, ou a morada de forças sobrenaturais benignas ou malignas que se supõem controladoras das condições de reprodução da natureza e da sociedade (1981:56).

As representações estão povoadas de conhecimento concreto e de conhecimento simbólico sobre o ecossistema explorado pelos caiçaras, conhecimento este cuja via de transmissão ainda se dá através da linguagem falada, da oralidade.

Há o conto do “Rei dos peixes” e o conto do “Marinheiro do mar”. Nos contos, estes entes são vistos como protetores dos peixes e do mar como um todo.

O mar é visto, pelos caiçaras aqui estudados, como misterioso, como provedor da família, como traiçoeiro, como rico em recursos. Porém, para aqueles que sabem nele navegar e o respeitam,

O má (mar) é uma coisa que... era uma coisa tão silenciosa, tão digamos, uma coisa tão invisível que a gente, quando tem peixe, a gente põe um remo no fundo da água, agente conhece tudo o barulho do peixe cantando. Agente enfia o remo na água assim, quando tá calado, não tem vento, agente enfia, escuta o barulho. Parece que o peixe tá aqui em cima da água (caiçara do Porto Novo).

Na fala de muitos pescadores, hoje em dia, não há mais ventos fortes ou temporal no mar como antigamente.

Na classificação do mar feita pelos caiçaras há o mar manso, bravo, liso, encrespado, grosso, chiado. Do local de moradia dos caiçaras já dá para ouvir se o mar está manso ou não: “daqui nós já sentia que o má já tava grosso.”

A referência de mudança de tempo é dada pelas nuvens, pelos pássaros (tempo ameaçado é o mesmo que tempo ruim). O tempo dá um aviso, nunca vem de “supetão”. As águas dão sinal, se agitam muito, parecendo, no entender dos caiçaras, um cardume de manjuba.

A terra ainda funciona como ponto de referência para quem está no mar. Isto é, para o pescador que pesca na região costeira, o morro ou alguns pontos localizados em terra continuam servindo de ponto de localização. Olha-se sempre para a terra para se poder localizar no espaço do mar. Um pescador, quando está pescando no mar ao perceber a aproximação do vento noroeste, diz sentir cheiro de folha seca.

Os caiçaras utilizam referências humanas para aplicá-las aos animais e peixes. Como exemplo eles citam a tainha designando-a de “esperta”, “cismada” e “sabida”, em contraposição à sardinha que, segundo eles, é “boba”, pois estes peixes ficam todos juntos, facilitando sua captura.

Godelier ao se referir ao ‘efeito do pensamento analógico sobre seu conteúdo’ observa que:

...o pensamento constrói um gigantesco jogo de espelhos em que a imagem recíproca do homem e do mundo se reflete ao infinito, e decompõe e se recompõe perpetuamente no prisma das relações natureza-cultura. Capaz pela analogia de aproximar uns dos outros todos os aspectos e todos os níveis da natureza e da cultura, o pensamento em estado espontâneo ou selvagem é assim, imediata e simultaneamente, analítico e sintético⁴⁰ e tem a capacidade de totalizar nas representações míticas todos os aspectos do real e, ao mesmo tempo, de passar de um nível a outro do real por transformações recíprocas de suas analogias. Através da analogia, o mundo inteiro adquire sentido, tudo é significativo, tudo pode significar no seio de uma ordem simbólica onde têm lugar na abundância e riqueza de seus detalhes, todos os conhecimentos positivos que se encontram transpostos na matéria dos mitos (1981:78)

Para alguns pescadores, os peixes, hoje em dia, estão mais sabidos,

40 Há uma nota de rodapé em que nessa parte, o autor, faz referência ao livro “O Pensamento selvagem” de Lévi-Strauss.

pois não se deixam capturar com tanta facilidade. Uma velha caiçara, após uma reflexão a respeito da escassez do pescado, pergunta-se: “*Para onde será que eles foram?*”. Outro pescador observa que os “peixes foram tudo pra fora”, ou seja para longe da costa, para mar a dentro.

3 - “O rei dos peixes”: o mar no imaginário caiçara

O má (mar) pediu a Deus peixe
E o peixe pediu a fundura
O home pediu a riqueza
E a mulhé a formusura.
D. Caetana - 98 anos

O mar era considerado, por muitos pescadores, como um espaço misterioso que inspirava a realização de poemas, canções e vivia sendo evocado nas festas e também no dia a dia do pescador que dependia dele para passar com suas embarcações, como era o caso dos caiçaras do bairro Porto Novo que dependiam do mar para fazer suas transações comerciais com outros povoados. iam para Santos em canoa de voga para trocar seus produtos de pesca e roça com tecido e outros artigos. Ao entrar nessas embarcações rezava-se muito, pedindo aos santos e a Deus para acalmar o mar. No dizer dos caiçaras, as rezas funcionavam, acalmavam mesmo o mar.

O mar, como um espaço não firme, é uma representação da onipotência da natureza. Mar perigoso, imprevisível, indomável.

Gláucia Oliveira da Silva define o mar de uma maneira interessante e bastante cabível aqui:

...o mar sintetiza os extremos que a natureza pode oferecer ao homem: a vida e a morte. Ou seja, é no momento em que o pescador exerce a atividade que lhe permite a vida, que mais se arrisca a perdê-la (Silva, 1989:36).

Talvez pela imensidão do mar e por ser considerado tão misterioso para os caiçaras é que o mesmo seja, no imaginário caiçara, habitado por entidades sobrenaturais. Estes seres fantásticos são donos dos peixes; guardam o mar e seus habitantes dos pescadores displicentes e ambiciosos. Ele oferece o peixe, porém quer algo em troca, espécie de devolução simbólica do que lhe foi

retirado. Esses acordos simbólicos pareciam funcionar numa comunidade mais homogênea, mais estruturada tradicionalmente.

De acordo com essa maneira de pensar e organizar o mundo e mesmo o espaço, para assim fazer melhor uso do mesmo, é que no tempo de “antigamente” contavam-se muitas histórias, vivenciadas ou não por membros da própria comunidade. Elas representavam o pensamento ou visão de mundo dos caiçaras e sua maneira de se relacionar com a natureza.

E uma das histórias que pertence a esse universo mágico e mítico diz respeito ao mar misterioso mar: um mar respeitado e temido, mas compreendido por aqueles que nele vivem e dele dependem. Uma dessas histórias é a do “Rei dos peixes”⁴¹, que será aqui transcrita como me foi contada por Dona Caetana.

Um homem foi pescar um dia. Ele foi pescar e não matou nada, não pegou nada. Esse homem tinha uma cachorrinha. Quando ele chegava da pescaria, quem ia receber ele era a cachorrinha. Quando ele chegava a cachorrinha ia recebê ele. Aí, quando foi nesse dia, ele foi pescá e não pegou nada. Aí, disse que veio o peixe e disse: “Qué levá peixe? Você me trás o que primero você vê. Eu venho recebê.” O peixe disse. Então, ele pensou que fosse a cachorrinha. ‘Mas, quem vié recebê você, tem que trazê pra mim.’ O peixe disse. E o pescador tinha três filha. Aí, disse que o Rei do peixe deu uma porção de peixe pra ele. Quando ele chegô, a filha veio recebê ele. A filha mais velha. Aí, ele disse: “Meu Deus, o que que eu vô fazê?” Quando foi no otro dia, ele foi pescá. Ele disse: “Tenho que levá a menina.” Quando chegou lá, diz que o peixe engoliu ela viva. Aí diz que o pescadô veio chorando pra casa. Mas, a filha não estava morta. O rei do peixe queria se casar com ela. Ela ficou morando no palacete dele. O palacete era na barriga do peixe.

Esse conto narra sobre um tempo determinado, ou seja, para os próprios caiçaras era o tempo de “antigamente”, “de primeiro”. Um tempo em que os peixes falavam e os espaços percorridos pelos caiçaras tinham donos naturais (mesmo que seja no plano simbólico) que protegiam o meio do qual eram guardiões.

Era um espaço no qual não se podia entrar de qualquer maneira. Rezava-se antes; pedia-se permissão. Realizava-se uma espécie de câmbio: dá-se o peixe, mas pega-se um ser humano, no caso, a filha mais velha do pescador, como uma forma de troca simbólica e mesmo aliança entre o homem e o meio natural do qual ele depende.

41 Foi contada por Dona Caetana de 98 anos, a mais antiga moradora do bairro Porto Novo.

Essa história, ou mesmo todas as histórias tradicionais, falam de um tempo em que era possível realizar trocas simbólicas com a natureza. Esta era pensada como um ser de igual status que o homem. Possui vida e que deve ser respeitada.

Outras histórias também são mencionadas tais como: a do “marinheiro do mar” e a do “barco mal assombrado”.

A referência ao “marinheiro do mar” foi mencionada apenas por uma caiçara, após sua filha ter ido pescar com o cunhado, alegando ter visto algo estranho no mar. Ela disse se tratar do “marinheiro do mar”. Comparou-o com a sereia, porém essa vivia em mares mais distantes. Para ela o “marinheiro do mar” é o guardião do mar, assim como a sereia.

Um pescador disse também que um amigo viu um barco mal assombrado e narra assim o acontecido:

O Moraes que trabalhô comigo... Aí, diz que tava pescando assim, diz que vinha um barco em cima dele. Aquele barco vinha, um barco pesquero iluminado em cima dele: ‘Dá siná, da siná.’ Disse: ‘A bóia fulano.’ O barco vai batê, vem cá.’ Daqui a poco chamô o home, o barco desapareceu. É, diz então que pode ser barco mesmo que narfragô (naufragou) no má...

Alguns pontos aqui relacionados sobre a relação caiçara/natureza, fazem parte do imaginário das comunidades tradicionais. Uma corrente significativa do pensamento ocidental se compraz em focar o pensamento tradicional como já superado e ultrapassado, para desqualificá-lo no atual processo histórico da sociedade brasileira como um todo.

Diegues define assim comunidades tradicionais

estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com pouca ou nenhuma acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (petty mode of production) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares etc. Esse ‘know-how’ tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não têm fonte de renda, o uso sustentado de recursos naturais é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio

ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma idéia expressa no Brasil pela palavra 'respeito' que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade (1994:78).

Esta definição de comunidades tradicionais parece ser a que mais completa o que aqui estamos querendo dizer, em relação aos caiçaras, sobre uma outra maneira de ser, de estar no mundo e de pensar o mundo.

Capítulo VII

No céu: o sinal do tempo

Arutágua⁴², seu pai morreu!
 Ah, meu tava velho.
 Arutágua, sua mãe morreu!
 Ah, já tava velha, dexa.
 Arutágua sua mãe morreu!
 Ah! Ai... ai...Ah! Ai... ai.
 (D. Caetana de 98 anos)

No céu estão os indicadores do tempo, seja através de um pássaro que no alto sobrevoa, seja pela nuvem que de acordo com sua cor ou forma significa também se o tempo iria mudar ou não: arutágua cantando, era sinal de chuva; o mesmo para a saracura que vivia no mangue; a andorinha “... *aquela andorinha quando começa a fazê verão, pode contá que é chuva*” (mulher caiçara do Porto Novo); gavião quando sobrevoa adivinha peixe no mar e quando canta é tempo bom; coruja quando canta é mal agouro, é sinal de morte; etc.

Não somente sinais naturais emitidos pelos pássaros, nuvens e ventos, mas também as interpretações simbólicas desses sinais, como no caso da coruja e da sundara. O canto de ambas, na interpretação dos caiçaras, significa morte na certa.

Para um caçador

o urú é o passarinho mais certo pra adivinhar tempo... O urú chega, se ele chega tarde, piá de tarde, é tempo bom. Mas, se chegá, por exemplo, manhece o dia, se tivé clareando, ele começa a piá. Se ele piá de manhã cedo pode contá que de tarde chove. É filha da puta de bicho, adivinha o tempo, fiz experiência com ele.

Como um outro espaço, também o céu era povoado de elementos que informavam aos caiçaras as atitudes a serem tomadas quando houvesse um movimento diferente de pássaros e nuvens. Sendo assim, o céu representa o espaço do alto, no qual eles retiravam informações sobre o tempo.

Um olhar atento ao movimento das nuvens e ao vento que as faz mudar de forma dá ao caiçara a previsão do tempo. Sobre o tempo, um senhor

⁴² É um pássaro que, segundo os caiçaras, anunciava quando ia chover.

caçara dizia o seguinte a respeito do tempo:

...Antigamente não falava em meteorologia de tempo não. O que um pescadô velho, o mestre dizia: 'Oh, o tempo hoje não dá pra pescá que vai ventá.' Aí, ventava memo. Era acertado.

Esse mesmo senhor completa dizendo:

Ele (o mestre ou pessoa de idade) via pelas nuvem que vinha. Porque ele dizia: 'Eh, o tempo tá com rabo de galo.' Rabo de galo são essas nuvem mais arrastada em cima, bem no alto. Essa chama-se rabo de galo. Então, quando essa nuvem tá muito assim, meio desfiada que chamam. Então ele dizia: 'Esse tempo da manhã em diante já vai piorá.' E piorava memo.

Uma velha caçara nos contou uma história em que Nosso Senhor Jesus, *“quando este andava pela terra”*, foi fazer o parto de uma mulher. Para ver se estava na hora da criança nascer, Jesus pedia a Pedro que olhasse para o céu e visse que sinais” (*“que desejo que está lá”*). O primeiro sinal, Pedro disse que havia dois homens brigando. Então Jesus disse que ainda não era hora de nascer. No segundo sinal, quando Pedro olhou para o céu e viu um padre entrando para a igreja, já era hora da criança nascer. E também a partir de sinal do céu, Jesus previu que a criança seria um padre.

Durante o dia olhava-se para as nuvens, à noite eram os relâmpagos. Porém, os relâmpagos que surgiam durante o verão (*“tempo quente”*) não ofereciam nenhum perigo, ao contrário dos que surgiam durante o inverno (*“tempo frio”*) e eram muito perigosos.

Esse olhar para as nuvens era para ver se o tempo iria mudar. Para ver se o vento iria mudar de rumo e com isso ocasionar uma tempestade capaz de pegar um pescador desavisado em alto mar. Ventos fortes, nuvens escuras. E aí acontece uma mudança em que as águas, os ventos e as nuvens em sintonia anunciam o perigo e também a fragilidade do homem em um espaço imprevisível como o mar.

Porém, há também aquele vento “normal”, chamado pelos caçaras de “terralão”, que é um

vento de anunciada da manhã. Que a manhã tá chegando, então dá aquele terralão que é pra limpá as nuvens que existe... acaba o terralão,

aí, você só vê aquela brisa... É o leste, é o lestezinho... É o pessoal fala que é vento que trás a gente embora. Que tá na hora de acabá a pescaria e vim embora...

Ao andar na mata olhava-se para o sol para se direcionar e encontrar o caminho de volta. De acordo com o percurso que o sol fazia também o caçador se orientava. A lua representava um astro muito importante e que acabava influenciando na plantação, na pescaria e também na caça. Para saber a época certa de plantar e cortar uma árvore para a construção de uma canoa, verificava-se a lua. Esta também alterava as marés, indicando para o pescador se deveria ir ao mar ou não, se daria para sair na Barra ou se ficará encalhado. Marés secas ou vazias, cheias ou altas são influenciadas pela lua.

Keith Thomas ao fazer um estudo histórico da relação do homem e o mundo natural, observou que em determinada época se acreditava

que o homem e a natureza estavam encerrados em um só mundo. Havia analogias e correspondências entre as espécies, e a sorte humana podia ser expressa, influenciada ou mesmo prevista por plantas, pássaros e animais: porcos espinhos, andorinha, corujas, gado e gatos davam sinais de que o tempo ia mudar... (Thomas, 1988:90).

Entre os caiçaras, aparece também uma história do “rei do gavião” que se casou com a filha de um caçador. Para este obter caça foi necessário que entregasse sua filha. Semelhante a história do “rei dos peixes”, o gavião domina os ares, e como um caçador, realiza trocas simbólicas com o homem. Novamente, a dramatização de uma relação de aliança do homem com a natureza.

Um olhar atento às mudanças de direção dos ventos, um olhar para o alto em direção ao sul; a atenção à mudança de temperatura e mesmo a observação de épocas em que os pássaros estão muito agitados ou “alvorçados” são sinais naturais da mudança de tempo.

Para um pescador quando *“a estrela começa a piscá miudinho”* é porque vem vento. Quando *“os passarinhos faz aquela buta seresta no céu”* pode contar que é mudança de tempo.

Cunha também faz uma análise do conhecimento que o pescador tem sobre a natureza e seus elementos e as mudanças dos mesmos na concepção dos pescadores:

Terra, água e céu como domínios entrelaçados, com movimentos próprios, a conformar um espaço tridimensionado, têm no presente seus elos rompidos. O céu passa a se pôr efetivamente 'acima' da vida humana e da atividade social. Os pescadores já não se guiam pelas estrelas e o saber cósmico apresenta-se, muitas vezes, difuso e fragmentário (1987:60).

Para os caiçaras o tempo mudou muito, pois não há mais vento como antigamente. As previsões realizadas agora, pelos meteorologistas, geralmente não são certas. Para eles, as pessoas mais velhas é que tinham mais experiências, sabiam o tempo certo de sair para pescar e caçar. Sem dúvida a relação que antes eles tinham com a natureza era mais de interação e integração, em que homem e natureza formavam um todo, num tempo em que suas representações sobre a natureza direcionavam suas ações sobre esse mesmo ambiente natural. As Representações Sociais analisadas, em nossa pesquisa, a partir das lembranças, serviram como suporte para avaliarmos a visão de mundo caiçara e o processo de transformação pelo qual passaram e no qual encontram-se atualmente.

Como uma velha caiçara disse: “gosto de cantar, pois somente assim não esqueço”. Não se deve esquecer o tempo que já passou, mas sim reinterpretá-lo à luz da nova realidade que nos cerca. E assim essa senhora cantava:

Rosário de Maria
Foi feito no firmamento
E que sarve (salve) nossa arma (alma)
E recorde os pensamentos
O que nós fazemos em criança,
Nós recordamos em velhice.
“Como eu ! Como eu!”

Capítulo VIII

Outros tempos, outras redes, outros mares!

Que noite de lua
Que belo luá
Com minha barquinha
Nas onda do má

Barquero ingrato
Por que faz assim?
Barquero ingrato
Não sejas assim.

Encoste a barquinha
Tenha dó de mim
Três hora batiam
A barca seguia
Somente da vela
A barca seguia.
(Dona Caetana - 98 anos)

Nos últimos 25 a 30 anos para os caiçaras que viviam e ainda vivem no bairro Porto Novo em Caraguatatuba/SP, a maneira de ver e pensar o mundo passou por uma brusca transformação. Esse processo acelerado e desestruturante tem sido criticado pelos moradores do lugar. Esses o analisam a partir das transformações ocorridas nos espaços por eles ocupados. Espaços esses que sofreram alterações abruptas, tais como: poluição das águas (mar e rio) acarretando a escassez de pescados; desmatamento (mata e mangue) ocasionando extinção de várias espécies de animais e plantas; invasão (praia e terreno) de turistas e grileiros e como consequência perda dos espaços para trabalhar e morar.

Rosyan Campos de Caldas Brito escreve que

a concepção do espaço, traduzida em regras de ordenamento do seu uso, remarcam identidades e oposições ao nível das relações sociais, do mesmo modo que a noção de tempo, permeia toda a organização do trabalho, modulando os ritmos da vida social e esboçando as trajetórias pessoais e coletivas. Tais categorias constituem, assim, as grandes balizas do rumo que assumem as transformações experimentadas pelos grupos sociais. Mais do que um simples dilema de submeter-se ou resistir às mudanças, processa-se um cálculo social da própria forma de mudar (1992:184).

Com tudo isso um pescador reflete, sem muito entender, ou melhor,

entendendo, em tom irônico, o porque de tudo isso. Ele não consegue entender por que, após de tantas leis proibindo a pesca com o facho e fisga e leis que proíbem a caça, peixes e animais estão acabando, ou melhor, acabaram. O pescador está se referindo ao tempo em que os caiçaras praticavam a pesca e caça livremente, e em que havia peixes e animais em abundância. A lei do respeito para com os ciclos da natureza, e também para com os camaradas de pesca, direcionava as relações sociais e naturais para garantia da própria vida. Leis implícitas, que realmente causavam um efeito na comunidade, através dos causos, mitos e lendas que incutiam a importância de se preservar a natureza. Enquanto que as leis explícitas⁴³, em papéis, contribuíram para a destruição dos espaços naturais habitados pelos caiçaras.

Atualmente a lei da esperteza é o que impera, barcos maiores não respeitam os pequenos (pescadores artesanais), passam por cima de suas redes e há outros que roubam as redes juntamente com os peixes. Com tantas leis que foram criadas, criou-se também tanta falta de respeito para com a natureza e para com os outros homens.

Um pescador disse o seguinte a esse respeito:

Hoje você põe uma (rede) de 200m, notro dia vai procurá, nem acha...
Nem o peixe, quanto mais a rede... É, tá feio o negócio!

Outro pescador também fez referência à pescaria de hoje

Porque antigamente o pessoal não tinha aquele, digamo, não tinha aquela ganância. O pessoal se confiavam nas pessoa e, hoje não. Hoje em dia se a gente dexá a rede meio descuidada a turma já passa a perna. Ma, antigamente não, antigamente a pessoa tinha confiança no pescadô. Hoje, não, hoje não se pode tê confiança. Hoje em dia o pessoal larga rede, precisa saí cedo, senão quando vai lá já visitô a rede, só vem rede, o peixe já veio...É, hoje em dia tá muito diferente, a pescaria de hoje, de antigamente... Muito diferente.

As formas de se pescar mudaram muito, novos equipamentos de alta tecnologia foram introduzidos, e com isso o pescador artesanal ficou em desvantagem, inviabilizada sua maneira de pescar. Escasseou a pesca em alto mar e o espaço do pequeno pescador foi invadido.

O pescador artesanal que se viu proibido de pescar com a fisga sob

43 São as leis proibindo a caça e a pesca implantadas pelos governos estaduais e federais e executados pela polícia florestal e pela marinha.

alegação desta ser uma pesca que maltrata o peixe, se vê sem compreender a pesca submarina que se utiliza de arpão para pegar peixe e faz a seguinte observação:

... agente enxergava o peixe assim... agora eles vão lá em baixo, 30 a 40 m pegá o peixe lá na moradia dele. Então, diz que é esporte, fazê o que ... a população acha bonito. Mas, pro pescadô mesmo que, coitado não tem outra saída, é desvantage.

O tempo de antes era visto, principalmente pelo pescador artesanal, como um tempo bom para pescar. Para as mulheres o tempo de antes em relação ao seu trabalho na roça e na fabricação de farinha, era um tempo “sacrificado”, duro e difícil. Hoje, para elas, ficou mais fácil, pois, segundo um velha caiçara “...já vem tudo pronto é só ... Só farta botarem na boca da gente.”

Há para a maioria dos entrevistados uma certa nostalgia do tempo de “antigamente”. As vezes este é idealizado como tendo sido melhor e outras vezes não. Há um certo sentimento de ambigüidade em relação ao ontem e ao hoje.

Segundo Kilza Setti, nesse processo de transformação cultural caiçara, o comportamento coletivo é levado para uma

aceitação da nova situação. Despojado, assim, dos seus antigos valores, seja por adoção dos novos que lhe foram impostos ou sugeridos, ou que, em última instância, se apresentam como os únicos possíveis, o caiçara vai recompondo sua vida, mesclando o antigo e o novo, o conhecido e o estranho, verdadeiro universo de fragmentos, como se num painel o artista juntasse materiais opacos e brilhantes, compactos e diluídos, de texturas opostas e contraditórias em si mesmas, mas que no conjunto resultam em algum sentido. Dá-se, pois, a fusão do elemento cultural conhecido e retomado em novas medidas de avaliação com o desconhecido - este reinterpretado sob padrões antigos (Setti, 1985:18).

Alguns pescadores afirmam

...Cabô, tempo bom já foi! ... Agora, a turma diz: ‘Ah, tempo bom vai vortá.’ Mas, que condição ele vai vortá?” Esse mesmo pescador afirma: “...Mas, agora, nem robalo tem mais... Robado tão nós memo.

O mar é hoje em dia ainda visto, por alguns jovens pescadores, como sendo misterioso. Porém, se antes o mar era rico por que dava alimento à família do pescador, hoje ele é considerado rico por ser uma fonte de se extrair dinheiro, em conjunto com o alimento para o sustento próprio. São maneiras diferentes de se pensar o espaço dentro do processo de transformação sócio-cultural. Com isso muda-se a maneira de se pensar a natureza e de atuar sobre a

mesma. Porém, algumas sementes parecem ter conseguido cair em terra e assim germinar, pois, alguns jovens caiçaras seguem atuando nos mesmos espaços de seus antepassados; como aprenderam, pretendem ensinar a seus filhos o mesmo caminho:

...Na verdade eu não sô um caçador, em vista de muitos que tem por aí. Eu sou um aprendiz, porque eu vô lá mais pra aprendê. Pra um dia passa'pro Renan (o filho) , porque o único da família que caça aqui... de todos os caiçara daqui que eu sei que tá fazendo isso, sou eu... ninguém qué manter a tradição. Eu caço, pesco, eu tento vivê da natureza, mas só que tá difícil.

Temos que levar em consideração aqui as modificações ocorridas nas várias esferas das comunidades pesqueiras e também as permanências culturais das que ainda se autodenominam caiçaras.

Sobre o processo de transformação ocorrido em uma comunidade de pescadores⁴⁴, Sônia Maluf escreve muito bem:

Configura-se uma sociedade em acelerado processo de transformação que combina formas diferenciadas de produção da vida social. Rural e urbano não podem ser pensados aqui como duas realidades paralelas ou separadas, mas são integrantes de uma mesma sociedade global que combina seus elementos distintos e muitas vezes contraditórios, redefinindo-os de acordo com a situação e o momento vivido pela comunidade. Mudança não ocorre pela incorporação unilateral do 'modo de vida urbano' (Wirth, 1938). Tampouco os traços culturais predominantes até então na comunidade desaparecem, mas transformam-se. A dominação do urbano sobre o modo rural deve ser assim relativizada, na medida em que a transformação da cultura rural antes predominante não se dá sem uma apropriação e transformação da cultura urbana (1993:16-17).

44 A comunidade na qual a autora citada realizou seu trabalho foi a da Lagoa da Conceição, na periferia de Florianópolis em Santa Catarina.

Considerações finais

Este trabalho foi uma tentativa de demonstrar, a partir da memória caiçara, as possibilidades de se desvendar uma realidade construída socialmente, mesmo que esta apareça atualmente como fragmentada ou mesmo, à primeira vista, inexistente.

A importância do estudo sobre a memória nos possibilitou resgatar, através da fala do outro (principalmente de velhos) determinados acontecimentos, ou num contexto mais amplo, a cultura caiçara. Quando esta já não parece ser mais tão “observável”, fez-se necessário emergi-la através do ato de falar.

A referência maior foi em relação à memória coletiva que para Mauss é “...a multiplicação de nós em cordas ajuntadas”. A partir de vários depoimentos de caiçaras foi possível compreender o que era ser caiçara “de primeiro” e o que ainda é possível identificar desse ser atualmente. Pois, ainda há o sentido do pertencer a determinado espaço e com isso ser identificado e considerado caiçara. O espaço também como delineador da identidade cultural.

Sendo assim, as lembranças nos reportaram ao intrincado jogo das representações sociais, com todas as suas armadilhas lingüísticas. Sinais, símbolos, metáforas indicam caminhos tortuosos e incompreendidos, porém reveladores em relação à visão de mundo, e à interpretação da realidade em que os caiçaras estavam e ainda estão inseridos.

Portanto, as representações sociais metodologicamente trabalhadas por nós, nos possibilitaram perceber, de certa forma, um grau de reflexão ou mesmo “abstração de uma realidade exterior percebida” (Menezes, 1992/1993:162) pelos caiçaras, ou seja, a natureza.

Faz-se necessário realçar uma distinção entre imaginário e representação. E aqui compartilhamos com Menezes que afirma:

... A representação está ligada ao processo de abstração. A representação de uma catedral é a idéia de uma catedral. O imaginário faz parte do campo da representação. Mas, ele ocupa aí a parte da tradução não-reprodutora, não simplesmente transposta em imagens do espírito, mas sim, criadora, poética no sentido etimológico. (...) Mas se o imaginário ocupa apenas uma fração do território da representação, ele o extravasa no entanto. A fantasia, no sentido forte da palavra, arrasta o imaginário para além da representação intelectual (idem).

Sendo assim nosso ponto de partida foi registrar o conhecimento que os moradores do bairro Porto Novo tinham e ainda têm do meio natural no qual o bairro está localizado, e qual a interpretação que faziam desse meio. Isto é, através das histórias narradas, dos contos, dos mitos nos foi possível compreender a relação caiçara/natureza.

Esta relação passou por diversas transformações ao longo dos anos, principalmente após as décadas de 60 e 70. No início do século havia maior integração entre o homem e a natureza, havendo também um sentido maior de pertinência e de respeito ao espaço no qual estavam inseridos. Com isso, o sentido de comunidade também era acentuado.

As narrativas nos revelaram o compromisso de respeito à natureza, aos seus ciclos necessários para a reprodução dos estoques de vida para se manterem as vidas. Sendo conhecedores de todo o contínuo da vida natural, foi possível aos caiçaras viverem de uma maneira harmoniosa com a natureza até mais ou menos as décadas acima citadas.

Hoje, a sobrevivência nos mesmos espaços de outrora requer muito “jogo de cintura” que até então os caiçaras não tinham, ou seja, o jogo do capital. E tudo o que advém disso: superexploração dos recursos naturais, dos recursos humanos, escassez de pescado, poluição e muitas outras conseqüências oriundas do dito “progresso tecnológico”.

Porém, apesar da fragmentação do caiçara ainda há aqueles que praticam e querem passar a seus filhos os conhecimentos dos mais antigos e adaptá-los aos novos tempos.

As representações sobre a natureza, colhidas através das histórias, nos revelaram o pensamento caiçara. Nos revelaram também as várias atitudes perante a natureza, justificando de certo modo certas ações diante do meio natural, sendo as histórias como catalisadoras e divulgadoras de normas em relação a procedimentos perante esse e reveladoras de um pensamento ecológico.

Essas histórias não mais fazem parte do mundo dos mais jovens, de seu repertório lúdico, imaginativo. Com a destruição dos espaços, destruíram-se também os personagens que os habitavam, mesmo que seja no plano simbólico.

Histórias tão importantes para a formação da identidade caiçara,

perdem-se a medida em que mais um velho caiçara morre.

Mas algumas atitudes perduram, nos jovens pescadores caiçaras, fazendo-os ainda respeitar os dias considerados santos e também o momento de procriação das espécies animais do mar, do rio, do mangue e da mata. Continuam percebendo “coisas” inexplicáveis nos espaços por onde ainda percorrem; se benzem ao entrar no mar ou na mata

Esta pesquisa foi reveladora por nos mostrar o quanto é possível desvendar de uma cultura, de um pensamento, a partir do ato de falar, e como as pessoas encerram dentro de si muitos laços que compuseram ou ainda compõem uma sociedade.

O significado de equilíbrio ecológico, de preservação, no Brasil, tem que necessariamente passar pelo conhecimento do índio, do camponês e do caiçara. Os mitos e as histórias ditas tradicionais não são somente um veículo de comunicação do pensamento dito selvagem, mas também, uma forma de representação do social, do cultural, uma maneira literária de integração e informação grupal e um ato de reflexão sobre a realidade.

Nas atitudes, nas falas dos caiçaras, em relação à natureza, estão os ensinamentos dos entes sobrenaturais que aparecem em seus contos. Reflexo da realidade, digerido, compreendido e que serve de aprendizagem às gerações futuras.

O não abusar da caça, da pesca, das saídas à noite; do mar, do rio, do mangue, da mata; não fazer “poco caso” das entidades fantásticas, não xingar, são alguns dos elementos incorporados e assimilados pelo pensamento caiçara. Esses refletem e são reflexos da maneira de Ser e Estar no mundo de grupos em que o cenário natural forma um todo com a comunidade.

Bruni, ao analisar o significado da frase ‘tudo é água’ de Tales de Mileto, faz uma reflexão desde o ponto de vista utilitário da água até o valor simbólico da mesma; assim:

Reinterpretando o ‘tudo é água’ de Tales, Feuerbach diria: ‘tudo é homem’, ou melhor ‘tudo é espelho do homem’, no sentido de que nada da natureza escapa da representação e da ação humanas, da atribuição de sentido e de significado. Não existe a natureza em si, fora das representações e dos atos de atribuição de sentido (Bruni, 1994:58).

Bibliografia Consultada

- ALMEIDA, A. P. de. Usos e costumes praianos. **Revista do Arquivo Municipal**, s/d.
- ALVES, R. Mares pequenos - Mares Grandes (para começo de conversa). **As razões do mito**. Campinas/SP: Papyrus, 1988.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.
- BAUER, M. A popularização da ciência como iluminação cultural: a função de resistência das Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S. e GUARESCHI, P. (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994, p. 229-57.
- BECK, A. Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades do litoral de Santa Catarina. **Fórum de Discussão sobre o universo social da mulher, a pesca e sua relação com a ecologia**. Rio Grande do Norte, Natal, 1989.
- BENJAMIN, W. O Narrador - Observações acerca da obra de Nicolau Leskow. *Col. Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983. 57-74.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3a. ed., São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**. Coleção Elos, São Paulo: Ed. Perspectivas S.S., 1979.
- _____. Esboço de uma teoria da prática. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- BRANDÃO, A. J. **Botânica: introdução à taxonomia vegetal**. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo e Companhia Editora Nacional, 1975.
- BRANDÃO, C. R. O sentimento do mundo: memória, destino e cenários da vida entre errantes mineiros. As faces da memória. **Coleção Seminário 2**. Campinas/SP: UNICAMP/CMU, s/d. 61-84.
- BRITTO, R. C. C. Comunidades litorâneas na Amazônia e a gestão do espaço público. Populações humanas, rios e mares da Amazônia. **IV Encontro de Ciências Sociais e o mar no Brasil**. São Paulo, NEPAUB/USP, 1992. 179-88.
- BRUNI, J. C. A água e a vida. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 1994
- CARDOSO, J. **Exploração do Rio Juqueryquerê. Comissão Geographica e**

- Geologica do Estado de São Paulo**, 2a. edição, São Paulo, 1919.
- CASCUDO, C. **Tradição, Ciência do Povo**. Etnografia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- CASSIRER, E. O homem animal simbólico. In. SANTOS, M. e LUCAS, A. M. R. **Antropologia: paisagens, sábios e selvagens**. Porto Editora, sd.
- CHAGAS VARELA, J. S. **Ervas Sagradas na umbanda**. Rio de Janeiro, Editora Espiritualista Ltda, s/d.
- COLOMBRES, A. Palabra y artificio: las literaturas “bárbaras”. In. PIZARRO, A. (org.). **Palavra, literatura e cultura.**, vol. 3, Campinas/SP/Memorial, 1995.
- CRUZ, G. L. **Livro verde das plantas medicinais e industriais do Brasil**. II vol., 1a. ed., Belo Horizonte/MG, 1965.
- CUNHA, L. H. O. Espaço e territorialidade no universo da pesca artesanal. **Pesca artesanal: tradição e modernidade, III Encontro de Ciências Sociais e o mar, São Paulo**: NEPAUB/USP, 1989.
- DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do mar**. São Paulo: Ensaios 94, Ed. Ática, 1983.
- DIEGUES, A. **Povos e mares**. São Paulo: Núcleos de Apoio à Pesquisa de Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB)/USP, 1995.
- DIEGUES, A. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, NUPAUB/USP, São Paulo, 1994.
- DIEGUES, A. O mundo insular: simbolismo e imaginário. **Tese de livre docência/USP**, São Paulo, 1995.
- DIEGUES, A. **Diversidade Biológica e Culturas Tradicionais Litorâneas**: o caso das comunidades caiçaras. Série: Documentos e relatórios de pesquisa. São Paulo: CEMAR/NEPAUB/USP, 1988.
- DOULA, S. M. Travessias, ausências e lembranças: imaginário e memória de navegantes. **Imaginário** (Revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória) São Paulo: NIME/USP, 1995.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo, Ed. Cultrix/Ed. da USP, 1988.
- DURKHEIM, É. As formas elementares da vida religiosa. **Coleção Os Pensadores**, São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.
- EDWALL, G. A excursão ao Juquery-querê. **Exploração do Rio Juqueryquerê**, 2a. ed. Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, São

- Paulo, 1919.
- ELIADE, M. Imagens e Símbolos. In: SANTOS, M. H. e LUCAS, A. M. R. **Antropologia: paisagens, sábios e selvagens**. Porto Editora, sd.
- FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, S. e GGUARESCHI, P. (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1994.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário básico da Língua Portuguesa**. FOLHA/AURÉLIO, São Paulo, Ed. Nova Fronteira, 1994/1995.
- FERREIRA, J. P. Cultura é memória. **Revista USP**, n. 24. São Paulo, 1994/5.
- FURTADO, L. G. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia**, vol. 6, n. 1. Pará, 1990.
- GARRIDO, M. **Fazenda dos Ingleses no litoral norte de São Paulo** (um bocado de história). Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, São Paulo: Ed. Danúbio, 1988.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- GODELIER, M. In: CARVALHO, E. de A. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, Antropologia, São Paulo: Ed. Ática, 1981.
- GUERRIERO, N./XIXICO. **Carapirás: entendendo o peixe de Boiçucanga**. São Paulo: Via das Artes, 1994.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo, Ed. Vértice, 1990.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna, Parte III**, São Paulo: Ed. Loyola, 1994.
- HUMMEL, O. A. Relatório da Exploração do Littoral de S. Sebastião e do rio Juquery-querê e seus afluentes. Relação geral dos trabalhos executados. **Exploração do Rio Juqueryquerê**, 2a. edição, São Paulo, 1919.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S. e GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1994.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: 5ed., Ed. Hucitec, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Ciência do concreto. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Estructuralismo y ecologia**. Barcelona: Editorial Anagrama,

- Cuadernos Anagrama, 1974.
- MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação ou de como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, R. (org.). **A aventura Antropológica**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2 ed., 1988.
- MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Série Princípios. Ed. Ática, 1986.
- MALDONADO, S. C. Antropologia Marítima, comunicação e Cultura: algumas reflexões. **Cadernos Paraibanos de Antropologia**, 1988.
- MALDONADO, S. C. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples. Pesca artesanal: tradição e modernidade. **III Encontro de Ciências Sociais e o mar**. São Paulo: NEPAUB/USP, 1989. 29-36.
- MALDONADO, S. C. **Mestres & Mares**: espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume Editora, 1994.
- MALUF, S. **Encontros Noturnos**: Bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993.
- MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: 5 ed., Ed. Hucitec, 1986.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**., São Paulo: EDUSP, 1974, vol. II.
- MENESES, A. B. de. Memória: matéria de mimese. **As faces da memória**. Coleção Seminário 2. Campinas/SP: UNICAMP/CMU, s/d.
- MENEZES, E. D. B. de. O imaginário popular do sertão: rumos para uma pesquisa em Antropologia Histórica. **Revista de Ciências Sociais**, v. XXIII/XXIV, nos. (1/2), Fortaleza, 1992/1993.
- MINAYO, M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, S. e GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1994.
- MORIN, E. *do* Os duplos jogos do conhecimento. **O método**. América/Portugal: Publicações Europa, 1991.
- MOTTA, A. B. Notas sobre a visão de mundo do camponês brasileiro. **Revista Ciências Sociais**, vol. X, ns. 1 e 2, Fortaleza, 1979.
- MUSSOLINI, G. Cultura Caiçara. **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- PELOSO, S. **O Canto e a memória**: história e utopia no imaginário popular *brasileiro*, São Paulo: Ed. Ática, 1996.

- PITTA, D. P. R. Sociologia do imaginário. *Ci. & Tróp.* 3 (1): 65-72, Recife, 1975.
- POLLACK, M. Memória e identidade Social. In: **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro: Vértice, 1992.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSOM, O. de M. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, Ed. Vértice, 1988.
- QUEIROZ, M. I. Reflexões sociológicas sobre o imaginário. **O imaginário em Terra Conquistada**, *Textos 4, 2a. série*, 1993.
- QUEIROZ, R. da S. **Apresentação da Revista Imaginário do NIME/USP**, n. 2, São Paulo, 1995.
- RIZZINI, C. T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**: manual de Dendrologia brasileira, São Paulo, Ed. Edgard Blücher Ltda e Ed. da Universidade de São Paulo, 1971.
- SAMPAIO, T. Peregrinações de Antônio Knivet no século XVI. In: **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1897.
- SCHMIDT, C. Coordenadas Astronomicas de S. Sebastião. **Exploração do Rio Juqueryquerê**, 2a. ed. São Paulo, 1919.
- SCHMIDT, M. L. S. O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva. **Imaginário**. Revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória/ USP, n. 2 São Paulo, 1995.
- SETTI, K. **Ubatuba nos cantos das praias**: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical. São Paulo: Ed. Ática, 1985.
- SILVA, G. O. **Tudo que tem na terra, tem no mar**: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1989.
- SILVA, L. G. S. da. **Caiçara e Jangadeiros**: cultura marítima e modernização no Brasil. São Paulo: CEMAR/USP, 1993.
- SIQUEIRA, P. **Genocídio dos caiçaras**. Massao Ohno-Ismael Guarnelli/Editores, 1a. ed., 1984.
- SCHMIDT, C. **Exploração do Rio Juqueryquerê**, Coordenadas Astronomicas de S. Sebastião. 2a. ed. São Paulo, 1919.
- TEIXEIRA, C. C. Seringueiros e colonos: encontro de culturas e utopias de liberdade em Rondônia. **Tese de doutorado**, Campinas/SP, IFCH/UNICAMP,

s/d.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VERÍSSIMO, J. **A pesca na Amazônia**. Universidade Federal do Pará, 1970.

Von Ihering, R. **Dicionário dos animais do Brasil**. São Paulo, Ed. Universidade de Brasília, 1968.

WOORTMANN, E. F. O ambiente e a mulher: o caso do Litoral do Rio Grande do Norte. **Tokyo/Japan, Latin American Studies**, 1992.

WOORTMANN, E. F. Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 18, ano 7, 1992.

WOORTMANN, E. F. Família, mulher e meio ambiente no seringal. **ANPOCS**, 1996.

ANEXO REFERENTE AOS CAPÍTULOS⁴⁵:

Capítulo III

Lista de produtos cultivados na roça

Abóbora - Cucurbita pepo

Amendoim - Arachis hypogaea

Arroz - Oryzia sativa

Batata doce - Ipomola batatas

Café - Coffea arabica Feijão (roxinho, carioca, branco, miúdo e guandú)-
Phaseolus vulgaris

Cará (cará mimoso)- gênero Dioscorea Milho - Zea mays

Cana - Saccharum officinarum

Cebola branca e roxa - Allium cepa

Machucho (ou chuchu)- Sechium

Mandioca (ilhéu, macaé, vassorinha e roxa)- Manihot utilíssima

Melancia

Pepino - Cucumis sativus

Lista de ervas medicinais

Alecrim (para acalmar) - Rosmarinum officinalis

Alho e vinagre (dor de barriga)- Allium Sativun

Alpiste

Angélica (banho) - Angelica archangelica

Arapronobre (furúnculo e erisipela)

Arnica (cicatrizante) - Arnica montana

Aroeira (dor de barriga) - Equinus molle

Arruda (banho) - Ruta graveolens

Beladona (dor de cabeça e tosse) - Atropa beladona

Boldo (fígado) - Coleus barbatus

Caiapiá (banho para mulher de resguardo)- Dorstenia Brasiliensis

Camomila (cólicas intestinais) - Matricania camomila

Canema ou erva santa (vermes)

⁴⁵ Os nomes das espécies vegetais e animais que aparecem aqui foram retiradas das entrevistas. Não foi possível encontrar todos os nomes científicos para os diversos elementos aqui apresentados.

Caroba (para sarna)- família das bignoniaceas
Carqueja (dor de cabeça) - *Bacharis sp*
Cidrão (calmante) - *Andropogon schoenanthus*
Erva baleeira (reumatismo)- gênero *Cordia*
Erva cidreira (calmante) - *Melissa officinalis*
Erva cruz (banho para corrimento, uso ginecológico)
Erva doce (cólicas infantis)- *Pimpinella anisum*
Erva dormideira (calmante) - *Papaver sonifera*
Erva de João (desintéria) - *Ageratum conyzoides*
Erva juntinha (banhos)
Erva moura - *Solanum Nigrum*
Erva Santa - *Lantana Camara Taioba* - *Xanthosoma violaceum*
Folha de amora (desinchar dente) - *Morus nigra*
Folha de batata branca (desinchar dente)- *Solanum*
Folha de cana (pressão alta)- *Marmodica charantia*
Folha de canela (gripe)- *Annamomum zeylanicum*
Folha de carambola (diabete)- *Averrhoa carambola*
Folha e casca de goiba branca (dor de barriga)- *psidium Guayava*
Folha de chuchu (pressão alta)- *Sechium edule*
Folha de laranjeira (tosse)- *Citrus Auratium*
Gervão (para o fígado) - *Verbena jamaicensis*
Guiné (banho) - *Petiveria alliacea*
Hortelã (dor na barriga e verme) - *Curcuma zedoaria*
Jambolão (diabete)- *Syzygium Jambolanum*
Losna (estômago) - *Artemisia absinthium*
Manjerição (digestivo) - *Ocinum minimum*
Marcelina (qualquer tipo de dor)
Melão de São Caetano (febre e erisipela)- *Cucurbita Oodorifera Lellozo*
Mentraso (ferida e para inflamação) - *Ageratum conyzoides*
Mentruz (machucadura e para o pulmão)- *Chenopodium ambrosioides*
Pariparoba (fígado e enchaço)`
Pata de vaca (diabete) - *Bauhinia forticata*
Pé de galinha (desinchar dente)

Penicilina (para isipela)

Picão (anemia) - *Ilumbago litoralis*

Pitanga - *Stenocalyx micheii*

Poejo (gripe) - *Mentha pulegium*

Quaco (gripe) - *Mikania glomerata*

Raiz da uva (diabete)- *Vitis vinifera*

Rosa branca (para os olhos) - *Rosa alba*

Salsinha (para a urina)- *Petroselinum Sativum*

Sete sangria (circulação do sangue e dor de barriga)- *Cuphea Ingrata*

Tansagem (gargarejo)- *Plantago Major*

Vassoura da rainha (banho)- *Sida Carpinifolia*

Lista de pássaros

Andorinha - *Phaetusa chloropoda*

Arutágua

Bonito - *Chlorophonia cyane*

Canarinho - *Serinus canarius L.*

Coruja - *Speotito cunicularia grallaria*

Dorminhoco - *Nyctanassa violacea cayennensis*

Gavião

Guaxe - *Cassicus haemorrhous*

Jacú - *Cumana ou Pipile*

Jacutinga - *Pipile jacutinga*

Jurutí - *Leptotila Verreauxi*

Macuco - *Tinamus solitarius*

Nambú - *Crypturellus notivagus*

Papagaio - *Amazona brasiliensis*

Pavoa - *Pavo cristatu Lin*

Piriquito - *Tirica chiriri*

Sabiá (sabiá preto, sabiá gútia, sabiá colera, sabiá laranjeira) - *Turdus albicollis*

Saíra - *Calospiza*

Sanhaço - *Tanagra*

Sundara

Tucano - *Ramphastous vitellinus*

Tié (tié sangue) Família dos traupídeos

Urú - *odontophorus capueira*

Lista de frutos silvestres

Bocaparí

Cambuci - *Paivaea landsgorffii*

Côco (jurubá, brejaúva, tucum, indaiá, azedinho - vermelho e verde) -
Astrocaryum aculeatissimum

Grão-de-galo

Guacá

Guapeva ou guapeba - *Lucuma laurifolia*

Guiné - *Petiveria tetrandra*

Ingá - *Inga sessilis*

Uvapã

Lista de animais

Anta - *Tapirus americanacus*

Bicho preguiça - *Bradypus tridactylus*

Capivara - *Hydrochoerus hydrochoerus*

Cobra (arutú, jibóia, caninana, cipó, jaracuçu, jararaca, coral) - *Bothrops*,
Drymobius, *Micrurus*

Cutia - *Dasyprocta aguti* e *D. azarae*

Gambá (também chamada de raposa) - *Didelphis marsupialis*

Guaxinim - *Procyon cancrivorus*

Jaguaritica - *Felis pardalis chibigouazou*

Lagarto -

Lebre - *Sylvilagus minenis*

Macaco (mono, prego, bugio) - *Cebus apella*, *Eriodes arachnoides*, *Cebus*,
Alouatta

Onça (veadeira, pintada, sussuarana e parda) - *Felis onsa*

Ouriço - *Coendou villosus* e *coendou roberti*

Paca - *Cuniculus paca*

Porco do mato -

Quatí - *Nasua solitaria solitaria*

Tamanduá - *Myrmecophaga jubata*

Tatu - *Euphactus sexcinctus*

Veado - *Hippocamelus* ou *Dorcelaphus*

Lista de árvores

Arucurana

Cambarco (?)

Canela preta - *Ocotea Corymbosa*

Caúna - *Ilex microdonta*

Cedro - *Guarea trichilioides* L.

Gracuí - *Hymenolobium janereisence*

Guaricana ou **guaricanga**- *Geonoma spixiana*

Ipê - *Tecoma ipe*

Jurubá

Jequitibá - *Cariniana legalis*

Lelo

Palmiteiro (legítimo e amargo) - *Euterpe edulis*

Sapopema - *Ceiba pontandra*

Taquaruçu - *Guadua superba*

Turumã ou **tarumã** - *Vitex orinocensis*

Capítulo IV

Lista de espécies que vivem no mangue

Caranguejo (cabeludo e guaiamú)

Caramujo

Ostra - *Ostrea virginica* gmelin

Siri

Lista de pássaros

Biguá - *Carbo vigua*

Cachaca

Colhereiro - Cijaia ajaja (L.)

Coruja

Garça (branca e cinza)

Martim pescador - Ceryle torquata

Maturí⁴⁶

Pato d'água

Saracura

Socó - Ardea brasiliensis

Sundara

Lista de plantas

Caraguatá - Ananás muricata

Guanxuma - Urena lobata

Taboa - gênero Typha

Capítulo 5

Lista de peixes

Amborê - Gobriídeos

Bagre (medela, gunguito, cangatã, urutú e branco) - Tachysurus, Genidens e

Baiacu - Plectognatos, Gimnodontes

Camarão (lagosta, cutipaca, pitu) - Bithynis

Cará (cará bandeira) - Geophagus surinamensis

Caranha - Salema rhomboidalis

Carapeba - Moharra rhombea

Carapicú - Eucinostomus

Cascudo - Loricariídeos

Corcoroca - Haemulon

Jundiá - Rhamdia

Lambarí - Tetragonopterus

Mandí (mandí chorão) - Pimelodus blochil

Mapará (?) - Hypophthalmus edentatus

⁴⁶ É o mesmo que o socó, segundo um entrevistado. É chaamado de maturí, no nordeste.

Mero - *Promicrops itaiara*

Parati (guaçú, bambinho, rabo-preto) - *Mugil brasiliensis* e *Mugil trichodon*

Piaba - *Acara*, *Astronotis*, *Achlasoma*, etc.

Robalo (branco) - *Centropomus undecimalis*

Felichthys

Siri - Decápodes *Brachyuros*

Tainha - *Mugil trichodon*

Traíra - *Hoplias malabaricus*

Capítulo 6

Lista de peixes e outras espécies conhecidas pelos caiçaras

Arraia (arraia prego) - *Myliobatis aquila*

Bagre (guri, cangatã, sari, de favo, mulato velho, raqueti) - *Tachysurus*, *Genidens* e *Felichthys*

Badejo (gudião, de batata) - *Epinephelus ruber*

Baiacú - *Plectógnatos*, *Gimnodonte*

Baleia - *Sibbaldus gray*

Betara - *Menticirrhus americanus*

Bonito (banana, calderão, gudião) - *Gymnosarda alleterata*

Camarão (sete-barba, grande, santana, rosa, legítimo, vermelho) - *P.* (*Xiphopenaeus Kroyeri*, *Penaens brasiliensis*, *Penaens setiferus*)

Cambeva - *Trichomycterus Val.Larimas breviceps*

Caçõ (martelo, enrolador, babaqueiro, foguete, anjo, viola, elétrico, bagre) - *Pleurotremados* - *Squatina squatina*, *Squalus beainvillei*

Canguauá - *Stellifer* e *Bairdiella*

Carapau - *Decapterus macarellus*

Cavala - *Scomberomonus cavalla*

Corcoroca - *Haemulon*

Corvina - *micropogon*

Dourado - *Salminua brevidens* (Cuv.)

Embetara - *Menticirrhus americanus*

Enchova - *Pomatomus saltatrix*

Espada - *Trichiurus lepturus*

Galhuda - *Trachinotus palometa*

Galo - *Selene vomer*

Garopa - *Epinephelus*

Golfinho - *Delphinus delphis*

Leitoinha

Linguado - *Heterosomata*

Lula - *Loliginídeos*

Mamangava

Manjuba - *Anchoviella fowl*

Maria Luiza

Marumbá

Moreia - *Gymnothoral moringa*

Mulata - *Ocyurus chrysurus*

Obeba - *Larimas breviceps*

Olho de cão - *Priacanthus arenatus*

Pampa

Parati - *Mugil brasiliensis* e *Mugil trichodon*

Parú - *Paprilus paru*

Peixe pedra

Peixe-porco - *Plectógnatos*

Peixe voador - *Exocoetus volitans*

Pescada (cambucú, branca, banana, inglesa, pão, grande, bicuda) - *Aynoscion*

Pirabizú

Prejereba - *Lobotes surinamensis*

Robalo - *Centropomus unidecimalis* Roncador - *Conodon nobilis*

Robalo branco - *Centropomus unidecimalis*

Roncador - *Conodon nobilis*

Sororoca - *Scomberomonus maculatus*

Sainhapê

Sardinha (comum e cascuda) - *Clupeídeos*

Tainha - *Mugil trichodon*

Tortinha -

Tartaruga - Chelone e Talassechelys caretta

Tubarão (branco, tintureiro e alequim) - Sláquios pleurotremados

Vermelho - Lutjanus aya (Blo.)

Xarelete - Caranx crysos (mit.)

Xaréu - Caranx Lac.

GLOSSÁRIO*

A

Abusar. Passar dos limites, exagerar.

Adepois. Depois

Ardentia. Brilho emitido por alguns peixes, principalmente aqueles que possuem cor prateada (sardinha, tainha, e outros), durante a noite.

Arma. Alma

Arutágua. Pássaro que, ao cantar, anuncia a morte; mau presságio.

Arvorçar. Alvorçar, agitar, alterar.

Azul marinho. (Culinária) prato típico caiçara. Feito com peixe e banana verde

B

Baita gargalhada. Gargalhada expressiva, alta, escandalosa.

Barberagem. Erro por descuido.

Batalhê. Batalhou, lutou para conseguir algo.

Bate-bunda. Técnica de pesca que consiste em bater com as nádegas no assento da canoa para fazer a tainha saltar dentro da canoa.

Bate-galho. Técnica de pesca que consiste em bater nos galhos de árvores, próximas ao mangue, para espantar as tainhas em direção à rede.

Bate-jangada. Técnica de pesca que consiste em bater com o remo em um lado da canoa para fazer com que a tainha pule dentro da canoa.

Beira da estrada. Perto da estrada, à margem da estrada.

Beira do mangue. À margem do mangue

Bobagem. Algo sem importância, besteira.

Boca da barra. Local onde o rio encontra-se com o mar.

Boniteza. Beleza, bonita.

Buta. O mesmo que baita; grande; bastante.

C

Cais. Ponte onde se ancora barcos e canoas, feito de madeira.

Canoa de voga. Meio de transporte, feito de madeira com mais ou menos três

**As palavras e expressões contidas no glossário aparecem nas entrevistas transcritas para este trabalho.

remos de cada lado, para viagens a longa distância, por exemplo de Caraguatatuba a Santos. Essa canoa existiu até meados desse século.

Capóro. O mesmo que caipora, pora. Entidade fantástica, dono do mato, protetor dos animais e plantas.

Catava. Pegava.

Causo. Fato ocorrido, fato verídico.

Chiado. Som prolongado.

Ciência. Conhecimento antigo transmitido pelos mais velhos, verdade.

Cismada. Desconfiada.

Clarão. Claridade repentina, muita claridade.

Consertar peixe. Limpar o peixe.

Cotovelo do rio. Ponta sinuosa do rio, curva do rio.

Cutucar. Espetar

D

De primeiro. Antigamente

Desincantar. O mesmo que desencatar, virar, transformar.

Desorientado. Sem direção, perdido.

Devorá. O mesmo que devorar; acabar, comer tudo.

Dia clarendo. Amanhecendo

Dó. Piedade, pena

E

Eco na terra. Barulho na terra, vibração.

Empacotô. O mesmo que empacotou; lutou com, enleou com.

Esperando criança. Grávida

Estragar. Deteriorar, apodrecer.

F

Fachiar. Técnica de pesca utilizando a fisga e luz de vela, ou lamparina com carporeto para pescar tainha.

Fartura. Abundância

Fazer boniteza. Agradar.

Fazer penitência. Pagar promessa;

Fez um voto. Prometeu, promessa

Filha da puta de bicho. Bicho esperto, sorrateiro.

Fisga. Instrumento penteagudo utilizado para pescar.

Furmusura. O mesmo que formosura, formosa, beleza.

Fundura. Profundezza, fundo

G

Galo canta. Está amanhecendo

Ganancioso. Ambicioso; aquele que quer ter mais do que necessita.

Grudada. Junta, unida.

H

História. Algo não ocorrido, mentira.

I

Infiar. O mesmo que enfiar, colocar em; por a mão ou algo em.

J

Judiava. Maltratava.

L

Lagrimente. Tristemente.

Lanço. Lugar, ao longo do rio, onde encontrava-se bastante peixe, lugar secreto.

Lascô. O mesmo que lascou, cortou, repartiu.

Lenda. História irreal, mentirosa.

Lombo do morro. Parte mais saliente do morro.

Lorota. Papo furado, mentira.

Lugar mais quieto. Lugar tranquilo

M

Malhá. O mesmo que malhar, bater em; sacudir.

Manda-chuva. Dono; aquele que manda.

Mar bravo. Mar agitado, com vento forte.

Mar Chiado. Com barulho

Mar encrespado. Com vento

Mar liso. Sem vento.

Manhece. O mesmo que amanhecer, início do dia.

Matagal. Cheio de mato

Medrosa. Temerosa, com medo.

Mistura. Alimento que acompanha o feijão e o arroz: peixe, carne, etc.

O

Ovinha. Ova de caranguejo.

P

Partejar. Fazer o parto; ajudar a dar a luz.

Peralá. Espera aí, calma, atenção.

Perferir. O mesmo que preferir.

Piá. Canto de pássaro.

Poco caso. Não estar nem aí, não ligar, não dar atenção.

Pora. O mesmo que caipora.

Porção. Muito, bastante.

Porto. Lugar onde as pessoas pescam, lavam roupa e louça, ancoram seus barcos e canoas, as crianças brincam. Geralmente localizam-se em frente as casas dos caiçaras.

Puçá-coca. Rede cônica para pesca.

R

Rabo de galo. Forma das nuvens quando anunciam chuva.

Ratada. Erro.

Ratoeira. Armadilha para pegar caraguejo, feita de madeira.

Remedô. O mesmo que arremedou, imitou,

Reparar. Observar.

Roncava trovoadas. Trovejava.

S

Sabido. Esperto, inteligente.

Sacrificada. Doente, sofrida.

Sacudia. V. Sacudir, chacoalhar.

Sartô. O mesmo que saltou, pulou.

Siná. O mesmo que sinal.

Sundara. Pássaro que ao cantar trás maus presságios.

Supetão. De repente, subitamente

T

Talho. Corte.

Terralão. Vento, no mar, que anuncia a manhã.

Toca. Buraco onde fica o caranguejo.

Travessô. O mesmo que atravessou, passou para.

Troço. Algo, coisa.

V

Varar a noite. Ficar acordado, ficar sem dormir.

Vazando. O mesmo que vazante, que vaza.

Vertente do morro. Declive do morro.

Viravorta. O mesmo que reviravolta; mudança repentina, brusca.

Visitar a rede. Ver a rede que deixou armada no dia anterior.